

# REVISTA DO BRASIL

RUA BOA VISTA, 52 — Cx. 2-B — S. PAULO  
Assignaturas: Anno — 20\$000; Extrangeiro — 25\$000  
Numero avulso — 1\$800.

## SUMMARIO do n.º 60 — Dezembro, 1920.

No mundo dos sonhos . . . . .	291
Maria Magdalena . . . . . BAPTISTA CEPellos . . .	303
Luiz Gama . . . . . CANDIDO FREIRE . . . . .	319
Castigo . . . . . LACERDA PINTO . . . . .	335
Um artigo prohibido ás crian- ças . . . . . ARISTIDES RABELLO . . . . .	338
Excerptos do diario de André Rebouças . . . . .	342
Academia Brasileira de Letras ARTHUR MOTTA . . . . .	348
Bibliographia . . . . . BRENNO FERRAZ . . . . .	362
RESENHA DO MEZ: — Carta paulista — As conse- quencias do urbanismo — Caçadoras de maridos . . . . .	374
CARICATURAS DO MEZ . . . . .	382

S. Paulo

1920

Rio

# SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com  
A PASTA RUSSA do Doutor G. Ricabal.

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o  
DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar  
damno algum a saude da MULHER. — "Vide os attestados e  
prospectos que acompanham cada Caixa.

Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e  
CASAS DE PERFUMARIAS do Brasil.

➤ AVISO — Preço de uma Caixa 8\$000, pelo Correio mais  
2\$000. Pedidos ao Agente Geral,

**J. DE CARVALHO** — Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro  
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.)

# Gravidez

EVITA-SE usando os PESSA-  
RIOS AMERICANOS; são in-  
offensivos, commodos, de ef-  
feito seguro e antisepticos. —  
Encontram-se á venda nas  
principaes DROGARIAS de S.  
Paulo.

➤ AVISO — Remette-se registrado pelo Correio, para qual-  
quer parte do Brasil, mediante a quantia de 8\$000,  
enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao  
Agente Geral

**J. DE CARVALHO** — CAIXA POSTAL N.º 1724  
— RIO DE JANEIRO —

# ASTHMA

O Especifico do Doutor Reyngate, notavel Medico e Scientista  
Inglez, para a cura radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, De-  
fluxos, Bronchites, Catarrhaes, Coqueluche, Tosses rebeldes, Can-  
saço, Suffocações, é um Medicamento de valor, composto exclusi-  
vamente de vegetaes, não é xarope, nem contém ioduretos, hem  
morphina e outras substancias nocivas á saude dos Astmaticos.

"Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco".

Encontra-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drogarias de  
São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. - Rio de Janeiro

# BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

**BYINGTON & CO.**

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



# ETABLISSEMENTS

---

---

:: Société  
Anonyme

# Bloch

---

au Capital de 4.500.000 fracs. ———

-----  
**FAZENDAS  
E TECIDOS**  
-----

**RIO DE JANEIRO**

116, Rua da Alfandega

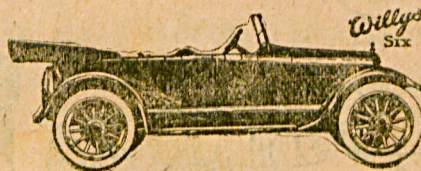
S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——



Officinas e Garage Modelo

**DIAS CARNEIRO & C.**



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e  
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para  
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS  
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria  
Carrosserie — Vulcanisação —  
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encomenda com  
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Cl. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

**RUA 7 DE ABRIL N. 38**

**AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20**

**São Paulo**

CANTO LIBERO BADARO'

# MACHINAS E ACCESSORIOS

## Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM:

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas correias para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

### Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO



## EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6. <sup>a</sup> edição . . . . .	4\$000	5\$000
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. <sup>a</sup> edição . . . . .	4\$000	5\$000
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, crítica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. <sup>a</sup> ed. . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	—	3\$500
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	10\$000	12\$000
AMOR IMMORTAL, romance por <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3. <sup>a</sup> edição . . . . .	4\$000	5\$000
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—
ANNAES DE EUGENIA, organizados pelo <i>Dr. Renato Kehl</i> . . . . .	8\$000	—
VÃO NUPCIAL, interessantissimo romance por <i>Albertino Moreira</i> . . . . .	3\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2. <sup>a</sup> edição . . . . .	3\$000	4\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
OS CABOCLAS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	4\$000	5\$000

Pedidos aos editores: MONTEIRO LOBATO & C.<sup>IA</sup>

CAIXA, 2-A — S. PAULO

: : Pedidos para o interior, mais 10 % para o porte : :

## Narizinho Arrebitado,

livro para creanças, por  
Monteiro Lobato, com de-  
senhos de Voltolino, a tres  
côres . . . . . 3\$500

Pedidos á

**REVISTA DO BRASIL**



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—  
Casa franceza de

**L. GRUMBACH & CIA.**

—  
Rua de São Bento N.º 89 e 91

**SÃO PAULO**



# REVISTA DO BRASIL

===== DIRECTOR: MONTEIRO LOBATO =====

N.º 60

DEZEMBRO, 1920

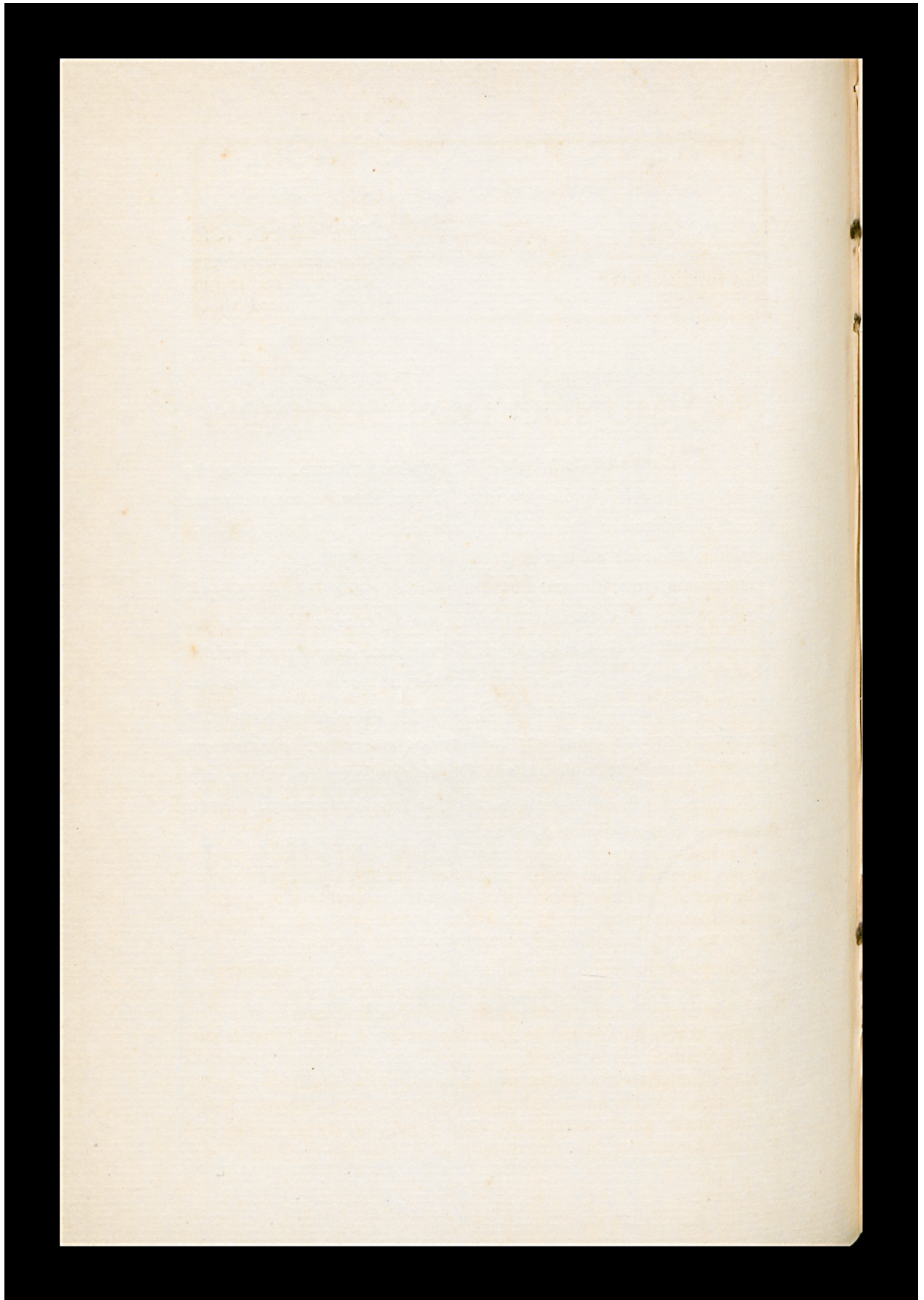
---

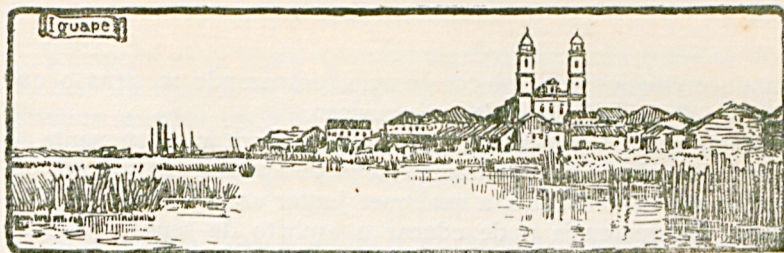
*Completa com este numero o seu quarto anno de existencia a "Revista do Brasil".*

*Forma já uma bibliotheca de doze grossos volumes onde se ha enthesourado muita coisa preciosa. E continuará a mesma senda de independencia e honestidade fiada em que o publico não lhe negará o apoio de até aqui.*

*Aproveita, pois, o momento para agradecer aos seus assignantes e collaboradores o concurso precioso que a fez viverdoira neste periodo calamitoso de alta do papel. Só ella, das congeneres, resistiu á crise intensa. O Brasil, é triste notal-o, só possui hoje uma publicação deste genero, a nossa. E para que inda esta não sossobre mister se faz que todos nos colliguemos em redor, teimosos em mantel-a como padrão de cultura. Ou de simulação de cultura, não importa. Paiz que não tem uma, não faz feio tendo outra. O máo é não ter nem uma nem outra...*







## NO MUNDO DOS SONHOS

(Conferencia proferida no Centro Republicano Portuguez)

Vamos penetrar no dominio dos sonhos.

Dormindo entramos em uma moradia sombria e mysteriosa e refugiamo-nos no fundo de nós mesmos, longe dos ruidos e das vistas do mundo, e nos mergulhamos no abysmo do inconsciente, desligados da vida activa, — das nossas alegrias e das nossas tristezas.

Nessa região de sombras, nessa “meia vida e meia morte”, como a denominava o divino Platão, de quando em vez fantasmas surgem no nosso espirito, nuvens fugidias percorrem os reconditos da nossa consciencia e recordações dispersas, fragmentarias, tecem-se na talagarça das nossas cellulas, como um reflexo longinguo, afastado, de momentos da nossa existencia, da nossa actividade e das nossas sensações. São os sonhos.

O estudo dos sonhos tem um sabor especial, um interesse particular e, emprehendendo-o em vossa amavel companhia, esperamos esclarecer algumas duvidas do vosso espirito e chamar a vossa preciosa attenção para pontos obscuros e curiosos que, provavelmente vos têm passado despercebidos á observação.

A questão do sonho preoccupa aos philosophos, é do dominio dos physiologos, attrahe aos charlatães, inspira a poesia e posue, sobretudo, como encanto, uma pontinha de mysterio, que lhe dá uma graça, uma seducção, que não escapa a quem penetra em seus dominios.

Não estudaremos o sonho nem como os philosophos, nem como os medicos, nem como os literatos, nem como os occultistas, mas, de um modo geral respigando, aqui e alli, as vossas notas, as vossas observações, as vossas leituras e fazendo-vos entrar no

mundo mysterioso da sub-consciencia, procurando mostrar o que nella ha de mais lindo e de mais curioso.

Desta maneira pensamos preencher, embora modestamente, o programma das conferencias iniciadas pela utilissima associação, em que nos encontramos, a qual quer juntar aos seus valiosos titulos de benemerencia o de educar o espirito de seus socios, assumindo as funcções de universidade popular. Isto deve ser para todos nós motivo de jubilo, satisfação e contentamento por vermos criado em São Paulo mais um centro de cultura, praticada na bellissima lingua que, no Brasil, nada perdeu da sua antiga solidez e da sua augusta majestade, antes ganhou um brilho novo, uns ares de mocidade, aos beijos amorosos e quentes do seu filho mais novo.

### NATUREZA DO SONHO

Antes de entrar propriamente no dominio dos sonhos, faz-se mister uma ligeira ideia a proposito do somno.

Abordando este assumpto, com desalento vos confessamos que, a despeito de numerosos estudos de laboratorio, das observações, accumuladas durante seculos, não sabemos positivamente por que dormimos. Numerosas doutrinas reinam, em sciencia, para explicar o somno e, no entanto, nenhuma satisfaz nem fica ao abrigo da critica. O physiologista italiano Mosso procura explicar o somno por uma modificação na circulação cerebral; o allemão Preyer por uma intoxicação do centro nervoso causada por venenos produzidos pelo trabalho do organismo; Max Verworn por uma inibição cellular; os francezes Duval e Lepine por um encurtamento nos ramusculos dos elementos que entram na constituição do cerebro.

Todas estas hypotheses têm os seus prós e contras, porém não satisfazem á totalidade dos casos; o problema do somno permanece insolúvel, desafiando a sagacidade dos sabios, como uma nova sphinge thebana.

Se pouco ou quasi nada sabemos do somno, o que saberemos do sonho, que é uma consequencia, uma resultante deste?.

Os sabios modernos têm despojado os sonhos dos europeis do maravilhoso que os envolviam, têm-lhes tirado o manto do sobrenatural que os protegia, e com a minucia e a paciencia dos benedictinos procuram, na clinica e no laboratorio, dissociar os elementos provocadores do sonho, estudando-os, um a um, com o rigor que o machinista estuda, peça por peça, um engenho desconhecido que lhe cáe sob as mãos.



A despeito de já se ter resolvido algumas faces da questão, como no caso do somno, ha muita cousa a ser ainda descoberta e um nevoeiro espesso encobre a essencia do sonho, como aquella neblina que as fadas lançavam ante os olhos dos cavalleiros andantes, quando lhes queriam esconder a princeza dos seus amores.

Mas a scencia avança, o progresso caminha, a intelligencia aperfeçoa-se, os methodos modificam-se e um dia alcançaremos a meta buscada.

Desde da epoca mais remota os philosophos procuraram interpretar o phenomeno do sonho e, desconhecendo o mechanismo das funcções cerebraes, nada sabendo de psychologia, appellaram para o sobrenatural, para a concepção animista, a mais simples, embora a menos verdadeira.

Desta phase, que poderemos chamar, adoptando as ideias comtêanas, de theologica, a difinição representativa se encontra em Aristoteles que escreve ser o sonho de origem demoniaca. Desde aquelle philosopho, são numerosissimos os trabalhos publicados a proposito do sonho e, para não citar senão os modernos, mencionaremos os de Vaschide, Tissie, De Sanctis, Flammariion, H. Ellis, Ingenieros, Maury, Vold, Freud e o do nosso Franco da Rocha, que, na sua preciosa monographia sobre o "Pansexualismo" escreve ponderadas e instructivas paginas sobre sonhos onde, aqui e alli, se registra a nota sua pessoal de notavel observador.

De uma maneira synthetica, para não desfiar doutrinas que se tornarão enfadonhas, pode-se resumir do seguinte modo a quasi totalidade da opinião dos contemporaneos sobre os sonhos; para elles, o phenomeno se explica por um desgoverno mental; durante o sonho as cellulas cerebraes como que se anarchisam e se revoltam e não obedecem mais ao rythmo e á regra do bem pensar. E' como se transferissimos o cerebro de um louco para a cabeça de um ente normal, dotado de um psychismo sem mancha.

Razão, pois, assistia a Erasmo, quando affirmava que, todos nós, possuímos um grãosinho de doidice.

Esta doutrina da desorganisação mental chegou ao ponto de certos experimentadores como Maury, para explicar o sonho, irem buscar exemplos nos dominios da pathologia nervosa, comparando-o com o choréa e escrevendo que o sonho está para a intelligencia como a choréa, a dança de São Vito, para o nosso systema locomotor.

Quem, porém, deu sobre o sonho uma explicação curiosissima, cheia de novas luzes foi o notavel psychologo allemão Freud.

Vamos dar a palavra a Franco da Rocha, que, profundo conhe-



cedor das theorias freudianas, vos explicará, em poucas palavras, a concepção interessantissima do sabio germanico.

“Freud percebeu que os sonhos, como os symptomas das nevroses, são resultados da emergencia das tendencias affectivas na consciencia do sujeito adormecido; que as tendencias e desejos banidos da esphera psychica, na vigilia, forcejam por voltar durante o somno, mas o fazem com disfarce e complicações difficeis de serem desmascaradas.

Dahi a sua formula: *o sonho é uma realização de desejos*”.

Nestas condições, o fito, o objectivo do sonho é um desaguardamento de emoções iniciadas no estado de vigilia, emoções que não se epilogramam, não chegaram a termo.

Os materiaes formadores dos sonhos são colhidos em variadissimas fontes; recordações, ideias, excitações soffridas pelo tegumento externo, dôres e emoções, as quaes formam, por assim dizer, a substancia *plastica* com a qual o cerebro, como esculptor de nova especie, concretisará imagens novas e variadas.

Isto demonstra que, no sonho, não existe nada de sobrenatural; elle é um producto da nossa propria consciencia, da nossa actividade mental, e tinha razão de sóbra um dos nossos inspirados poetas, quando recitava estes versinhos sonóros e expressivos:

“O sonho e a vida são dois galhos gemeos;  
São dois irmãos que um laço amigo aperta...”

### O SONHO NOS ANIMAES, NAS CRIANÇAS E NOS ADULTOS

Como quasi todas as funcções do organismo, o sonho não é um apanagio do homem; elle se registra nas especies animaes.

Os gregos sabiam que os animaes sonhavam e esta ideia se encontra nas obras mais antigas e nos sabios mais reputados. Assim Plutarco, nas suas “Obras Moraes”, traçou paginas admiraveis sobre o desenvolvimento dos animaes, donde se deduzem conclusões instructivas sobre o seu psychismo, conclusões que esclarecem de certo modo o phenomeno do sonho.

Infelizmente a nossa observação sobre o sonho dos animaes tem que se circunscrever ás especies denominadas domesticas, que cahem sobre a nossa observação e que nos permittem notar as expressões reveladoras do processo psychico.

As aves, os cavallos e os cães não ha duvida que sonham e isto o demonstram elles por certos jogos de expressão, certos gestos,



certas maneiras de agir que não nos podem enganar. Nos cães o phenomeno se passa com a maior nitidez e a physionomia do animal, quando sonha que se alimenta, não é a mesma que quando sonha estar deante de uma scena que o aterrorisa, ou que o enche de pavôr. As senhoras que se dedicam aos cães de luxo sabem perfeitamente quando estes felizes animaesinhos se engolfam em sonhos agradaveis ou se agitam em meio de pesadelos, deixando-os dormir no primeiro caso e acordando-os si pensamentos negros lhes percorrem o cerebro.

Os tratadores de cavallos de corridas interpretam, pelos movimentos physionomicos do animal, o que no sonho se está passando.

No homem a maneira de sonhar é diversa conforme a idade; a criança não sonha como adulto, nem o adulto como velho.

As crianças começam geralmente a sonhar depois dos quatro annos e os seus sonhos são tanto mais expressivos quanto mais desenvolvida lhes fôr a intelligencia. Os debeis de espirito, os idiotas, iniciam os sonhos em idade mais tardia; os seus sonhos são simples, destituídos de vivacidade; ao contrario os sonhos de meninos de talento, que se apresentam mais complicados, estereotipando-lhes a evolução mental. Na infancia a lembrança do sonho varia com o gráo de emotividade de cada individuo: nuns o phenomeno passa como sombra, que fugiu para não mais voltar; noutros deixa traços, signaes que perduram por muito tempo.

No que se refere aos adultos, tem-se estudado, com afinco, a relação existente entre a profundidade do dormir e a riqueza do sonhar.

De Sanctis, no seu excellento livro "*Estudo clinico sobre os sonhos*", refere que as mulheres dormem muito mais superficialmente do que os homens, porém, que sonham mais do que elles, tendo os sonhos mais variados e imaginativos.

Isso pode ter uma explicação: os homens, pela sua actividade, cansam-se mais e, quando se deitam, dormem mais intensamente.

Metade dos homens sonha pouco, quarenta por cento frequentemente e os dez por cento restantes desconhecem a satisfação ou o desprazer do sonhar.

Na velhice, como é natural, quando quasi todas as funcções entram no crepusculo, as faculdades oniricas baixam ao mesmo tempo que se enfraquece a memoria dos sonhos. Os velhos sonham com o seu passado, com os feitos brilhantes da sua mocidade, com os dias faustosos de sua juventude, com aquelles que lhes semearam a estrada da vida de rosas ou que, agora, dormem sob os goivos tristonhos dos cemiterios. Na velhice viver é recordar e os que já trilharam o caminho tempestuoso da existencia pódem, nos momentos de tranquillidade, quando quizerem esquecer o pre-



sente e recordar os bellos tempos que se foram, recitar baixinho estes versos do nosso José Bonifacio;

“Quero sonhar... enquanto a lua  
Chorosa e triste pelo ceu fluctua...”

### SONHO E SUPERSTIÇÃO

Estudando as diversas obras sociologicas modernas deparamos que a maioria das crenças animistas, registradas nos diversos povos e em diversas idades, tem suas raizes e suas origens nos sonhos. Este facto, presentemente, ainda se mostra com toda a clareza nos povos que vivem em estado de semi-barbaria e na classe baixa, onde se acredita que os sonhos têm uma importancia capital nos destinos do homem e onde não é raro encontrar-se, ao lado dos livros de orações e dos manuaes culinarios, a “*Chave dos Sonhos*”.

No decurso da idade media, a influencia dos sonhos sobre a formação de certas lendas e de certos factos religiosos é incontestavel. A visão prophetica, tão commum nas epocas agitadas da existencia social, tem geralmente o seu fundamento num delirio onirico e tanto os grandes prophetas como as sybilas e os prophetas populares, do typo do sapateiro Bandarra, buscaram base para a adivinhação em estados de sub-consciencia que se revelaram pelo sonho.

A idéa da sobrevivencia após a morte, em muitos povos selvagens encontra, tambem, nascedouro no sonho. Para o espirito acanhado e circumscripto do selvagem o ver, durante o sonho, uma pessoa que já morreu é uma prova cabal de que ella ainda não se desfez completamente, mas existe, palpita como outr’ora, porque dormindo ouvimos as palavras suas, notamos as suas sensações, registramos os seus movimentos.

Deste facto nasceu uma serie enorme de superstições, fazendo crer que os espiritos durante o sonho se materialisam, vindo junto ás pessoas queridas revelar desejos ou guial-as na vida, impedindo que ellas soffram os ataques da sorte ou se desviem do caminho do dever e da felicidade.

Disto temos uma prova nos livros religiosos e nos poemas dos povos primitivos, onde encontramos, a cada passo, fantasmas criados pela imagianção de homem adormecido, guiando os destinos da humanidade como se fossem seres de carnes vibrateis, de nervos tensos e de sangue revoltos.

A humanidade é sempre a eterna criança, anciando pelo desconhecido.



## SONHOS PROPHETICOS

Os antigos davam muito valor aos sonhos chamados propheticos e, ainda hoje, os espiritas admittem que uma alma pode exercer uma influencia real sobre outra, á distancia e sem o intermedio dos sentidos. Para elles numerosas mortes tornaram-se conhecidas por meio de communações telepathicas, a distancias incalculaveis e impossiveis materialmente de serem transpostas dentro do tempo decorrido entre o facto realisado e a impressão que outra pessoa soffreu, tendo conhecimento delle.

A historia está cheia de observações onde se relatam sonhos propheticos.

Citaremos algumas consideradas como classicas.

Em Plutarco póde-se ler a tragica historia do assassinato de Cesar e o sonho permunitório que teve a sua mulher Calpurnia, que fez todo o possivel para que elle não fosse ao Senado, onde o punhal de Bruto o esperava para cortar-lhe o fio da vida. Cicero refere no seu livro "*Adivinhação*" a apparição de Tiberio Gracco a seu irmão; o sonho de Simonides, recompensado, por uma sombra, por ter sepultado o seu corpo e Vopisco assignala a predição feita por um druida a Deocleciano, predizendo-lhe, com uma minucia extraordinaria, o seu futuro.

O historiador franco, Gregorio de Tours, relata que no dia da morte de São Martinho, em Turim, Santo Ambrosio, em Milão, teve conhecimento deste facto durante uma syncope; Santo Affonso de Ligorio teve conhecimento da morte do papa Clemente XIV durante um sonho e Petrarca viu Laura apparecer-lhe em sonho no dia em que ella falleceu e a este facto, que lhe impressionou suggestivamente o espirito, commemorou na bellis-poesia — *Triumpho da morte*.

Joanna D'arc predisse o seu proprio sacrificio; o astrologo João Stoeffler annunciou o dia em que falleceria e o modo por que este facto se daria. O grande philosopho Francisco Bacon, na sua *Sylvia sylvarum*, refere que teve num sonho a noticia da morte de seu pae, a qual se dera entre Paris e Londres.

Outros numerosos exemplos desta natureza são referidos pela historia e hoje, certos autores como Flammarion, de Rochas e outros procuram dar uma explicação scientifica deste facto, até agora ainda não de todo esclarecido, restando dissociar-se o que de fantasia se encontra nos factos acima mencionados e o que de verdade elles contêm para, por uma observação conscenciosa, procurarmos, com os conhecimentos que possuímos actualmente em materia de psychologia cerebral, saber avaliar o que de real e exacto existe nestas prophecias, que tanto assombram os espiritos



ávidos do maravilhoso levando-os a explicar todos os factos da existencia pela doutrina commoda, mas nem sempre verdadeira do sobrenatural.

### VALOR CLINICO DO SONHO

A velha medicina aproveitou o sonho com o fim de esclarecer a natureza das molestias e prever o seu futuro. E um velho autor, Macario, escreveu mesmo um interessante volume sobre a semiologia dos sonhos, classificando-os em grupos e mostrando seu valor como elemento de elucidação de diagnostico nesta ou naquela doença. A medicina moderna tem-se descurado um pouco do estudo semiologico dos sonhos, que seria um bello thema para uma these de laurea. Apesar disto, existem, no entanto, nos archivos medicos, varios estudos a respeito os quaes merecem ser ligeiramente referidos.

Certos sonhos podem tornar-se o factor ocasional de desordens mentaes. Ha pessoas que sonhando todas as noites com scenas tristes e dolorosas acabam por impressionar-se, desenvolvendo-se nellas um estado ancioso ou, mesmo, um delirio systematisado. Toda a gente sabe quantas pessoas enlouqueceram, no tempo em que se acreditava nos vampiros, sonhando, todas as noites, que o animal immundo lhes sugava o sangue.

Parece, tambem, demonstrado que certos sonhos fortemente emotivos podem provocar serias desordens cenesthesicas, originando a loucura ou prolongando-lhe a duração e a intensidade.

Nas pessoas cerebralmente sãs, os sonhos podem ter relações estreitas com causas somatogenicas obscuras e até alli ignoradas. Existe um exemplo classico desta affirmação: a mulher que dormia no templo de Esculapio e que sonhou que o deus lhe perfurava o ventre com uma aguçada espada. Tempos depois esta creatura fallecia de um tumor abdominal, inda latente na epoca do sonho.

Na neurasthenia os sonhos não dão repouso aos doentes e a sensação onirica continua, desagradavel, aterradora, não permite o descanso no cerebro do debilitado nervoso, que vive em martyrio constante e inqualificavel e que só acha, ás vezes, sahida pela porta vedada do suicidio. Os sonhos dos neurasthenicos são longos, penosos e interminaveis, afigurando-se ao doente que elle se agita numa eternidade de soffrimentos e de agonias.

Na historia os sonhos foram estudados pela primeira vez em 1879 por Bourneville; mais tarde, Richer descreveu os seus cara-



cteres e Charcot sustentou a sua especificidade, assemelhando-os aos sonhos dos toxicofilicos.

Ora são sonhos pavorosos com esqueletos, fantasmas, abysmos, crimes monstruosos; ora são sonhos suaves, agradaveis e entremeados de visões religiosas e aventuras galantes. Conhecemos uma histerica que vivia embalada por sonhos encantadores: o seu ideal era deitar-se e dormir. Muitas vezes nos disse: Só sou feliz quando durmo.

Os epilepticos, atacados do grande mal, com ataques, sonham pouco; os victimados do pequeno mal, de epilepsia larvada, ao contrario, sonham muito, sonhos anciosos e semelhantes aos dos neurasthenicos.

Nos alienados o estudo dos sonhos é da maior importancia. Enrico Morselli, o celebre psiquiatra italiano, na sua *Semiologia das doenças mentaes*, dá todos os dados que o especialista deve lançar mão para investigar um diagnostico pela interpretação dos phenomenos oniricos.

As relações existentes entre a estrutura do sonho e a mentalidade morbida foram estabelecidas por Cabanis, no seu famoso livro *Relações do physico e do moral*. Depois d'elle, Esquirol, Vaschide, De Sanctis e outros preoccuparam-se cuidadosamente do estudo dos sonhos nos loucos a ponto de um grande psychologo, Moreau de Tours, definir a loucura como o *sonho dos acordados*.

De Sanctis fez uma serie de investigações sobre os sonhos na pathologia mental: nos allucinados os sonhos confundem-se com as allucinações soffridas no decurso da vigilia; os idiotas não sonham e os imbecis sonham pouco, sonhos apagados e mal definidos. Nos alcoolatras os sonhos são terrificantes e angustiosos: animaes, monstros e dragões ameaçam e atacam ao infeliz ethylista que se debate numa ancia dantesca.

Os criminosos natos, especie de loucos moraes, não têm o decantado remorso que os devia perseguir como a sombra ao corpo; isto é uma prova a mais da anesthesia moral destes delinquentes, a qual foi tão bem estudada por Lombroso e Ferri.

Ao contrario, os delinquentes occasionaes são affectados de sonhos temiveis, pesadelos tragicos, que lhes verrumam a alma, e lhes sombreiam o espirito numa ronda de soffrimentos prolongados, onde cada raio de luar lhes parece um fantasma, cada ruido um gemido da victima e cada risada um gargalhar diabolico de Mephistopheles, dobrando-se de contentamento por ter conquistado mais uma alma para o inferno. E' o remorso vivo, palpitante, tangivel que Shakespeare pintou tão maravilhosamente em Lady Macbeth.



## O SONHO NA LITTERATURA

Em todos os tempos escriptores maximos, de todas as raças, se occuparam do sonho nas suas obras e nos seus poemas. Elle tem sido sempre o velho thema sobre que se phantasiavam eternamente variações novas. Homero, Lucrecio, Virgilio, Ovidio, os expoentes representativos do genio hellenico e latino, em paginas de oiro, estudaram o sonho e a influencia delle sobre os destinos humanos; e os tragicos gregos,—Eschilo. Sophocles e Euripides,—nas tragedias immortaes que vibram e palpitam como suas proprias almas, descrevem, em trechos burilados em bronze, sonhos que abalam os corações e que chegam á consciencia como um signal de rebate tangido pelos deuses.

Shakespeare, neste mimo que é o *Sonho de uma noite de verão* e que nos dá a impressão de um raio de luar diluindo-se numa columnata de marmore, descreve, com sobriedade attica, o sonho de Hermia, que sente uma serpente devorar-lhe os seios, enquanto Lysandro assiste, sorrindo, á terrivel tormenta.

Em *La Fontaine*, em Baudelaire, em Taine, em Voltaire, em Maeterlinck, nos representantes melhores de todas as litteraturas, existem referencias aos sonhos.

O assumpto é tão vasto e variado que dá farta mésse para se compôr uma anthologia ou um florilegio. A difficuldade está, apenas, na escolha. O thema dá, somente elle, para uma longa e erudita conferencia.

Na litteratura luso-brasileira existem delicados versos, lindas poesias sobre o sonho. Vejam esta egloga de Crisfal. Quanta harmonia, quanta sensibilidade se depara nestes versos, que saltam como a agua de uma cascatinha.

Sonhava, em meu sonhar  
Onde dormindo estava  
Alli velando estar,  
Quando da parte do mar

Grão vento se alevantava  
o qual com tal sobresalto  
chegava onde eu jazia  
que da terra me erguia  
em tanto extremo alto  
que a vista me fallecia

São tambem encantadoras estas redondilhas de Camões:

Alli, depois d'acordado,  
Co'o rosto banhado em agoa  
Deste sonho imaginado  
Vi que todo o bem passado  
Não hé gosto, mas hé magoa.

De uma belleza austera, atheninense, é este *sonho* de Anthero de Quental:

Num sonho todo feito de incerteza,  
De nocturna e indizível anciedade,  
E' que eu vi teu olhar de piedade  
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza  
Nem o ardor banal da mocidade  
Era outra luz, era outra suavidade  
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura  
Feita só do perdão, só da ternura  
E da paz da nossa hora derradeira

O' visão, visão triste e piedosa !  
Fita-me assim calada, assim chorosa...  
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Entre os innumerados versos inspirados no sonho que existem esparsos pela nossa literatura, dos mais correctos e formozos são os de Amadeu Amaral, o excellento cantor das *Urzes* e das *Nevoas*, conhecidos sob o nome expressivo de Sonho de Amor.

Tudo isto ha de passar, decerto, muito em breve...  
Branca nevoa subtil, ir-se-á quando o sol nasça;  
Branco sonho de amor, passará como passa  
Pelas ondas em furia uma garça de neve

Passará dentro em pouco, imitando a fumaça  
Que se evola e se esvae nas curvas que descreve.  
Fumaça de illusão, força é que o vento a leve  
Força é que o vento a leve e disperse e desfaça

Que importa! uma illusão que nos alegra e afaga  
Ha de ser sempre assim, no mar bravio da vida,  
Como espuma que fulge e morre sobre a vaga.



Esta me ha de fugir, esta que hoje me inflamma!  
E antes vel-a fugir como na luz perdida,  
Que possui-a na mão como um pouco de lama.

### CONCLUSÃO

Eis, minhas senhoras e meus senhores, o que vos podemos dizer, no curto espaço de alguns minutos, sobre o sonho, este phenomeno mysterioso e occulto, que nos lança no fundo de nós mesmos e nos dominios da nossa inconsciencia, reflectindo, nas suas scenas fugidias e nos seus quadros kaleidoscopicos, um pouco da nossa vida, das nossas tristezas e das nossas alegrias, das nossas esperanças e das nossas desillusões...





## MARIA MAGDALENA

BAPTISTA CEPellos

### SEGUNDO QUADRO

#### NA BETHANIA

*Na casa de Lazaro.*

*Uma sala singela, com uma grande mesa ao centro, rodeada de cadeiras negras de alto encosto. Sobre a mesa, um vaso com flôres, entre diversas amphoras de fôrmas delicadas.*

*Ao lado, um severo canapé de couro, onde, ao erguer-se o panno, Magdalena está preguiçosamente sentada.*

*Pelas janellas abertas, frescas ramas de vide se enroscam e verdes galhos de arbustos se insinuam, como braços amigos. Entrevê-se um pedaço de pomar, cheio de viço.*

*No fundo, a porta principal, aberta para a aldeia. A' direita, outra porta, dando para os compartimentos interiores.*

*Faz sol lá fóra. Mas a tarde não vem longe.*

#### SCENA I

MADALEGNA (sentada preguiçosamente no canapé)

*Sinto um vago desejo, uma ternura vaga...  
Um fluido de prazer me circumda e me afaga  
E eu sonho deslizar por um longo tapiz,  
Sem saber onde vou, preguiçosa e feliz!*



*E, ao passo que um torpor me immobilisa os flancos,  
Meus seios querem voar, como dois pombos brancos!*

(Indo olhar á janella)

*O jardim refulgura, inundado de luz,  
E o lago é como um céu, que outro céu reproduz.  
O laranjal parece uma tenda de amores,  
Coberto de verdura e estrellado de flôres.  
Que perfume! Jamais outro equal respirei!  
Si é de nardo, ou de rosa, ou de lyrio, não sei!  
O arvoredo, a oscillar, sob as finas aragens,  
Atira para o chão mancheias de folhagens.  
E a estrada que, daqui, desce num caracol,  
E' um fitão de rubi, resplandecendo ao sol...  
Vejo um grupo que vem, ao longe, em marcha lenta;  
Quantos vultos? Não sei: é uma nodoa cinzenta...*

(Volta a sentar-se)

*Depois que vi Jesus foi que fiquei assim:  
Vivo aérea, a sonhar, como fóra de mim.  
Deixei Jerusalem, reneguei o passado,  
E vim purificar-me aqui, neste povoado,  
Onde ainda recordo a incomparavel luz  
D'aquelle grande olhar que me lançou Jesus,  
Quando, deante do Templo, a encarar-me, sereno,  
Disse: "Vai-te, mulher, tambem não te condemno!"  
E, de prompto, me ergui; contemplei-lhe a altivez;  
E juro que soffri, pela primeira vez,  
Porque juro que amei, num divino transporte,  
Aquella voz, aquelle olhar, aquelle porte...*

## SCENA II

*(Jesus e os Discipulos assomam á porta do fundo. Todos se apresentam em trajos de viagem, uns trazendo bordões, outros saccolas. Vê-se logo que eram os caminhantes que vinham ao longe.)*

JESUS

*Seja comvosco a paz!*



MAGDALENA (estremecendo, volta-se e corre ao encontro de Jesus)

*Senhor! que commoção!  
Permitte-me que beije essa divina mão!*

(Aos discipulos)

*Entraí! entraí! entraí! Esta casa é pequena,  
Porém o coração...*

JESUS

*Descança, Magdalena  
A casa deve ser igual ao morador,  
E é grande si ha logar para um pouco de amor.  
Eu, em vez de um castello, onde o orgulho farfalha,  
Prefiro adormecer sob um tecto de palha,  
De noite — acompanhando a voz de um rouxinol,  
De manhã — recebendo a visita do sol.*

MAGDALENA (chamando)

*Martha! Martha! vem vêr quem aqui está! Depressa!*

JESUS

*Deixa-a trabalhar.*

MAGDALENA

*Senhor, ella não cessa  
De lidar, de lidar, desde o romper da aurora.*

---

### SCENA III

(OS MESMOS, MARTHA)

MARTHA (indo beijar a mão de Jesus)

*Senhor, peço perdão pela minha demora.  
Mas tu de volta aqui, neste pobre logar...*

JESUS

*Martha, eu sou como a luz — devo tudo allumiar.  
Não reparas que o sol, declinando dos montes,  
Vai beijar com delicia a pureza das fontes?  
Este é o exemplo que eu dou, e não quero melhor:  
Quem se fizer pequeno ha de ser o maior.  
Martha, eu sou como o céu, que a todo o mundo cobre;  
Mas vim para remir principalmente o pobre.  
Por isso, estou aqui mais a gosto que além,  
Porque eu tambem sou pobre e sou simples tambem.  
E é aqui neste lugar...*

(Apontando para a mesa)

*... sobre este movel tosco,  
Que hei de comer o pão da amizade comvosco.*

MARTHA

*Assim seja, Senhor*

MAGDALENA

*E' grato para nós  
Seguir o teu conselho e ouvir a tua voz.  
Quando falas de amor, é tão bello o que dizes!  
Eu creio em teu amor.*

JESUS

*Eu amo os infelizes.*

MAGDALENA (com volubilidade)

*Não, não creio no amor: quem pôde acreditar  
Num bem que faz soffrer?*

JESUS

*Si soubesses amar!  
Quem ama como eu sei, nada pede ou deseja:  
Dá tudo o que possui, e tudo lhe sobeja:  
No proprio coração tem tudo quanto quer.*



MAGDALENA

*Eu não o entendo assim.*

JESUS

*Coração de mulher!  
Mas eu te explicarei o amor que nunca mente.*

MAGDALENA (áparte)

*Por enquanto eu só sei que o amo loucamente!*

*(Martha prepara a mesa para a ceia. Magdalena retira-se e volta com um vaso cheio de óleo de nardo. E ajoelhando-se aos pés de Jesus):*

*Consente-me, Senhor, peço-te por quem és,  
Que me deixes ungir de óleo puro os teus pés.*

JESUS

*Os meus pés? Ahi os tens. Cumpra-se o teu desejo.*

MAGDALENA (beijando-lhe os pés)

*Nunca mais bella flôr provocou melhor beijo!*

(Lavando-os)

*O aroma que te envolve, em tenuissimo véu,  
Faz lembrar tua voz, quando falas do céu...  
Para enxugar-te os pés, desfaço estes novellos.*

JESUS

*E' uma toalha de sol!*

MAGDALENA (modesta)

*São meus pobres cabellos...*



JUDAS (a Pedro)

*Que faz esta mulher? Não louvo tal acção,  
Porque isto não demonstra um nobre coração.  
Tamanha insensatez!*

PEDRO

*Por acaso tens ciúmes?*

JUDAS

*Lamento que vá fóra o arratel de perfume,  
Que podia servir...*

PEDRO

*E para que?*

JUDAS

*Vender  
Destinando o producto a um mendigo qualquer.*

JESUS (que adivinhou o dialogo)

*Deixa-a, Judas. E' bello este gesto imprevisto,  
Si para o meu enterro é que ella guardou isto.  
Pobres sempre haverá neste mundo; mas eu  
Em breve dou a vida Aquelle que m'a deu.  
Pobres sempre tereis, nunca faltam mendigos;  
E eu nem sempre estarei junto de vós, amigos!  
A nova desta acção, que deveis abençoar,  
Num tempo não remoto hão de todos louvar,  
Pois tem de merecer um respeito profundo  
Onde quer que ella chegue, a saber: todo o mundo.*

SCENA IV

(OS MESMOS, LAZARO)



LAZARO (entrando e cumprimentando)

*Salve, Mestre e Senhor.*

JESUS

*Seja contigo a paz.  
Chega-te junto a mim, pois muito me compraz  
Vêr agora em teu rosto a alegria da vida.*

LAZARO

*E' verdade, Senhor. Minh'alma, commovida,  
Fica muda e não acha uma palavra só  
Com que agradeça! Mas este resto de pó,  
Tu bem sabes, é teu, pertence-te de todo.  
Eu era cinza, eu era pus, eu era lodo,  
E, ao som da tua voz, resurgi para a luz.  
Como te agradecer? Em que termos, Jesus?  
Bem sei que nesta vida é um momento a alegria,  
Ao passo que a amargura é o pão de cada dia;  
Porém, não me lastimo, antes bendigo a dôr,  
Que me ensina a soffrer com palavras de amor...*

MARTHA

*Acercai-vos da mesa. E' modesta.*

JESUS

*Oh! tão cheia!*

MARTHA

*Peço desculpa...*

OS DISCIPULOS

*Nada! é uma oipara ceia!*

*(Jesus levanta-se e concentra-se numa breve oração. Todos o imitam. Sentam-se de novo).*

JESUS (partindo o pão e distribuindo-o aos Discipulos)

*Lazaro, a vida é bôa, a vida é uma canção,  
Quando só pelo Bem nos pulsa o coração.*

*A maldade é que torna a existencia funerea,  
 Ha um só dever — o Amor; tudo o mais é miseria.  
 Amemo-nos. A vida é um banquete commum.  
 O Pae, que está no céu, reparte a cada um.  
 A quem muito pedir pouco lhe será dado,  
 Mas tudo o que se dêr será multiplicado.  
 Ah! pudesse eu viver como um zagal, aqui,  
 Doce recordação da aldeia em que nasci!  
 Têm aves e animaes, que na selva se somem,  
 Têm ninhos e covis: sómente o Filho do Homem,  
 Que muito ha de soffrer por muito vos amar,  
 Uma pedra não tem para a frente pousar...  
 Mas em vão sonha a paz quem nasceu para a guerra:  
 E' forçoso cumprir minha missão na Terra!*

*(Jesus ergue-se da mesa. Todos o acompanham.  
 Ouve-se um côro de vozes e d'ahi a pouco uma  
 onda de povo, sacudindo palmas e ramos de flores,  
 invade a scena. Entre a turba ha cegos, mudos e  
 paralyticos conduzidos em leitos).*

---

SCENA V

(O CÔRO DE VOZES QUE SE APPROXIMA)

*Toma estas flores da deveza  
 Que si não têm outro valor,  
 De certo exprimem a pureza  
 De nosso amor.*

*O' tu, que amparas e aconselhas  
 Os peccadores que a ti vêm,  
 Faze de nós tuas ovelhas,  
 Guarda-nos bem!*

*Até que emfim a nossa prece  
 Ao céu chegou. Salve, Jesus!  
 O campo triste reverdece,  
 Nadando em luz!*

*José chorou na escravatura,  
 Job padeceu no muladar.*



*Só nós tivemos a ventura  
De te encontrar!*

*Bemdito sejas e o teu nome  
Em todo o Reino de Judá!  
Já nunca mais teremos fome  
De outro Manná!*

MAGDALENA (a Jesus)

*E' o povo que ahí vem, é o mar fremente  
Dos que soffrem que a ti levantam hymnos.*

JESUS

*Deixa-os que se approximem francamente:  
O meu Reino pertence aos pequeninos.*

LAZARO

*Eil-os que chegam sacudindo ramos,  
Como si viessem de uma romaria.*

VOZES DO POVO (entrando alacrememente)

*Salve! salve, Jesus! Nós te saudamos!*

JESUS

*Abençoada a esperança que vos guia!*

UM PARALYTICO (encostado ás muletas)

*Não calculas, Senhor, que desventura,  
Que penosa tortura!  
Para chegar aqui, de quando em quando,  
Eu tombava no chão e, como um sapo,  
Ora vinha de rôjo, ora pulando,  
Mais arrastado e sujo do que um trapo!*

JESUS

*Atira essas muletas e caminha!*



## O PARALYTICO (caminhando)

*E caminho, Senhor! como sou leve!  
O meu corpo é uma penna de andorinha!  
Quem descreve o que eu sinto, quem descreve?!*

## O POVO

*Oh! milagre! milagre nunca visto!  
E' o nosso Redemptor! é o nosso Christo!*

## UM CEGO

*Quero vêr-te e não posso! Que tristeza!  
E' um supplicio, Jesus, que nunca finda!*

## JESUS (esfregando-lhe as palpebras)

*Abre os olhos e vê!*

## O CEGO

*Oh! que belleza!  
Nunca suppuz que a luz fosse tão linda!*

## UMA MULHER

*Deixa que eu toque a mão na tua veste,  
Tenho certeza que estarei curada!*

## JESUS

*Si tens fé, seja assim como disseste.*

## A MULHER

*Eu bem o disse! Já não sinto nada!*

## UM VELHO

*Este filho, por quem meu peito estala,  
E' um surdo-mudo caminhando a esmo...  
Nasceu, cresceu como uma pedra...*

JESUS (imperativo)

*Fala!*

O MUDO

*Então posso falar?*

O POVO (com espanto)

*E fala mesmo!**Poder assim nunca foi visto!**E' o nosso Christo! E' o nosso Christo!*

*(O povo leva Jesus em triumpho, por entre um glorioso sacudir de palmas. Ouve-se o mesmo hymno da entrada. Só fica na sala Magdalena).*



## SCENA VI

(MAGDALENA, DEPOIS JESUS)

MAGDALENA (pensativa)

*Como é bello o Rabino! Ouvil-o attentamente  
E' como descansar ao pé de uma corrente.  
A sua voz parece uma renda de espumas,  
Uma lympha a escorrer sobre um leito de plumas...  
E a sua mão, quando elle esboça um gesto vago,  
Lembra a fôrma de um cysne a esbater-se num lago...  
A tunica lhe cai, muito liza, no torso,  
E em tudo que elle diz não ha o minimo esforço:  
Vê-se-lhe o coração no fulgor da pupilla,  
Que guarda uma expressão de bondade tranquilla.  
E o seu cabelo de ouro, emmoldurando o rosto,  
Põe-lhe na pallidez a magua de um sol-pôsto...  
E' bello assim; porém, si a gente se appproxima  
E lhe fala de amor, Jesus mostra lá em Cima  
O Reino de seu Pae, que todo amor encerra,  
Num severo desdem pelas coisas da Terra...*

(Sorrindo)

*Ah! si eu pudesse amal-o e alcançar um momento  
A luz de seu olhar, que é como um firmamento,  
Onde eu quizera abrir a aza do meu desejo,  
Com o seio a palpitar sob o calor de um beijo!*

(Mudando de tom, tristemente)

*Mas não; é irreverencia; eu estou louca  
E devo castigar com jejuns esta bocca!*

JESUS (entrando pela porta do fundo)

*Em que pensas assim, Magdalena, sósinha?*

MAGDALENA

*Em que ha de ser, Senhor? penso na vida minha!*

JESUS

*Que te póde faltar? Levanta o coração,  
Purifica a vontade e honra a belleza.*

MAGDALENA

*Não!  
Não depende de mim. Não basta uma palavra  
Para acalmar a dôr que no peito me lavra!  
Bem sabes o que fui no lodo mundanal:  
A flôr do vicio, a flôr da morte, a flôr do mal!  
O teu perdão, porém, levantou-me da cova,  
E eu pude renascer para uma vida nova.  
De prompto abandonei o templo dos judeus,  
Anciosa por seguir todos os passos teus.  
Magoei na disciplina o corpo que peccara  
E o cilicio arroxou a minha pelle clara.  
Puz na minha consciencia um zelo pertinaz,  
Afim de não volver os olhos para traz.  
Desornei-me de anneis e queimei os vestidos,  
Fechando ciosamente os meus cinco sentidos  
A tudo quanto viesse — impura tentação —*

*Reaccender em meu peito a dormida paixão.  
Tu falavas, porém, como agora, Senhor,  
Mil vezes repetindo: amor! amor! amor!  
E desde que te vi, comquanto me desprezes,  
Mil vezes te chamei, suspirando mil vezes!*

JESUS

*Mas tu deves saber que o amor que eu te ensinei  
E' o puro amor de Deus, fundamento da Lei.*

MAGDALENA

*Não, não quero saber. Eu só sei que sou tua:  
Não desdenhes a flôr que encontraste na rua.  
Eu sou bella, não sou? Minha carne é um marfim,  
Perfumado de alôes.*

(Aproximando-se de Jesus)

*Olha bem para mim!*

JESUS (severo)

*Afasta-te, mulher!*

MAGDALENA

*Meus braços são macios.  
E meu sangue marulha á maneira dos rios.*

JESUS

*Cala-te!*

MAGDALENA (caminhando com meneios)

*O meu andar, quando movo os pés nus,  
Tem uma languidez igual á dos bambús.  
O meu louro cabelo é uma tenda doirada,  
Serena como a paz de uma noite estrellada!*

JESUS (reprehensivo)

*Magdalena!*

MAGDALENA (com vehemencia)

*Senhor! tem piedade, Senhor!  
 Eu soffro por te amar. Tu não prégas o amor?  
 Vem commigo, dormir no meu peito e sonhar,  
 Repetindo a canção que o meu labio cantar,  
 E, esquecido do céu, na terra compassiva,  
 Sentirás o calor de minha carne viva!  
 Tu és moço, és formoso, o teu sangue requer  
 Um seio perfumado e quente de mulher!  
 Foge aos homens, Jesus, como aos lobos a corça,  
 Que a religião que os leva é religião da Força*

JESUS

*Escuta, Magdalena. Esse arrojo é de mais:  
 Pretenderes que eu siga os teus erros fataes.  
 Ora, sendo eu a luz, que na altura se eleva,  
 Como queres que eu siga os teus passos na treva?!  
 Sabes? Fica-te ahi. Eu prefiro um covil  
 A' linda tentação de teu corpo gentil!  
 Gostas do mundo? Volta ao paul de onde vieste,  
 Emquanto eu edifico o meu Reino Celeste.*

MAGDALENA (queixosa)

*Lazaro esteve morto e, mais feliz do que eu,  
 Ao som da tua voz, do tumulo se ergueu;  
 Aos cegos das a luz, aos côxos, movimento;  
 Tu és o lenitivo a todo o soffrimento:  
 Pois bem, eu que padeço, e te amo tanto, eu só*

(Ajoelha-se, soluçando)

*Fico humilde a teus pés, rastejando no pó,  
 E não achas um gesto e não achas um termo,  
 Que venha suavisar meu coração enfermo!*

JESUS (levantando-a)

*Amas-me, não é assim? Aceito o teu amor,  
 Abro-te o coração...*



MAGDALENA (reanimada)

*Que ventura, Senhor!**Amo-te muito...*

JESUS

*Mas...*

MAGDALENA

*Viverei a teu lado...*

JESUS

*Mas tu deves saber que eu quero ser amado  
Não apenas em mim, nesta fraca materia:  
Amar pelo desejo é uma grande miseria.  
E por isso eu te digo: "Em primeiro lugar,  
Darás teu coração a quem te maltratar;  
A' mão que te estender o mendigo sem tecto,  
Além de dar o pão, darás o teu affecto.  
Quando alguém te insultar, quando alguém te bater,  
Tu dirás: "Assim seja, é preciso soffrer..."  
Sobre cada afflictção verterás o teu pranto,  
Sobre cada nudez deitarás o teu manto.  
E, em resposta á calúnia infamante e mordaz,  
Darás o teu perdão e o teu beijo de paz.  
Como as hervas do chão, esmagadas por todos,  
Soffrerás com paciencia os mais rudes apodos.  
Não terás ambição: o que fôr ha de vir...  
Desejar é não ter, desdenhar é possuir.  
E depois que murchar, como um lirio dolente,  
A tua carne moça, apaixonada e ardente,  
E só no coração tua vida pulsar,  
Como dentro de um buzio a lembrança do mar;  
E depois que esse rosto, onde o sangue borbota,  
Tiver a pallidez de uma estrella remota;  
Quando não fores mais uma sombra sequer  
Da antiga peccadora e da antiga mulher:  
Então tu serás minha e terás em minh'alma  
Do cobiçado amor a cobiçada palma!*

MAGDALENA (num transporte)

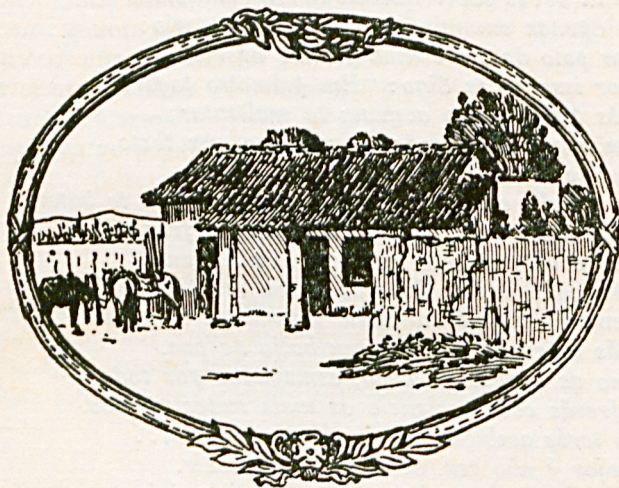
*E's terrivel, Senhor! és mais forte que a Lei!*

(Depois de uma pausa, humildemente)

*Pois bem! queres que eu soffra? (Abrindo-lhe os braços)  
Eu te amo, eu soffrerei!*

(Cai o panno)

(*Continúa*)





# LUIZ GAMA

POR

J. CANDIDO FREIRE

## I

Era o anno e 1838.

Na modesta Matriz do Sacramento, em Itaparica, na Bahia, entre diversos baptisados naturalmente, apresentou-se naquella dia um com que, de certo, deu boas risadas o virtuoso Vigario.

Era um menino de côr com 8 annos de idade que se levava á pia baptismal.

Deram-lhe o nome de Luiz. Sua mãe chamava-se Luiza, natural de Costa da Mina, da nação de Nago, em Africa.

— Vá! Chame-se Luiz, — disse talvez o padrinho. Luiz ficahem.

E o reverendo baptisou-o com o nome de Luiz.

O pretinho, acompanhado dos padrinhos, saiu radiante de alegria, christão como os melhores fidalgos da côrte...

## II

A mãe de Luiz, porém, era pagã.

Desdenhava dos que lhe queriam inculir no espirito inculto as idéas christãs.

Por esse motivo, ou porque não vivesse então com o filho, ou ainda porque, naquella data, já houvesse deixado a Bahia, Luiza não assistiu ao baptisado.

Era baixa, magra e de rosto pequeno, relativamente bonito.

Dentre seus labios, de um côr de rosa avermelhado, se salientavam duas bellissimas fileiras de dentes, muito alvos e iguaes.

A côr de sua pelle era de um preto reluzente.

Todos a conheciam na cidade e temiam-na pelo seu genio vio-

lento. Alguns diziam ás vezes, quando com ella alguma gracejava de seus gestos graves e sombrios:

— Cuidado! Luiza é muito vingativa.

Trabalhadeira, entregava-se ao commercio de quitandas, pelo que, grandes e pequenos, todo o mundo a conhecia.

E como naquelles tempos, comquanto sem resultado, os escravos amiude planeavam insurreições a fim de se libertarem da tyrannia dos senhores, Luiza, intelligente, activa a valer, africana livre, não podia conservar-se indifferente á sorte de seus infelizes irmãos.

E por diversas vezes accusada de se envolver em levantes de escravos, Luiza Maheu, como se chamava foi presa.

Passados dias, porém, soltavam-na, voltando ella á actividade de seu modesto commercio.

### III

Nesse tempo houve uma opposição tenaz á Regencia, opposição que cresceu, desenvolveu-se e alastrou-se assustadoramente, na terra de Luiza.

E a 19 de setembro de 1837 o padre Diogo Antonio Feijó viu-se na contingencia de apresentar perante as Camaras a sua renuncia. Era-lhe impossivel continuar no governo.

Entregou, pois, o poder á politica adversa que o ambicionava e disputava.

Araujo Lima tomou a si a regencia. Nomeou logo seu ministerio, composto dos melhores elementos do partido victorioso.

Nessa occasião rebenta na Bahia grande revolução da tropa e do povo.

Para lá voltou o governo suas vistas.

A 7 de novembro desse anno o medico que a chefiava, dr. Sabino Alvares da Rocha Vieira, proclamou a Republica Bahiense, que subsistiu até á maioridade de D. Pedro II

A essa revolução coube o nome popular de Sabinada.

O pae de Luiz, fidalgo e cavalleiro, estava ao lado do dr. Sabino, a cuja causa se consagrou com devotamento. O fidalgo sabia jogar as armas admiravelmente e tomou na lucta parte saliente.

A capital caiu em mãos dos revoltosos. O presidente da provincia, Francisco de Souza Paraizo, abandonou-a. O vice presidente, dr. Honorato José de Barros Paim, que se achava na cidade de Cachoeira, tentou resistir á onda revolucionaria. Tomou conta do poder e tratou de organizar elementos para rebater a furia dos revoltosos.

Veio em seu soccorro o governo central, que mandou para ali o marechal Callado, e o general José Joaquim Coelho, fazendo seguir tambem o novo presidente, Antonio Barreto Pedroso.

A cidade começava a ser incendiada pelos revoltosos quando as forças legalistas della se apossaram, pondo termo á revolução num violento ataque a 16 de março de 1838.

Foi então que Luiza abandonou a Bahia, em demanda do Rio de Janeiro, donde, ao que parece, nunca mais voltou. Quem sabe se aquelle "illustre" fidalgo, que pouco depois venderia o filho, não vendeu tambem a mulher?...

#### IV

Luiz, essa creança de 8 annos, que se viu baptisar na modesta Matriz de Itaparica, era, como vimos, filho de um fidalgo.

Nas veias daquelle pretinho vivaz corria o sangue nobre de uma das mais distinctas familias bahianas de origem portugêza.

Seu pae, até então rico, poude criá-o com carinho.

O fidalgo, porém, metteu-se na orgia e no jogo. Em pouco tempo, gastando ás soltas, esbanjou toda a fortuna, ficando reduzido á extrema miseria.

Os melhores amigos de seus faustosos dias deixaram-no, como é natural. E o fidalgo entrou a privar com Luiz Quintella, que se tornou seu companheiro inseparavel.

Quintella vivia dos proventos de uma casa de tavolagem. Está visto, pela profissão era um individuo de má pinta.

#### V

Na tarde de 10 de novembro de 1840, a pouca distancia do caes, no porto da Bahia, estava o patacho Saraiva.

Alguem ali fazia o commercio de escravos.

A's 5 horas da tarde tres pessôas chegaram á escadaria do barco.

Eram Luiz, o fidalgo seu pae, e Quintella.

O fidalgo, que a orgia e o jogo tinham corrompido, instigado por seu inseparavel amigo, architectara em mente a execução de um crime monstruoso: vender o filho, vender o filho por quem sempre mostrara carinho e que amara, quando não trazia ainda o coração empedernido pelo vicio.

E era essa intenção criminosa que o levara, naquella tarde de novembro, ao patacho fatal de que ninguem fugia. Ao alto, o



céo immenso; em baixo, aos lados, o abysmo das aguas; dentro, ameaçador, terrivel, o chicote do capataz ao canto do porão...

Subiram os tres, Luiz á frente.

No tombadilho estava o capitão, um homem de physionomia severa, como de regra quase todos os lobos do mar.

Depois de breve passeio, após conversa ligeira, enquanto Luiz se entretinha com os marujos, Quintella saiu sorrateiramente. O fidalgo seguiu-o, tambem, á sorrelfa, de modo a não ser notado pelo filho.

O pequeno, no emtanto, percebeu logo, activo como era, o estratagemma do pae corrupto e correu á escada do patacho.

O fidalgo e Luiz Quintella já se tinham afastado silenciosamente.

— Então, meu pae, não me leva comsigo?!

— Não! disse o fidalgo. Voltarei n'um instante e iremos juntos.

Luiz desceu alguns degraus mais da escada e exclamou, num brado de revolta, de indignação e de dôr:

— Meu pae, o Senhor me vendeu!!

A pobre criança não tinha errado.

O velho, diz-nos a historia, olhou-o por algum tempo, demoradamente, contemplando aquelle rosto que elle tanto acariciara. Viu nelle rolares lagrimas que out'ora se apressaria em enxugar. Era natural que o pequeno Luiz chorasse. Fôra sempre livre, vivera sempre feliz, e agora era jogado pelo seu proprio pae na lama do captiveiro!

O velho tambem chorava. Certo é, entretanto, que a barca proseguiu de rumo á terra.

E não mais se teve noticia do fidalgo.

## VI

Quem, após alguns dias desta scena entre pae e filho, occorrida no patacho Saraiva, passasse, no Rio, pela rua do Sabão, esquina da Candelaria, e ahi entrasse na loja de velas do Vieira, veria ali um pretinho de dez annos, muito vivo, mettido numa camisa e numa saia de chita da filha mais nova do vendeiro.

Era o pequeno Luiz.

Elle, como outros escravos que tinham vindo da Bahia no mesmo patacho, aguardava naquella casa de commissões o primeiro comprador.

Luiz, logo á chegada áquella casa, fizera-se affeição de toda a familia, a qual se compunha do casal, duas mocinhas bondosas e um menino que frequentava o collegio.

Em poucos dias o pequenino escravo sentiu-se são satisfeito e tão bem como na casa de seu proprio pae, da qual, entretanto, se recordava com infinita saudade naquelle meio completamente extranho.

Amiude ficava pensativo, parecendo dizer de si para si:

— Bom seria se ninguem me viesse levar do seio desta gente bondosa!

Mas ponderava logo o absurdo. Casa de commissões, elle e os demais escravos ali jaziam em deposito, como mercadoria no balcão do negociante.

## VII

Não se enganara, e um dia teve presentimentos de que iam leval-o para longe.

Effectivamente um homem appareceu pela tarde que pretendia fazer grandes compras de escravos. Era o alferes Antonio Cardoso, negociante contrabandista.

Depois de meia duzia de palavras ao commissario Cardoso comprou um lote de mais de cem pretos para revender em S. Paulo.

Luiz, quando soube que estava vendido, estremeceu. Iria deixar aquella convivencia adoravel. Iria para um novo meio desconhecido, onde não poderia saber que sorte o aguardava.

Meditava nisso, quando o tangeram para bordo.

Entre dezenas de negros captivos que, quase nu's, desfilavam como manadas de bestas pelas ruas do Rio de Janeiro, em demanda do cães, lá se foi o pequeno Luiz, mergulhado numa tristeza infinita.

Ia cabisbaixo, pensativo, commovido... para onde? para que destino?

## VIII

A viagem correu normalmente.

De Santos seguiram os escravos a pé até São Paulo.

Luiz tinha então, 1840, dez annos de idade. Era, porém, relativamente forte e fez toda a viagem a pé, como os demais captivos.

Uns iam tristes. Outros, que mais ou menos já se haviam familiarizado com o regimem, resignados á existencia de párias, gracejavam e sorriam.

Luiz, porém, na sáia de chita que lhe deu a filha do Vieira, com os braços nús, o peito exposto ao sol causticante, não sorria nem gracejava. Caminhava meditativo e triste. Ora pensava nos dias do futuro, ora na sorte de sua mãe, ora no crime revoltante de seu pae...

Estiveram os escravos á venda em São Paulo, Jundiahy e

Campinas. Ninguem o quiz levar.. Elle e outro de nome José eram sempre refugados pelos compradores.

Entre estes, que foram diversos, salienta a historia o venerando ancião Francisco Egydio de Sousa Aranha, pae do marquez de Tres Rios.

Sousa Aranha precisava de alguns escravos e dirigiu-se á senzala do contrabandista.

Os negros foram-lhe exhibidos aos olhos para a escolha. Luiz estava a um canto. O ancião notou-o.

— Está um bom pagem para os meus pequenos.

E perguntou-lhe:

— Onde nasceste, rapaz?

— Na Bahia, respondeu Luiz, promptamente.

— Bahiano!... exclamou o velho, admirado. — Nem de graça! Já não foi por bom que te venderam tão pequeno!

E Luiz e José, os refugos, voltaram para a casa de Cardoso, um sobrado na antiga rua do Commercio.

## IX

Na casa de Cardoso Luiz exercia os misteres de copeiro. O José, que era sapateiro, ensinou-o a trabalhar no officio. Além de copeiro, esperto como era, Luiz costurava, engommava e passava.

E assim ia crescendo, em annos e em actividade o nosso pequenino heróe.

Os dias se succederam. O velho, que já o estimava, e muito, nunca mais pensou em vendel-o.

Era o anno de 1847.

Cardoso recebeu, como pensionista gratuito, um jovem estudante, Antonio Rodrigues de Araujo, ainda menino, que iniciava seus preparatorios, e conseguiria mais tarde bacharelar-se e fazer na magistratura paulista uma brilhante carreira.

Luiz e Antonio tornaram-se intimos amigos.

Tinha Luiz, então, 17 annos e era analphabeto.

Vendo nelle um rapaz intelligente, sempre a folhear livros de que não entendia uma palavra, demonstrando amiude grande desejo de aprender, invejando a ventura dos que sabiam lêr e escrever, começou o pequeno Antonio a ensinal-o e, dentro de um anno, o pequeno já lia perfeitamente, escrevia e contava.

A intelligencia esclareceu-se-lhe. Elle, portanto, não poderia continuar escravo.

Assim, dissipadas as trevas que até ali o envolveram e infelicitaram, Luiz começou a comprehender seus direitos e, reunindo

todas as provas de sua liberdade, fugiu de casa do alferes Cardoso e sentou praça no corpo policial da Província.

Era Luiz um moço liberto. Quebrando as algemas de seu proprio captiveiro, sentia-se tão feliz, certamente, como naquelle dia de 1838, em que, na egreja de Itaparica, deixou o paganismo, tornando-se tão bom christão como qualquer fidalgo.

## X

Iniciado nas primeiras letras, dotado de uma vontade invencível, desejoso de cooperar para a libertação da sua raça, começou a estudar, a estudar com afinco, para recuperar os annos perdidos.

Era um verdadeiro talento. Tudo quanto queria aprender, aprendia logo, aprendia com facilidade. Depois, trabalhador, amante dos livros, tendo em si que sua raça reclamava os serviços de todos os filhos livres em prol de sua emancipação, com mais devotamento estudava.

E assim, passados alguns annos, fez-se Luiz orador eloquente, poeta, jornalista dos mais distinctos, advogado dos mais respeitadros.

Levava todos os adversarios de vencida, quer pelo seu fino espirito satyrico, quer pelos seus profundos conhecimentos de jurisprudencia. Vencia sempre, cantava sempre a victoria em todas as causas, esmagando pelo lado do ridiculo, quando não o podia fazer de outro modo, seus mais valentes e tenazes contendores.

Apagou-se, então, no scenario da vida, a figura do pobre bahianinho para surgir a daquelle ser desconhecido, numa auréola de luz, cercada de fama e de respeito, de consideração e estima, na alta roda dos mais finos intellectuaes daquelle tempo; uma personagem extraordinaria, apostolo fervoroso e abnegado da liberdade, defensor acerrimo dos opprimidos, combatente audaz e valoroso em prol dessa causa justa, nobre e divina: a extincção de captiveiro.

Dessa criança obscura e repudiada, desse Luiz pobrezinho, cuas vezes vendido, surgia, abençoado de toda uma raça, o immortal Luiz Gama.

## XI

A escravidão no Brasil data dos dias do seu descobrimento.

Os primeiros colonos que aqui aportaram, na ambição louca de riquezas e de dominio, começaram logo a escravizar o gentio.



A terra era vasta e uberrima e todos poderiam ter o seu quinhão, mas não era bastante ser possuidor da terra. Havia mister de braços para cultivá-la.

A princípio os índios os auxiliaram, quase espontaneamente. Os colonos, porém, não contentes com o pouco trabalho dos selvagens, acostumados a viver na ociosidade, numa vida errante de lutas e aventuras, quizeram subjugar-os, escravizando-os.

Começou o tremendo embate entre colonos e selvagens. Os caçadores de homens, esses tigres ferozes e perversos, batiam as florestas em que, fugindo, se embrenhavam os infelizes selvícolas, aprisionando-os e matando-os quando resistiam, o que era commum. Os índios não se submettiam facilmente.

Dahi, dessa oppressão terrível exercida pelos rudes portugueses, nasceu um odio mortal e as villas que se formavam viam-se quotidianamente amaeçadas pelo furor dos selvagens movidos em represalia.

Aos donatarios assegurou-se o direito de escravizar. Logo, abusivamente, todos os colonos quizeram exercel-o e o exerceram de facto, clandestinamente.

Nobre era a acção dos Jesuitas que defendiam os índios contra a tyrannia dos colonos

Não fossem esses missionarios do bem, da caridade e do amôr, e mais facilmente os aventureiros teriam subjugado todos os índios do Brasil. Manuel da Nobrega, José Anchieta e Antonio Vieira, comquanto não pudessem dominar totalmente a ganancia dos invasores dos nossos sertões, limitaram-na, até que, bem mais tarde, apoiados pela Côrte, conseguissem extinguil-a.

O proprio João Ramalho é accusado de explorar a venda de selvagens brasileiros.

O celebre governador das esmeraldas, Fernão Dias Paes Leme, só de uma feita, astucioso como era, conseguiu trazer para São Paulo 5.000 goianazes, que naturalmente escravizou e vendeu.

Mais tarde foi permittida a escravização dos selviculas mas só quando anthropophagos. Essa resolução em nada prejudicou os interesses dos aventureiros, porque elles aprisionavam os indígenas, qualquer que fosse a tribu, e os accusavam de antropophagia. E ninguem provava o contrario.

## XII

Os filhos da Companhia de Jesus eram incansaveis. Apesar da má vontade dos colonos, e do perigo que corriam, continuavam sua campanha contra a escravidão indígena, amparando uns, e aconselhando outros a pôrem um freio á desmedida ambição.

Os portugueses, porém, logo que se viam longe dos padres, praticavam contra os pobres índios as maiores barbaridades. Matavam uns, sujeitando outros a um trabalho extenuante.

A campanha dos Jesuítas contribuiu para que a colônia tivesse delles amargos resentimentos, senão um grande odio, prompto a explodir.

Em 1653 foi que chegou ao Maranhão o celebre e festejado Padre Antonio Vieira. Vieira, como outros collegas de apostolado, oppoz se tenazmente ao plano escravocrata dos colonos.

Preso, 8 annos depois, pela colônia revoltada, foi enviado para Lisbôa, devido, evidentemente, á protecção que sempre dispensou aos selvicolas.

Os tempos passaram. A ambição dos colonos era a mesma. A força e o prestigio, porém, dos Jesuítas tinham augmentado.

O rei de Portugal estava com elles.

E um decreto das Côrtes Portuguezas veio declarar livres os indígenas do Brasil.

Essa escravidão não se extinguiu, entretanto, completamente, e até 1888, num ou noutro de seus descendentes, vimos pesar o jugo aviltante.

### XIII

Desanimados, vendo que era impossivel lutar contra tão tenazes adversarios, agora apoiados por uma lei do reino, os colonos appellaram para o trafico africano.

E, pelos fins do seculo XVI, dos 50.000 habitantes do Brasil, 10.000 eram africanos e 20.000 eram índios mansos que, apesar da campanha jesuítica, continuavam reduzidos, na sua maior parte, á condição de miseros escravos.

Convenceu-se, afinal, o colono de que o africano era preferivel ao indio. E iniciou-se a importação em larga escala dos pobres negros, que vinham com o seu braço contribuir para a grandeza de nossa Patria.

Os africanos eram obedientes, submettiam-se facilmente, ficavam em pouco tempo estimando os senhores, a quem serviam com dedicação. O indio, ao contrario, nunca se submettia e era sempre um inimigo perigoso.

E assim alargou-se o numero de africanos espalhadas pelo nosso territorio.

Todos os mezes, quase todas as semanas, aqui chegavam os navios negerieros, trazendo escravos e mais escravos e que eram immediatamente empregados com resultado satisfactorio em todos



os serviços. Os mais franzinos e delicados occupavam-se dos quefazeres domesticos, outros iam para a lavoura, outros para os engenhos, outros para o trabalho de mineração.

Vestiam-se economicamente. Uma calça curta e uma camisa comprida, quase sempre branca, constituíam o vestuario commum. Alguns, ao serviço das senhoras fidalgas, trajavam-se melhor: calças brancas, jaqueta preta e chapéu alto. Isso, porém, quando iam a passeio com as damas, conduzindo as cadeirinhas de uso naquelles tempos.

Porque escravos existiam que andavam miseravelmente quase nús.

#### XIV

Alguns captivos eram relativamente felizes. Acompanhavam sempre senhores bondosos. Viviam mais ou menos bem e satisfeitos. Outros caíam ás mãos de individuos máos, que os castigavam a toda hora, de uma maneira brutal e deshumana.

Trabalhavam o dia inteiro, na roça ou noutra mistér. A' noite, quando em casa havia algum serviço que então poderia ser feito, trabalhavam ainda nos chamados serões.

Nunca o sol foi surpreendel-os na cama.

A primeira saudação que o astro rei colhia, ao transpôr a barra do horizonte, era um mixto de dôr e de angustia tremenda, de blasphemia e de revolta, apesar da escravidão daqui, na sua terrível hediondez, intitular-se continuação da que elles soffriam no solo africano.

A's vezes motivos insignificantes justificavam os mais aviltantes castigos, na praça publica, aos quaes, todo o povo assistia, como se fosse uma reunião festiva.

Já não usavam apenas o chicote cortante do feitor. Inventaram machinas que, de uma só vez, manejavam cinco chicotes. Todos os dias, na praça mais central das localidades, funcionava o pelourinho. Era um poste a que se amarravam, no alto, as duas mãos do desventurado, que ficava com o corpo quasi balançando no ar. Depois, negros que se revezavam, tambem como castigo, manejavam o chicote, prostrando o infeliz.

Após esse espectáculo degradante, era o negro jogado a um canto, na roda formado pelo povo, e ali ficava a roncar, sem poder levantar-se, tal a enormidade do castigo.

Os fugitivos, quando presos, eram injuriados e espancados horriavelmente, collocando-se-lhes ao pescoço um collar de ferro.

Conservavam os usos e costumes da Africa. Cantavam as

cantigas de uso na sua Patria. Dançavam as danças de seus compatriotas.

Quando lhes davam um instante para folgar, procuravam esquecer, no desvairamento das danças exóticas, as agruras e as desditas da existencia.

## XV

Mas como os dias de soffrimento se sobrepunham aos momentos de gozo, homens como todos os homens, tendo no seu sêr como todos nós uma alma livre e immortal, o escravo africano ás vezes se erguia, nas noites enluaradas, elevando aos céus o punho cerrado, num gesto de protesto contra as torturas e ignominias de tão triste viver. E procurava meios de pôr fim ao martyrio.

E elle fugia, embrenhando-se nas mattas espessas, prompto a conviver com as feras e com os selvagens, que lhe seriam, certamente, mais benignos que os homens brancos.

Essas fugas, dia a dia mais frequentes, deram origem aos quilombos.

Nelles viviam como na Patria, adoptando tanto quanto possivel antigos usos e costumes, revivendo, na sua alma, o passado remoto e saudoso.

Um odio, até certo ponto natural, pelos brancos, fazia que elles amiude exercessem contra a raça oppressora a mais terrivel vingança, assaltando viajantes e depredando fazendas.

O soffrimento e as perseguições dos brancos os tornavam brutaes e assassinos.

Foi assim que se formou o celebre quilombo dos Palmares, que resistiu durante 70 annos, com cerca de 30.000 aggremiados, aos embates dos brancos, até que audacioso paulista, Domingos Jorge Velho, conseguiu extingui-lo, em 1697.

Os negros, que tiveram a desventura de ser apanhados vivos, foram novamente escravizados e num grande leilão, vendidos novamente.

## XVI

Durante muito tempo os martyres do captiveiro não tiveram ninguem por si. Luctavam sozinhos, ora fugindo ao regimen do terror ora lançando mão da violencia.

Era o mal contra o mal; a illegalidade contra a illegalidade.

E assim corriam os annos.

Em 1871, porem, um raio de luz cahiu em meio de tantas trevas



e as primeiras gottas de balsamo vieram suavisar a dôr da chaga viva. Um pallio protector distendeu-se, immenso, por cima da cabeça dos escravos: Rio Branco.

José Maria da Silva Paranhos, presidente do Ministerio, desferia na instituição maldita o primeiro golpe mortal.

Surge a lei de 28 de Setembro declarando livres os filhos do ventre escravo. E crea-se ainda o fundo de emancipação.

A idéa abolicionista ganha alento e a sua cohorte gloriosa salta á arena da lucta.

Começa a guerra contra a escravidão.

Ao norte do Imperio fulgura a flamma de João Cordeiro. No centro vibram, na imprensa e na tribuna, os talentos formidaveis de José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, Joaquim Nabuco, Serra e Ferreira de Araujo auxiliados por João Clapp, Theodoro Souto e muitos outros.

O escravo já não luctava sozinho. Já tinha por si uma hoste de ardorosos paladinos, generosos advogados da mais bella das causas. No jornalismo pennas vibrantes arrastavam o povo, abalando os alicerces da instituição negregada. A onda abolicionista ganhava corpo. Breve seria maremoto irresistivel.

S. Paulo não poderia ficar alheio ao movimento. E não ficou. Luiz Garcia surgiu, um dia, como força da natureza. Elle, o escravo redimido á força de tenacidade e talento, apparecia agora como libertador, acaudilhando dedicados amigos.

Mas Luiz Gama era um apostolo que não levava para a lucta apenas o ardor do seu zelo. Ia alem. Punha ao serviço da causa todos os redditos da sua intelligencia.

### XVIII

A banca do advogado Luiz Gama era a mais rendosa da epoca, a mais procurada, a mais popular.

El'e põe-na a serviço da causa. Tudo quanto o escriptorio rende verte elle na campanha humanitaria. Obcecado pela idéa abolicionista, Luiz Gama não vê á sua frente senão um objectivo: libertar por todos os meios os irmãos em ferros. E não perde para isso a minima opportunidade. Na tribuna, no jornal, no fôro, na intimidade elle trabalha sem um momento de folga no fomento do grande ideal. E não contente com isso, tira do seu trabalho o necessario para uma vida modesta, vertendo o mais no fundo de emancipação dos escravos. E assim tornou-se o maior contribuinte da caixa de emancipação que elle mesmo fundara.

## XIX

Ao lado de Gama, com dedicação nada commum, sempre militou um dos vultos mais fulgurantes da epoca — José Bonifacio — o moço, a tempestade feita eloquencia, a chamma feita homem.

E tambem Antonio Bento — o homem que juntava a satyra á acção.

Antonio Bento era juiz municipal em Atibaia quando o responsabilizaram por ter promovido a libertação de escravos em desaccordo com a lei. Esse factio mudou-lhe o curso da vida.

Transferiu-se para S. Paulo, onde, em combinação com o preto de genio, desenvolveu uma campanha formidavel.

Completavam-se. Um, homem da lei, agia dentro da legalidade, Outro, homem de acção violenta, agia dentro e fóra da lei, como braço incendiario, como agitador, como "condottieri".

Com taes chefes — Gama, o coração, José Bonifacio, a eloquencia, Antonio Bento, o raio, — a causa estava definitivamente ganha. Era questão apenas de tempo.

## XX

Luiz Gama era um forte e um bom. Inutilmente seus adversarios tentaram abatel-o. Sua fortaleza de animo, seu desapego aos bens da fortuna, sua simplicidade de vida, tudo nelle desnor-teava os inimigos. Espirito sublimado, seu desejo era ascender pelo talento e pela virtude, da qual "a miseria é o mais brilhante apagnio". Em carta a seu filho Benedicto Gama recommendava á esposa o rigoroso dever de conservar-se honesta na pobreza em que havia de ficar um dia.

O dono da mais rendosa banca de S. Paulo prevenia aos seus da herança que lhes ia deixar: a pobreza. Porque os lucros da banca não lhe pertenciam, e sim á causa...

Evitou sempre relações e amizades com os poderosos da epoca, porque, como dizia ao filho, elles eram "como o oceano que se approxima das costas para corroer os penedos".

Foi republicano.

Seu entretenimento dilecto e unico, o estudo.

Seu grande amigo, ao qual se consagrava de corpo e alma, o livro.

E soube apostolar ao mesmo tempo que a liberdade, a causa não menos santa do ensino.

Batalhou sempre para que a luz do aberê viesse completar a obra abolicionista, descravizando as intelligencias do tronco do analfabetismo.



Era philosopho. "Cria na autoridade da razão e nunca se filiou a qualquer seita religiosa".

Seus inimigos nunca lhe inspiraram odios. Compadecia-se delles, apenas.

## XXI

Um dia S. Paulo amanheceu envolto em luto.

Foi a 25 de Agosto de 1882.

Por todos os angulos da cidade, mulheres, homens e crianças do povo murmuravam consternados uma palavra fatal: — Morreu Luiz Gama!...

A alma humilde dos fracos, a alma dorida dos pequeninos soluçava de joelhos ante o irreparavel golpe. Sentiam todos o desmesurado da perda daquelle que não se pertencia a si proprio, nem á familia, porque se déra inteiro ao povo soffredor. E o povo sentia-se amputado do cerebro que pensava por elle, da bocca por onde suas queixas se formulavam, do coração que só para elle pulsava.

E affluiu em ondas á vivenda modesta em cuja salinha estava exposto o seu corpo. Todos queriam vel-o, abraçal-o, beijal-o pela ultima vez. E copiosas lagrimas cahiram sobre a rigidez do seu rosto serenizado pelos gelos da morte...

A' hora do enterro o corpo inda vinha longe e já o cemiterio regorgitava. Disputavam-se os lugares donde melhor se pudesse ver a descida do grande morto ao seio misericordioso da terra.

Acompanhou o feretro uma verdadeira procissão civica. Mais de quatro mil pessoas, a pé, seguiam-no até á mansão do silencio.

Os estandartes de todas as associações scientificas, literarias e beneficentes da cidade fluctuavam por sobre a cabeça da multidão.

Atrás, as carruagens — duzentas, tantas, talvez, quantas as possuiria S. Paulo nessa epoca.

Ao chegar o corpo ao cemiterio todo o mundo chorava.

E foi assim entre lagrimas que mergulhou na sombra o corpo do apostolo de genio, do varão sublime vendido como escravo, em menino, pelo proprio pae...

## XXII

Ficava de pé Antonio Bento. Antonio Bento substituiu Gama na chefia da lucta. Teve como auxiliares Macedo Pimentel, Archanjo Baptista, Guimarães Barroso, Hyppolito da Silva, Carlos Garcia, Bueno de Andrade, Muniz de Souza, Major Pinheiro, Santos Garrafão e o preto Quintino de Lacerda.



Organizou o “Grupo dos Caiphazes”, sociedade secreta que se propunha a combater a escravidão por todos os meios possíveis, legais ou ilegales. Antonio Bento pregava abertamente a revolta, instigava os escravos á fuga, ao abandono immediato do trabalho. Sua voz era ouvida, e a lavoura escravocrata resentiu-se logo dessa forma efficientissima de propaganda.

Sua casa transformou-se em couro de escravos fugidos.

Seu jornal era o latego que jamais deixou de chicotear a cara dos oppressores.

E, idolo da raça opprimida, tornou-se logo o pesadelo do governo e dos fazendeiros truculentos.

### XXIII

Por outro lado, no parlamento, José Bonifacio propulsionava com o seu genio a idéa libertadora. Dizia sempre, como presentindo a morte prematura: “Só quero vida para extinguir a escravidão.”

Não a teve sufficiente. Caiu nas vespas da lei aurea. Mesmo assim teve a alegria de ver, a 13 de Setembro de 85, uma lei generosa coroar a sua campanha em prol da abolição da pena do açoite. E quinze dias depois, uma outra lei humanitaria que declarava livres os escravos de sessenta annos para cima.

Era muito já, mas era pouco ainda. Tinham, porém, essas leis um quê alentador de madrugada. Prenunciavam a aurora — a grande aurora de 13 de maio. Aurora que José Bonifacio não veria luzir, pois tombou na lide, a 25 de Outubro do anno seguinte.

### XXIV

Estamos, enfim, em 88.

A instituição negregada, que nos enxovalhou a bandeira e nos perverteu o caracter nacional, minada pela base, estava prestes a aluir.

Seus dias estavam contados.

O gabinete de 10 de Março, presidido pelo honrado conselheiro João Alfredo, tinha como ministro a dois eminentes paulistas, Antonio Prado e Rodrigo Silva. Previdente como poucos, Prado viu proxima a queda da instituição servil e avaliou a catastrophe economica que ella seria para a lavoura. Aparou-lhe, logo, as consequencias. E fomentou intensamente para S. Paulo a imigração italiana, conseguindo assim obviar o inevitavel desastre.

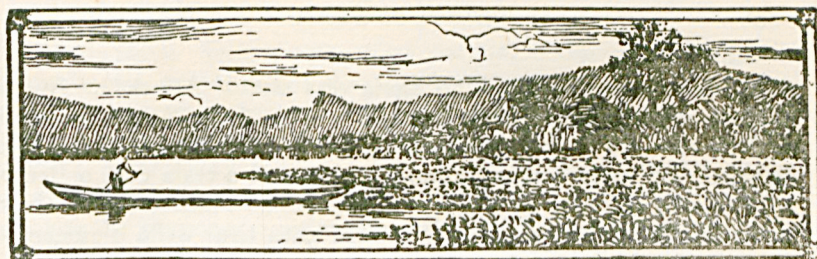


A campanha abolicionista fervia então em pleno apogêo. Era já o maremoto previsto, que derruiria tudo, inclusive o throno. A libertação pura e simples e immediata impôz-se

E a 13 de Maio a Princeza Regente sancionou a lei 3.353 que extinguiu a escravidão no territorio nacional.

E o Brasil, até essa epoca, terra maldita posta á margem da Civilização, poude erguer a cabeça e incorporar-se á caravana dos povos dignos de Soberania.





## CASTIGO

POR

LACERDA PINTO

Chovera toda a noite e de dia até ás quatro horas. Fôra uma chuvarada de verão, acompanhada de trovões e raios, a encharcar os campos e as estradas. Agora o sol saíra, mais luzente, dentre as nuvens espalhadas pelo ceu que se fazia claro, muito azul e lavado. As arvores estavam mais verdes, immoveis, como a fruir na sua mudez a delicia do refrigerio da vespera. O gado, que se metterá dentro do matto bravo, vinha para a luz e para o pastio do campo aberto. Cantavam os passaros como si fosse madrugada. Uma voz feminina cantava tambem:

*A minha infelicidade  
Nasceu da minha ventura,  
Porque só quem teve gostos  
Póde medir a amargura...*

Era a Maria Joanna que ia para o correjo, aproveitando a estiada para ensaboar umas roupas. O filho, Faustino, caboclinho de quinze annos, teve uma exclamação quando ouviu o rumor das aguas, engrossadas pela chuva:

— Êta ronco! Tambem, a chuva foi barbaridade!

— Era preciso. A plantação estava pedindo agua.

Foram descendo até o lavadouro. Faustino entrou logo no matto, na ancía de ver a arapuca que armara ás rolas.

— Si caiu alguma rola, ha estar morta, afogada...

Maria Joanna ficou só, acorada, a ensaboar a roupa que trouxera num balaio. O seu aspecto sombrio contrastava com o brilho e alegria renovada da natureza. A quadra dorida morreu-lhe nos labios, numa toada angustiosa. Depois calou-se, remoendo a sua desdita...

Maria vivia só com o filho havia tres annos. Até então vivera com um caboclo dalli, Bento Cardoso, homem bem apessoado, filho de um fazendeiro das cercanias. Quando lhe morreu o marido, deixando o Faustino com 8 annos, ella, que já o traía com o Bento não hesitou em ligar-se a este, em mancebia. Tinham vindo viver naquella casa pobre, cultivando a terra para tirar della o sustento. E assim haviam passado quatro annos, sem sombra de desgosto, felizes. Bento era bom e ella o amava, sobretudo porque Bento tratava o filho do outro como si fôra seu proprio filho.

De repente, por uma reviravolta da sorte, começou elle de se fazer scismativo, como alheio ao trabalho, á prosperidade do lar, quasi intratavel. Cheirou-lhe a amores aquillo e doeu-lhe como punhaladas. Não se enganava. O seu tino de mulher soubera sondar a alma do Bento. O homem reluctou; por fim, vendo que era inutil esconder, dissera tudo. Queria casar, regularisar a vida. O pae, já velho, não podia supportar por mais tempo aquella união, fôra das leis de Deus e "da justiça"... Demais (custava-lhe dizer, mas era preciso), elle "estava ficando doente p'r'amór de a Ignez da Sebastiana". Subira-lhe a elle o sangue á cabeça. Por causa da Ignezinha! Maria Joanna tentou a ultima cartada:

— Mas você prometteu casar commigo... Cumpra a promessa que o velho não fica desgostoso.

Bento procurou um argumento forte, que previnisse consequencias futuras:

— Olhe, Maria, eu estou com a cabeça virada, não ha mais remedio. A Ignez tambem está caída. Si eu casar com você, póde ser peor... E é a nossa sina. Deixe *eu* casar que te ajudarei. O Faustino está homem...

Bento abandonou-a de facto, para casar com a outra dalli ha mezes. Para cumulo do seu tormento, viera morar perto da sua casa, além de um samambaial que se estendia em frente. E agora ella vivia na tortura da sua solidão de amor, mal contendo o odio que Ignezinha lhe inspirava. Reconhecia na usurpadora da sua felicidade uma grande belleza, o que lhe augmentava o rancor. Alimentava por isso a idéa de uma vingança. Seria para logo...

Faustino voltou do matto. Não achara nada na arapuca desarmada e como Maria Joanna tinha a tarefa concluida, subiram para o rancho, silenciosos. Fustino pediu, quando chegavam:

— Amanhã, si não chover, nha mãe, eu vou visitar padrinho Jango, na "Roseira". Vou na mula ruana. Mecê deixa?

— Só si for de tarde... Cêdo nós imos p'r'a roça.

No dia seguinte Maria Joanna foi para a roça sósinha. Mandara o filho de manhã para o sitio do padrinho, recommendando que voltasse cedo, antes do sol entrar, e dispoz-se ao trabalho. Mas

não trabalhava. Sentia, sem saber porque, maior a sua angustia naquelle dia, maior o seu desejo de vingança... Talvez porque, na vespera, ao escurecer, indo cortar umas vassouras, vira o Bento abraçando á mulher, que trazia o filhinho ao collo. Elle voltava do trabalho e Ignez fôra esperal-o no caminho, sorridente e feliz. Chocara-a aquella scena, pela lembrança do tempo em que lhe pertencia e eram para ella os abraços da chegada.

Por isso soffria ainda mais. Scismava... Subitamente, passou-lhe pelo cerebro uma idéa sinistra... Faria isso, sim, feriria assim a outra na alma... Faustino estava longe : o momento era opportuno.

O sol descambava quando ella, sem ter feito nada na lavoura, retornou para a casa. Ia absorvida por aquella resolução. Como faria ? Olhou o sol, para calcular as horas. Sorriu. Ignez devia estar, como era do seu costume, lavando roupa no riacho que passava do outro lado...

Quando chegou, deu volta á casa do Bento. Tinha uma janella aberta. Saltou para dentro, cautelosamente, o coração a bater, a afogal-a quasi. O filho de Ignez dormia sobre uma esteira, num quarto da frente. Foi chegando, de vagar, até que abafou a creança nuns pannos que a cobriam. Depois, com geito, lentamente, tirou a tranca da porta e saíu. E correu para muito longe, para o fundo do matto, até alcançar uma clareira. Tomou então a creança pelos pés e, com uma faca de roça que trazia, retalhou-lhe o corpinho branco, numa violencia de golpes, no ventre, no peito, na cabeça. Afinal, exausta, atirou a victimazinha ensanguentada para um formigueiro alli, á flôr da terra. Ninguem saberia... A mãe, dando pela falta do filho e vendo a porta aberta, supporia ter-se esquecido de fechal-a, supporia... qualquer cousa, enfim, menos a verdade horrorosa. E ninguem nunca descobriria aquelle segredo.

Voltou á casa ao pôr do sol. Não se ouviam vozes para as bandas da casa do Bento. Ella ficou no portão do terreiro do seu rancho, á espera do Faustino, que não chegava. Foi escurecendo, a noite estava perto, e nada do filho. Teria acontecido alguma cousa ?

Subito, do samambaial que se perdia na distancia, á direita, veiu um ruido de galhos quebrados e um tropel de besta á desfilada. Maria mal teve tempo de olhar. Foi como um relampago. A mula ruana passou pela sua frente, a bufar, arrastando, preso do estribo do arreio, o corpo quebrado e mole do Faustino, de cabeça esmagada, sangrento.

Maria Joanna não deu um passo, como ankylosada pelo espanto. Depois a dôr explodiu-lhe em gritos dilacerantes, e ella deitou a correr na direcção do matto em que o filho se sumira.





## UM ARTIGO PROHIBIDO A'S CRENÇAS

ARISTIDES RABELLO

Tenho meditado muitas vezes em que diversos principios de moral inculcados por nossos paes, quando somos creanças, em vez de nos servirem para alguma coisa, depois que nos tornamos homens e começamos a lidar com o mundo, são verdadeiros impecilhos para vencermos, para nos tornarmos populares e conquistar a fortuna.

Ha muitos paes e muitas mães que procuram inspirar a seus filhos o horror á mentira, sem ter a coragem de ensinar-lhes que muitas vezes a mentira é uma necessidade para demover qualquer difficuldade, insuperavel, sem este recurso, em muitas contingencias em que nos collocamos na lucta pela vida.

Sei de mim, por exemplo, que durante muito tempo fui victima deste intransigente amor á verdade, porque um golpe do acaso, quando eu tinha seis annos, fez que eu confessasse uma falta para livrar da responsabilidade uma creada da casa; e meus paes tanto me louvavam o procedimento, premiando-me o acto com caricias e um presente, incitando-me a ser sempre veridico em tudo, que d'ahi por diante comecei a ter um summo gosto pela verdade e o meu prazer era commetter as faltas para confessal-as.

Mais tarde, num seminario, comecei a soffrer as primeiras decepções que a realidade acarreta para os veridicos e na vida em sociedade tive que ir-me adaptando á necessidade, mas as primeiras lições da infancia, muito entranhadas no espirito, tem-me trazido consideraveis prejuizos no curso da vida. E quantos poderão se queixar da mesma cousa ?

Mai ainda maior é o que nos causam certos escrupulos relativos á propriedade alheia; certamente, todos os paes devem ensinar

aos filhos que o roubo é um perigo, porque pôde ter a prisão como consequencia, mas não seria máo que tambem lhes mostrassem desde cedo, que não se pôde ser muito intransigente a este respeito sem uma condemnação certa á pobreza. Podiam apresentar-lhe notaveis exemplos em que a **usurpação** fez imperadores, milionarios e deu as maiores honrarias e glorias a diversos homens e mulheres.

Deviam, igualmente, os paes desejosos de verem seus filhos vencerem na vida e galgarem ás mais altas posições sociaes, ensinar-lhes a temperar, com arte, a sinceridade e a hypocrisia, porque é do justo emprego ora de uma, ora de outra destas virtudes, que conseguimos a estima, a confiança e a admiração dos nossos semelhantes. Mas ninguem nos ensina senão a ter horror á hypocrisia e só aprendemos a usar della, sem dextreza, pela força da necessidade. Se desde meninos aprendessemos a arte de usal-a, colheriamos, depois de homens, muitas vantagens do seu emprego nas occasiões adequadas, e sem remorsos.

Ha virtudes que se pôdem ensinar impunemente ás creanças, taes como a constancia no trabalho, a força de vontade, a confiança em si, a economia e outras, cujos vicios contrarios são reconhecidamente prejudiciaes ao exito na vida.

Porque, se os factos historicos e os exemplos de hoje nos mostram muitos mentirosos, usurpadores, ladrões e hypocritas occupando as mais invejaveis situações sociaes, não consta que jámais tenha subido um preguiçoso, um inconstante, um timido ou um perdulario.

Mas, dentre todas as virtudes, existe uma que tem causado maior numero de maleficios do que talvez o vicio da embriaguez: refiro-me á modestia, á decantada modestia das violetas, que os mais presumpçosos dos homens fingem ter, porque a acham bella.

Não adeantarei que seja necessario a presumpção a um homem, para que elle evite os prejuizos da modestia, porque o defeito da presumpção é o que mais irritação provoca e mais antipathias desperta.

Mas uma certa dóse de entusiasmo e gosto por nós mesmos, de confiança na nossa intelligencia e competencia, é absolutamente necessaria para o exito.

A humanidade é reconhecidamente muito suggestionavel e quem se apresentar perante seu julgamento com ar de ignorante, occultando seu valor ou negando-o, por modestia, será julgado e tido mesmo por ignorante e nullo; ao passo que aquelle, bastante corajoso e habil para ser immodesto sem ridiculo, impõe-se perante os outros e faz que muitos adoptem a seu respeito a mesma boa idéa que elle faz de si.



Se algum leitor destas linhas rebellar-se contra estas palavras que tão machiavelicamente vou traçando aqui, pare um pouco a leitura e pense nos homens de seu conhecimento e cuja carreira pela vida lhe pareça brilhante.

Exceptuando aquelles que nasceram ricos, como foi que se enriqueceu fulano ?

Se é um negociante, pensae nos seus processos de venda, no seu modo especial e legitimo de mentir aos freguezes, etc.; se é um politico eminente, pensae nas suas hypocritas attitudes, nas suas transigencias e subserviencias; si é um medico notavel ou um notavel advogado, pensae no seu charlatanismo e nos mil e um artificios que empregaram para alcançar fama; si é um industrial, pensae na maneira pela qual chegou á sua posição, nos seus começos de vida.

Um pae dizendo a seu filho "sê verdadeiro em todas as occasiões, leal e sincero, não queiras para ti o que é dos outros e cultivava a modestia" está lhe impingindo virtudes que o condemnarão a falhar completamente. E muitos paes, certos de não serem carranças á antiga e antes liberaes e modernistas no seu processo de educação, jámais ensinam aos filhos uma certa dóse de *savoir vivre* indispensavel, por um condemnavel escrupulo que nenhuma cousa deste mundo seria capaz de demover.

O resultado é que todos entramos pela vida em fóra carregados de preconceitos e, tropeçando aqui, recuando ali e cahindo acolá, só muito tarde viremos a comprehender que ha virtudes que nunca foram premiadas neste mundo ! Mas já é tarde, o que nos foi gravado no espirito em creanças nunca mais se apagará: e qualquer desvio que façamos ás restrictas regras de moral que nos impuzeram, traz-nos o remorso, o mal estar intimo. E continuamos a ser carranças e a ensinar o carrancismo aos nossos filhos.

Felizes são aquelles que por uma intuição natural ou por uma qualidade propria do temperamento, sabem desde cedo temperar e manejar com arte as virtudes e as qualidades a que chamam más, pois estas corrigem muitas vezes as inconveniencias d'aquellas.

Foi pena que Machiavel não escrevesse obra destinada a todos os homens, abrindo-lhes os olhos, como fez para os que governam, apresentando os salutaes exemplos de que tivesse conhecimento, para demonstrar a verdade destes preceitos subversivos. E de Machiavel para cá houye tantos exemplos convincentes !

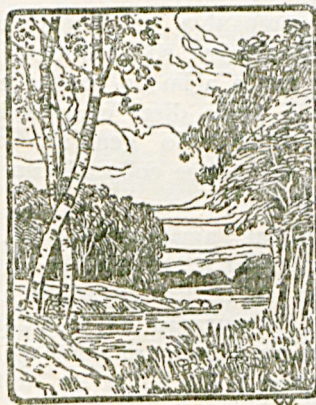
Basta citar os mais illustres: Napoleão, se não usurpasse, se fosse veridico, modesto, leal e sincero, teria subido a imperador ? E entre nós: Deodoro teria tido a gloria de ser chamado o fundador da Republica se cultivasse a lealdade ?



E qual o estadista que subiu a governar só pelos seus meritos ? Onde ? Em que tempo ?

Agora, se fôr feita a objecção de que ninguem educa os seus filhos para os altos postos e nem para conseguir a fortuna, e sim para uma simples vida de cidadão, ah, então me confesso em erro e acho que se lhes pôdem ensinar as virtudes classicas e dar-lhes uma educação moral segundo os livros didacticos que, sobre o assumpto foram escriptos para as escolas primarias.

Felizmente, a propria observação dos factos e as prementes necessidades da vida não permittem que os meninos aprendam e sigam, *in litteris*, o que lhes é impingido em casa e nas escolas: porque, se elle em casa fôr generoso, abnegado, bomzinho em tudo, será vencido pelos irmãos na concurrencia de todos os dias, caber-lhe-á a peor parte de tudo ou não lhe caberá nenhum quinhão dos doces e das fructas. Fóra de casa, no proprio collegio, será um pobre coitado ridiculo, se tiver sempre como guia de seus actos toda a lista das chamadas boas qualidades se a ellas não juntar as más, indispensaveis. E quanto mais fôr crescendo em idade e o seu campo de acção fôr se tornado maior, tanto mais o moço é obrigado a relegar ao esquecimento a moral pura e ir se adaptando á realidade social. Aprende á sua propria custa, depois de mil decepções, quando poderia evitar tantos contratempos se os seus paes e mestres, em vez de lhe ensinarem só o bem, o bem theorico e prejudicial, lhes tivessem ensinado um pouco do mal — que foi, é, e será sempre indispensavel á vida e ao triumpho no mundo.





## EXCERPTOS DO DIARIO DE ANDRÉ REBOUÇAS

17 de Setembro (domingo). Noite fria e humida, com muito vento. A uma hora appareceu a bordo o filho do general Flores contando ter sahido de Uruguayana um troço de paraguayos com rumo feito para Santa Anna e Quaraim. Tamandaré mandou logo accender as fornalhas do "Onze de Junho". Mais tarde surgiram a bordo um soldado e um sargento paraguayoy, evadidos, trazendo um delles carne de cavallo assada, que haviam preparado para a viagem da fuga. Denunciaram que os chefes ainda não tinham desertado, mas preparavam-se para isso, arrumando umas 50 jangadas. De facto, ha tres ou quatro noites que de bordo se ouve lá dentro o barulho de trabalho em madeira. Eis ahí os homens dispostos a resistir até á ultima que o sr. Ferraz tanto teme a ponto de receiar que façam o Imperador morrer de typho antes que se rendam !

O Imperador em companhia de Tamandaré passou hontem revista á Divisão Canabarro; só encontrou 1.300 homens, na mór parte sem mais roupa além do ponche e irregularmente armados. Canabarro não soube dizer quantos homens tinha, e foi asperamente reprehendido pelo general Cabral, ajudante de ordens de S. M. por não ter-se collocado no centro da linha por occasião da continencia.

A's 9 1/2 da manhã foi Tamandaré á terra, buscar o Duque de Saxe, que deve commandar a esquadilha durante o bombardeio.

A' tarde appareceu um medico argentino a pedir ao almirante que mandasse para Restauração as familias sahidas de Uruguayana, as quaes Mitre amontoara numa palhoça miseravel sita em frente do ancoradouro do "Onze de Junho".

Disse-me elle que era lastimoso ver, nestas tempestuosas noites, tiritar de frio as pobres mulheres e crianças, quasi inteiramente ao desabrigo, sem nenhum conforto nem sequer agua quente

para as crianças enfermas. Nisto não cuida o illustre general, mas sim de cobrir-se de sangue para fazer brilhar seus santafésinos e crear maior numero de asseclas. Ah! os miseraveis especuladores com as desgraças humanas! Quando mandareis, meu Deus, um Hercules que purgue a humanidade de taes monstros?

Pelas tres horas desembarcaram alguns Imperiaes Marinheiros para irem servir na artilharia do Exercito!

A's 4 1/2 chegou o Almirante com o Duque e o ex-ministro Delamare, afim de presidir ao famoso bombardeamento. Que horrivel coincidencia! E' contra uma cidade brasileira que o Duque de Saxe, almirante brasileiro, vae lançar suas primeiras bombas!

Pelas 7 da noite o commandante Netto lançou algumas balas sobre a cidade, e já durante o dia fizera uns tiros contra um grupo de paraguayos, destruindo-lhes grande parte das trincheiras.

18 de Setembro. Chegou, afinal, de madrugada, pelo "União", o 4.º de Voluntarios, depois d'uma viagem penosissima, sem munições de bocca, padecendo horriveis temporaes e com dois dias de abstinencia a bordo. O commandante Pinheiro Guimarães apresentou-se pelas 6 horas e almoçou com o almirante A's 8 o Silveira da Motta entrou com um official paraguayo que contou estarem na praça em tal estado desespero que o proprio padre Duarte já aconselhara a rendição, a qual já se teria dado si não fosse a presença dos nossos famosos alliados cuja sede de sangue bem conhecem os "blancos" de Uruguayana. Silveira da Motta presenteou logo o official, que estava descalço e envolvido num seboso ponche, com uma camisa de linho e calças e panno azul. Os soldados paraguayos que temos a bordo estão já vestidos e fazem o serviço com sorriso nos labios, num estado de beatitude indefinivel. O capitão Ibarrola, prisioneiro e ferido no combate de Yatahy, derramou lagrimas de gratidão ao receber a roupa que Tamandaré mandou distribuir entre os doentes do hospital de Restauração. Deus proteja o povo que assim trata seus inimigos.

O official paraguayo informou-nos ser de 5.103 homens o exercito sitiado, compondo-se de 6 batalhões de infantaria, 3 regimentos de cavallaria, 5 canhões, 3 cornetas, 1 pifaro, 1 tambor, 1 medico e 2 praticantes. Foi muito comica a entrada do tal official paraguayo (Amarillo) a bordo do "Onze de Junho". Ao ver o Duque de Saxe exclamou: "Que belo hombre! Es un angel!" Ao entrar na praça d'armas do navio, que é simplesmente pintada de branco, disse: "Que grandeza! Que gloria!" e



quando lhe trouxeram sapatos para escolher: "Bravo! Caramba! No Paraguay não ha disto!" O commandante Netto penteou-o, poz-lhe pomada nos cabellos e deu-lhe um espelho para que visse a transformação.

— Transformadissimo, senhor, disse elle mirando-se dum modo tão comico que os circumstantes não podiam conter o riso.

Este pobre homem, no emtanto, commandava um esquadrão de 120 praças, hoje reduzido a 50. Tamandaré mais tarde levou-o á presença do Imperador.

De bordo vimos, ás 11 horas, a infantaria e a cavallaria nacionaes avançando em direcção de Uruguayana sem disparar um tiro; a 1 da tarde o nosso pavilhão tremulou no cemiterio, um ponto que domina a cidade; e ás 2 e tres quartos chegou a noticia da rendição. Graças, meu bom Deus, mil graças! Estou convencido: *Sois Vós somente Quem por nós combate.*

O Imperador portou-se com temeridade injustificavel, apesar das advertencias de todos que o rodeavam. Porto Alegre conduziu o exercito de tal modo que Flores disse imaginar que elle ia bandear-se para o inimigo.

A artilharia foi, como em Paysandu', collocada dentro do alcance das espingardas inimigas. Incriveis as loucuras que se fizeram.

Muito antes dos chefes responderem á ultima intimação já os paraguayos, açulados pelo Amarillo, que acompanhara o almirante, trepavam á garupa dos cavalleiros vindos dos arredores para assistir ao combate e passavam-se para o nosso lado, dando gritos de alegria.

A resposta á intimação veio ás 2 horas, e logo principiou a scena mais comica, senão a mais abjecta, que se passou na America do Sul: o desfile perante S. M., que tinha ao lado Flores e Mitre, do exercito paraguayoy, se tal nome pode merecer o bando de mendigos esfarrapados que conduziam objectos roubados em Itaquí, S. Borja e Uruguayana. Dir-se-ia uma procissão dos famosos frequentadores da *cour des miracles*. Um, trazia, aberta, uma sombrinha de senhora; outro, uma cadeira; outro, panellas; todos, saccos cheios de bugigangas; mostravam em geral alegria, a triste alegria dos que estão em estado de embriaguez.

Parece incrivel mas é verdade: o 4.º batalhão que montou guarda aos prisioneiros essa noite comprou a estes mendigos bandidos garrafas de vinho, assucar, café e outras coisas que elles traziam!

O fornecedor Bravo contou-me que foi preciso empregar a força para impedir que os soldados orientaes e argentinos sa-



queassem os miseraveis restos que em Uruguayana deixaram os invasores !

O Imperador entrou na cidade ao anoitecer e jantou na casa onde estavam os irmãos Savagnac e o cura, indo dormir no acampamento.

A's 6 chegou a bordo o cura Blaz Duarte, que diz ser das Missões Paraguayos, e é tido como a alma damnada da horda invasora. E' de estatura media, tem olhos azues, vivos, que aperta quando sob alguma emoção; nariz curvo, voz sibilante, falando baixo e de vagar. Está gordo, de cara luzidia, rochonchuda e avinhada, como si sahisse do convento de S. Bento e não de uma cidade sitiada. Um dos paraguayos de bordo beijou-lhe a mão reverenciosamente e tirou-lhe, de joelhos, as esporas. Eu sahi da sala para não ver este monstro que mesmo na adversidade abusava da simplicidade de espirito dos seus semelhantes.

No momento da rendição, quando se approximou de S. M. e dos ajudantes de ordem do general Cabral, os quaes difficilmente continham os habitantes de S. Borja, Itaquí e Uruguayana que sobre elle se precipitavam sedentos de vingança, disse, pallido e tremulo: Venho pedir a V. M. a liberdade para mim e para a minha patria ! Que revoltante hypocrisia a deste monstro que inda ha dias citava as Thermopylas na resposta á intimação de Porto-Alegre !

. . . . .

Fui depois do almoço visitar Uruguayana. Encontrei-a cercada duma ridicula trincheira que até com cavallos se podia transpor. O fosso tinha de 4 a 5 palmos de largura por 3 a 4 de fundo. Por toda a parte, canôas, balsas, jangadas e toda a sorte de apetrechos para a fuga, alguns bem ridiculos e inefficazes, v. g. uma escada revestida de taboas amarradas com guascas de couro; uma gaveta de armario forrada de couro; um gavetão em cima de duas pipas. O que havia de melhor eram as canoas construidas com taboas tiradas dos fôrros e soalhos das casas. Encontrei uma botica em tal estado de desordem que difficilmente se poderia conceber que homens fizessem aquillo.

Nas malas do cura e nas do chefe Estigarribia, onde esperavamos encontrar documentos officiaes de importancia, o que havia eram leques, joias e peças de seda... Dizem que Estigarribia (que teve a baixeza de perguntar a Ferraz si devia beijar as mãos de S. M.) se apresentara com as dragonas e o chapéo armado do Tent. Cel. da G. N. de S. Borja ! Eis os inimigos com quem se ia medir o nosso Imperador !



.....

Estigarribia á meia noite chegou a bordo. E' alto, corpulento, bem moreno, cabellos pretos, typo de cearense ou pernambucano.

Demonstrava sangue frio e segurança admiraveis. Fumava sem parar e só cuidava de rehaver uns arreios prateados que estavam no "Taquary" e 600 patações que deixara em mãos dum official paraguay, ao qual escreveu.

Passou tambem uma declaração de que escolhera o Rio de Janeiro para residencia, para lá seguindo de livre vontade.

O cura Blaz Duarte, que vive a bordo como em seu convento, pediu para residir em Buenos Aires, onde diz ter amigos.

21 de Setembro. Desembarquei ás 9 horas com o almirante e todos os officiaes de bordo para assistir á missa e ao "Te Deum" em acção de graças pela incruenta victoria de Uruguayana a celebrarem-se no acampamento de S. M. I. Quando chegamos ao toldo armado para esse fim já lá se achavam o presidente Flores, de chapéo armado e dragonas; o general Mitre, de sobrecasaca, collete e boné, como de costume; um filho de Flores muito menos sympathico e amavel do que o que fez commigo a viagem da Concordia em diligencia; o estado maior dos dois presidentes; toda a côrte, os generaes e os respectivos sequitos.

Faltou o barão de Jacuhy; estava, porem, o Canabarro, extremamente corpulento, moreno forte, cabellos brancos, olhos quasi sempre fechados pelo peso das palpebras — um todo, enfim, indicativo de completa ausencia de dotes intellectuaes.

Antes de começar a missa collocaram-se em linha os tres estandartes, o nosso no centro, o argentino á direita e o oriental á esquerda, guardados por 4 batalhões brasileiros e meio batalhão de cada alliado. Foi extremamente tocante a scena em que, no "Sanctis", as tres bandeiras se curvaram ao mesmo tempo ao Deus dos exercitos que lhes concedera a melhor das victorias.

.....

Depois da missa, ao meio dia, o ministro Ferraz convidou para uma conferencia ao Mitre, ao Flores, ao Tamandaré e ao Porto-Alegre.

O Imperador não a presidiu, ficando de fóra a conversar com o general Paunero e com um outro general chefe do estado maior de Mitre que teve a coragem de apresentar a S. M. a suggestão barbara de mandar matar e queimar o cura Duarte e Estigarribia. O Imperador, horrorisado, repelliu *in limine* tal idéa. O pro-



prio Paunero abaixou os olhos, envergonhado, mas, proseguindo na conversação, cahiu, tambem elle, na inconveniencia de lamentar que fosse o Paraguay um paiz pobre onde os aliados não podiam saquear a titulo de represalia !

. . . . .

O "Tramandahy" entrou á tarde trazendo a grata nova de se achar em caminho de Uruguayana o ministro inglez Thornton, encarregado de restabelecer as relações diplomaticas entre o Brasil e a Inglaterra.

. . . . .

*23 de Setembro.* A uma hora da tarde realisou-se a apresentação perante o Imperador do ministro inglez Thornton, assistida por toda a côrte, e a officialidade, em grande uniforme. Todo o mundo, sobretudo os estrangeiros, admiraram-se do discurso de Thornton, no qual dizia que a Inglaterra "désavouait les faits passés á Rio de Janeiro"; da resposta um pouco secca e altiva do Imperador, referindo-se ao exemplo de moderação e justiça que os aliados acabavam de dar ao mundo na capitulação de Uruguayana; e sobretudo de que o ministro inglez viesse por terra, da Concordia a Restauração, do modo mais incommodo, em viagem forçada, ora a cavallo ora de carro, voltando ainda n'uma sumaca onde a custo se poude arranjar dois beliches, um para elle e outro para o secretario da legação brasileira, o sr. Jarbas. Attribuem tanta fineza á amizade que tem o sr. Thornton pelo ministro brasileiro Leal, em Buenos Aires. O que é certo é que, por um milhar de circunstancias, a satisfação dada pela Inglaterra ao Brasil foi talvez a mais completa que esse paiz jamais deu a nação alguma, patenteando-se mais uma vez a extraordinaria predilecção da Divina Providencia pela terra de Santa Cruz.

# ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



PEDRO AUGUSTO CARNEIRO LESSA

*(Successor de Lucio de Mendonça na cadeira n. 11. Nasceu na antiga cidade do Serro, ao norte do Estado de Minas Geraes, a 25 de Setembro de 1859).*

## BIBLIOGRAPHIA

- 1 THESES e dissertações apresentadas á Faculdade de Direito de S. Paulo para o concurso a uma vaga de lente substituto — São Paulo, 1887.
- 2 MEMORIA historica academica da Faculdade de Direito de S. Paulo, anno de 1888 — S. Paulo, 1889.
- \* 3 APPELLAÇÃO CIVEL n. 1782 — 42 pgs. — S. Paulo, Typ. Industrial, 1898. (1)
- 4 INTERPRETAÇÃO dos arts. 34, 23, 63 e 65 n. 2 da Constituição Federal — 110 pgs. — S. Paulo, 1899.
- \* 5 A HISTORIA É UMA SCIENCIA? — 108 pgs. — S. Paulo. Typ. Casa Electica — 1900. E' a introduccão da "Historia da Civilisação" de Buckle, traduzida por Adolpho J. A. Melchert.
- \* 6 O DETERMINISMO PSYCHICO E A IMPUTABILIDADE E RESPONSABILIDADE CRIMINAES — memoria — 143 pgs. — S. Paulo, Typ. Duprat & Cia. — 1905.
- \* 7 DISCURSOS — 80 pgs. — Rio, Offas. da Renascença — 1909.

Publicou muitas razões forenses, quando advogado em S. Paulo, sendo varias reproduzidas nas revistas de Direito do Estado e da Capital Federal. Só consegui a supra mencionada.

(Os livros que tem o signal (\*) pertencem á minha collecção).

- \* 8 DISSERTAÇÕES E POLEMICAS — estudos jurídicos — 360 pgs. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1909.
- \* 9 PHILOSOPHIA DO DIREITO — 392 pgs. — Rio, Typ. do “Jornal do Commercio” — 1912.
- \* 10 DO PODER JUDICIARIO — (1.º milheiro) — 435 — V. pgs. — Rio, Livraria Francisco Alves — 1915.
- \* 11 DISCURSOS E CONFERENCIAS — 262 pgs. — S. Paulo, typ. Industrial — 1916.
- 12 TRABALHOS no “Relatorio do Primeiro Congresso Juridico”.
- \* 13 A SIMPLIFICAÇÃO DO PROCESSO diante dos principios philosophicos do direito — Conferencia em sessão de 25-8-1916 no Instituto dos Advogados Brasileiros (separata).
- \* 14 DISCURSO EM RESPOSTA ao de recepção do sr. Alfredo Pujol — pgs. 43 a 84 — S. Paulo, Casa Editora “O Livro” — 1919.

Tem escripto no *Estado de S. Paulo*, no *Jornal do Commercio*, do Rio, *Imparcial*, etc. e nas revistas *O Direito*, *Revista de Direito*, *Revista do Supremo Tribunal Federal*, *Gazeta Juridica*, *S. Paulo Judiciario*, *Renasçença*, *Revista da Academia Brasileira de Letras*: Elogio de Lucio de Mendonça, vol. 6.º pg. 316; João Francisco Lisbôa (conferencia) n. 10 pg. 297; *Revista Americana*: Elogio de Lucio de Mendonça, tomo IV fasc. 3.º, pg. 261; *Revista do Brasil*: O preconceito das reformas constitucionaes ns. 1 e 16; Defesa nacional, n. 12; A Idéa de justiça, n. 23; Aos escoteiros, n. 28; A Confederação do Equador, n. 31; O Brasil não poderá assignar o tratado de paz? n. 42; *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*; *Almanack Garnier* (1914): A theoria de Ihering; etc.

Encontra-se o seu retrato na Bibliotheca de Autores Celebres, em *Le Brésil Contemporain* do Dr. Rovelly, 3 ème tome, no *Almanack Garnier*, etc.

Quando estudante redigiu *O Federalista*, periodico republicano, em companhia de Alberto Salles e Alcides Lima.

#### FONTES PARA UM ESTUDO CRITICO

- 1 Clovis Bevilacqua — Discurso de recepção, n. 6 da Revista da Academia.
- 2 Pereira de Carvalho — Os membros da Academia em 1915.
- 3 José Maria Bello — Estudos criticos, pg. 59.
- 4 Victor Orban — *Littérature Brésilienne*, pg. 352.
- 5 Dr. P. Rovelly — *Le Brésil Contemporain*, 3ème vol.
- 6 Sacramento Blake — *Diccionario Bibliographico*, vol. 7.
- 7 Celso Vieira — *Revista do Brasil*, n. 29.
- 8 Levy Carneiro — O poder judiciario, artigos no “*Jornal do Commercio*”.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO  
CRITICO

Pedro Augusto Carneiro Lessa, filho de José Pedro Lessa, nasceu na cidade do Serro, do norte de Minas, a 25 de Setembro de 1859.

Estudou preparatorios na mesma cidade, depois no Rio de Janeiro, e completou-os em S. Paulo onde fez o curso de direito, diplomando-se em 1883. Defendeu these em 1888, conseguiu a nomeação de lente da Faculdade de Direito, em 1891 e por longos annos leccionou a cadeira de philosophia do direito.

Foi secretario da Relação de S. Paulo, membro do primeiro Congresso Constituinte de S. Paulo e hoje é ministro do Supremo Tribunal Federal.

Pondo de parte as suas razões forenses de que só conheço um exemplar, e exceptuando as suas primeiras produções até 1899, cumpre-me dar a primazia ao ensaio de critica philosophica, escripto como prefacio a uma traducção da "Historia da civilisção na Inglaterra" de Buckle e que mereceu edição distincta, sob o titulo: "E' a historia uma sciencia?"

Para responder ao quesito a si proprio formulado, aprecia a evolução por que passou a historia, a partir da antiguidde grega até os autores contemporaneos.

Os gregos manifestaram pouca devoção pelos assumptos historicos; cultivaram-n'os mais sob a feição litteraria do que no dominio de cogitações scientificas. Os romanos excederam os predecessores e melhor ordenaram os materiaes indispensaveis ás deducções posteriores. Embora destituídos de caracter theorico ou espirito philosophico, tiveram a seu favor o regimen da organização politica.

Pedro Lessa aprecia de relance a função exercida pelos autores antigos e vem se deter no exame de Grote, Mommsen, Fustel de Coulanges e outros que se aproveitaram do cabedal da litteratura greco-romana.

Analysa a concepção de Machiavel, durante o periodo da renascença, define a doutrina de Bossuet e critica os fundamentos da obra de Vico.

Sempre guiado pelo mesmo methodo, passa em revista os systemas de Hegel, Niebuhr, Voltaire, Montesquieu, Condorcet, Herder e chega até A. Comte e Littré, cujas ideias combate, embora reconheça a superioridade do fundador do positivismo sobre todos os outros.

E com todo o cabedal adquirido no exame retrospectivo, refuta a doutrina de Buckle e conclúe negando que a historia preencha os requisitos de uma sciencia.

Manifesto-me de accôrdo com o autor, mas julgo que a historia é o instrumento fundamental da sociologia, como o telescopio em relação á astronomia e quiçá como seja a historia natural para a biologia. E', portanto, a base de uma sciencia, abrange os phenomenos que, pela inducção nos conduzem ao methodo deductivo e por consequente á elaboração das leis sociaes.



A esse ensaio de critica philosophica seguiram-se dous opusculos — “O determinismo psychico” e “Discursos” —, ambos incluidos em obras posteriores: o primeiro como parte da “Philosophia do Direito” e o segundo reproduzido, na integra, em “Discursos e conferencias”.

“Dissertações e polemicas” abrangem theses interessantes de direito constitucional, civil, commercial, internacional privado, romano e penal. Com rara erudição, o autor discute pontos controvertidos e esclarece questões obscuras, intervindo com o methodo exegetico e os verdadeiros principios da logica inductiva e deductiva.

A “Philosophia do direito” é a sua obra capital, onde se revela um agnosticista, adoptando muitas ideias de Spencer e emittindo muitas opiniões originaes.

Emprehende na primeira parte um estudo succinto dos methodos, firmado no apoio de A. Comte, Stuart Mill e Bain, examina a nação de lei atravez de varias definições e esboça a apreciação dos systemas theologico, metaphysico e positivo, sempre tendo em mira o desenvolvimento das ideias basicas da philosophia do direito.

Preoccupa-se em seguida com a divisão do direito em dogmatica juridica, historia e philosophia do direito e passa a estabelecer as relações ou dependencias mutuas entre a sociologia, politica, anthropologia, economia com o direito.

Aborda, em capitulo desenvolvido, a parte principal da obra, onde esboça o seu credo philosophico e a sua doutrina do direito moderno, dissertando sobre o determinismo psychico e a imputabilidade e responsabilidade criminaes. Ahi examina as theorias do livre arbitrio e do determinismo, atravez do prisma da psychologia, firma as suas ideias com a refutação de doutrinas antigas, estabelece a divisão do determinismo e faz uma digressão pelo systema philosophico a partir das escolas jonica e eleatica até os autores contemporaneos, sempre a estabelecer o parallelo entre a doutrina do livre arbitrio e as noções dos deterministas.

Estuda o phenomeno da vontade, esboço psychologico preliminar, para invadir o dominio da imputabilidade e responsabilidade criminaes, examinando-as com os elementos adquiridos e confrontando-as com os pareceres dos criminalistas, afim de chegar ás consequencias da these.

Examina depois o criticismo de Kant ou a escola idealista, detem-se na apreciação da escola historica e termina o volume com o resumo da theoria de Ihering, estabelecendo a critica justa e clarividente do empirismo concernente ao methodo e da falsidade ou inconsistencia inherente á doutrina do jurista germanico.

E' um livro de real valor e de destaque em o nosso meio intellectual.

Outra obra de folego, mas subordinada ao direito constitucional, é “Do Poder Judiciario”, livro que mereceu a apreciação competente de um moço de talento e de valor. Refiro-me a Levy Carneiro.

O autor prestou, com a publicação dessa obra, relevante serviço ao perfeito conhecimento do regimen republicano que adoptámos, inspirado nos modelos dos Estados Unidos e da Republica Argentina.

A litteratura juridica resentia-se da falta de um livro como esse, para estudar os principios da justiça em face da lei fundamental que estabelecemos.

Com erudição rara e perfeito conhecimento da materia, o dr. Pedro Lessa discorre sobre os artigos e respectivos paragraphos da Constituição, na parte concernente ao Poder Judiciario (artigos 55 a 62), examinando interpretações e estudos de varios commentadores e exegetas, analysando-as sob o criterio proprio e comparando-as com disposições analogas das leis constitucionaes de outras republicas sujeitas ao systema federativo.

E' um livro que se recommenda a legisladores, magistrados e advogados, como excellente subsidio ao perfeito conhecimento das bases da nossa organização judiciaria.

Nos "Discursos e conferencias" foram colleccionadas as obras de eloquencia: orações de paranympho, de homenagem a homens illustres, de recepção no Instituto Historico e Geographico e na Academia Brasileira de Letras e as conferencias sobre João Francisco Lisboa e Francisco Adolpho de Varnhagen.

O dr. Pedro Lessa apresenta quatro faces distinctas do seu talento ou de cultura do seu espirito: a do philosopho, jurista, historiador e litterato.

A primeira feição se accentuou atravez do tirocinio de professor, onde adquiriu cabedal de illustração e conseguiu a orientação do seu modo de pensar. Tornou-se um homem de ideias e obteve a erudição que lhe facultou discernir sobre assumptos de magna responsabilidade, com proficiencia e elevação de vistas.

A jurisprudencia constitúe elemento integrante de sua profissão. Foi advogado illustre, professor de direito e desempenha hoje, com brilho intenso, o elevado cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal. O eclecticismo do jurista é decorrente da dupla circumstancia de haver leccionado uma cadeira de synthese e de occupar um cargo de magistrado que julga questões affectas a todas as especialidades.

Escreveu sobre o assumpto, além das obras de estreia e as razões forenses, os livros: "Dissertações e polemicas", "Do Poder Judiciario", "As memorias nos annaes do 1.º Congresso Juridico, os artigos em revistas e a conferencia no Instituto dos Advogados.

A historia exerce particular attracção sobre o talento do escriptor. Fustel de Coulanges, Mommsen, Ferrero e outros autores constituem a predilecção de suas leituras.

O ensaio "É a historia uma sciencia?" representa sua principal con-



tribuição, além dos conceitos disseminados em varios trabalhos e das conferencias sobre os dous historiadores brasileiros.

O homem de letras se manifesta em toda a obra, pelo seu estylo sobrio, conciso e simples; mas as producções especializadas ou subordinadas ao genero litterario propriamente dito são as conferencias sobre Varnhagen e João Lisbôa e os discursos na Academia, de recepção e de elogio de Alfredo Pujol.

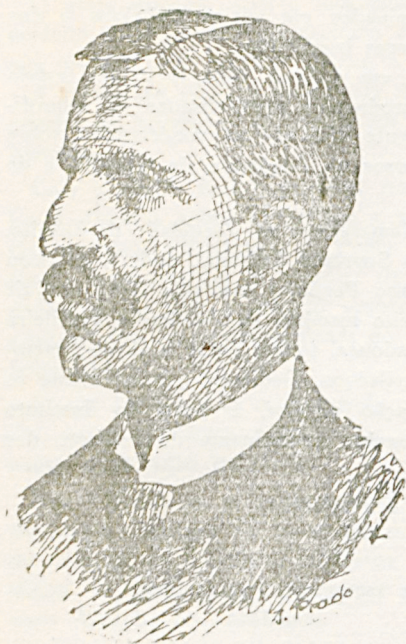
O dr. Pedro Lessa deixou nome imperecível na Faculdade de Direito, como professor notavel; alcançou no Supremo Tribunal, onde o collocou com muito acerto o presidente Affonso Penna, a merecida fama de juiz imparcial e sacerdote do direito. Eleito membro da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Lucio de Mendonça, tomou posse a 12 de Setembro de 1910, recebido por Clovis Bevilacqua. Dedicase presentemente ás campanhas de nacionalismo e educação physica, é socio do Instituto Historico do Rio e de S. Paulo, membro proeminente do Instituto dos Advogados.

E' um brasileiro digno de respeito e admiração.

#### SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Educação e antecedentes do escriptor — O seu curso juridico e as theses para o concurso — O advogado — O constitucionalista — A philosophia da historia — O orador — O jurisconsulto — A philosophia do direito — O politico — O magistrado — Cultura litteraria — O sacerdote do direito — A causa do nacionalismo — O Academico.





## FRANÇA JUNIOR

*(Patrono da cadeira n.  
12: Nasceu na cidade do  
Rio de Janeiro o 19 de  
Abril de 1838 e falleceu  
em Minas (Caldas, a 27  
de Setembro de 1890).*

## BIBLIOGRAPHIA

- \* 1 MEIA HORA DE CYNISMO — comedia em 1 acto — 3.<sup>a</sup> edição — 19 pags. S. Paulo, Livraria de C. Teixeira. — Foi escripta em S. Paulo (1861).
- 2 A REPUBLICA MODELO — comedia, 1 acto — S. Paulo, 1861.
- \* 3 TYPOS DA ACTUALIDADE — comedia 3 actos, 36 pags. — 2.<sup>a</sup> edição — São Paulo, Livraria de C. Teixeira. Foi escripta em S. Paulo (1862) e representada pela primeira vez no Theatro Gymnasio, depois no Novidades, a 8-12-1863. Tambem é conhecida pelo titulo — “O Barão da Cutia”.
- 4 INGLEZES NA COSTA — comedia em 2 actos — Rio, 1864.
- \* 5 DIREITO POR LINHAS TORTAS — comedia em 4 actos — 133 pags. — Rio, Typ. Americana — 1871. — Foi representada na Phenix Dramatica em 8-10-1870.
- \* 6 O AMOR COM AMOR SE PAGA — comedia em 1 acto — 30 pags. — Rio, Livraria Popular de Cruz Coutinho — Typ. Americana — 1871. — Foi representada na Phenix Dramatica em 6-9-1870.

Os livros que tem o signal (\*) fazem parte da minha collecção.

- \* 7 O DEFEITO DE FAMILIA — comedia em 1 acto — 49 pags. — Rio, Typ. Americana — 1871. — Foi representada na Phenix Dramatica em 25-9-1870.
- \* 8 O TYPO BRASILEIRO — comedia em 1 acto — 42 pags. — Rio, Typ. Americana 1872. — Foi representada na Phenix Dramatica.
- \* 9 RELATORIO SOBRE A PINTURA E ESTATUARIA — (Exposição Universal de Vienna em 1873) — 32 pags. — Rio. Typ. Nacional — 1874.
- \* 10 ENTREI PARA O CLUB JACOME — comedia em 1 acto — 24 pags. — Rio, Livro Popular (Typ. Vera Cruz) — 1877.
- \* 11 FOLHETINS (Bibliotheca da Gazeta de Noticias)— 1.<sup>a</sup> edição — 233 pags. in 8.<sup>o</sup>. — Rio, 1878 — A 2.<sup>a</sup> edição que possuo, é da Livraria de J. R. Santos (successor de Cruz Coutinho) — 1894.
- \* 12 COMO SE FAZIA UM DEPUTADO — comedia em 3 actos, musica de Carlos Cavalier, 80 pags. — Rio, Gazetinha, editora 1882. — Representada no Recreio Dramatico em 1882.
- \* 13 DOUS PROVEITOS EM UM SACCO — comedia em 1 acto — 24 pags. — Rio, Livraria Popular de Cruz Coutinho — 1883
- \* 14 CAHIU O MINISTERIO — comedia em 3 actos — 56 pags.— Rio, Livraria Popular de Cruz Coutinho — 1884. — Representada em Julho de 1882 no Theatro Recreio Dramatico.
- \* 15 A LOTAÇÃO DOS BONDS — comedia em 1 acto, — 27 pags. — Rio, Livraria Cruz Coutinho — 1885.
- 16 BEMDITO CHAPÉO — comedia em 1 acto.
- 17 O CARNAVAL NO RIO DE JANEIRO — comedia em 1 acto.
- 18 MALDITA PARENTELLA — comedia em 1 acto.
- 19 EM PETROPOLIS — comedia em 1 acto.
- 20 TRES CANDIDATOS — comedia em 1 acto. — Foi traduzida para o italiano por Fogliani e representada em 1881, pela C.<sup>a</sup> Adelaide Tessero.
- \* 21 TRUNFO ÀS AVESSAS — opereta em 2 actos — representada nos theatros Phenix Dramatica e Apollo. Possúo copia manuscrita.
- 22 DE PETROPOLIS A PARIZ — comedia em 3 actos, musica de Cavalier, representada no Recreio Dramatico a 24-6-1884.
- 23 PORTUGUEZES ÀS DIREITAS — comedia em 3 actos, representada no Theatro Recreio Dramatico a 9-5-1890.
- \* 24 AE DOUTORAS — comedia em 4 actos, representada no Recreio Dramatico em 1889. Possúo copia manuscrita.
- 25 O BEIJO DE JUDAS — comedia em 4 actos.
- 26 DUAS PRAGAS FAMILIARES — comedia em 5 actos.



Collaborou no *Correio Mercantil*, onde escreveu "Em uma gondola" (26-6-1868); na *Gazeta de Noticias*, onde apparecerem os folhetins humoristicos reunidos em volume (1878); no *Globo Illustrado*: "*Na roça*", scenas de romance (n. 12 de 19-3-1882); em *O Paiz*: "Echos fluminenses", serie de folhetins (1885); na *Gazeta da Tarde*: "Echos da cidade", serie de folhetins; no *Globo*, com Joaquim Serra. Foi um dos redactores do *Bazar Volante*, Rio 1863-67, com Antonio de Castro Lopes, usando do pseudonymo de Osiris.

O seu retrato é reproduzido na Revista Illustrada e na Anthologia brasileira de Eugenio Werneck (7.<sup>a</sup> edição).

#### FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 Augusto de Lima — Discurso, n. 8 da Revista da Academia.
- 2 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira.
- 3 Sacramento Blake — Diccionario bibliographico.
- 4 Chichorro da Gama — escorços litterarios, pag. 154.
- 5 Pessanha Póvoa — Annos academicos.

#### NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Durante um quartel de seculo, França Junior fez rir o publico fluminense, attrahindo as familias aos theatros e augmentando a tiragem dos jornaes onde publicava os folhetins humoristicos.

Em S. Paulo, quado cursava o 4.<sup>o</sup> anno da Faculdade de Direito, verificou-se a sua estréa de comediographo, com "Meia hora de cynismo", scenas da vida de estudantes em *republica*. Comedia de costumes academicos, como "A republica modelo" que a substituiu no palco, grangeou-lhe applausos e imprimiu-lhe vocação para o theatro. Os condimentos da primeira comedia são o sarcasmo e o ridiculo.

Ainda em S. Paulo escreveu os "Typos da actualidade" em que intervem com os costumes da época e apresenta o caso de ambição materna, na escolha do genro. Vence a razão e resalta o ridiculo para os candidatos preteridos e os intentos mallogrados.

Em "Direito por linhas tortas" é castigado o despotismo feminino, na pretensão de subjugar maridos e dominar em tudo, como em casa de Gonçalo...

Estigmatiza o espirito romanesco das mulheres e os D. Juan perigosos na comedia "Amor com amor se paga", escarnecendo seductores e levianas; a vaidade feminina, com "O defeito de familia"; a mania pelos estrangeiros, com "O typo brasileiro"; o feminismo, em "Doutoras"...

As suas melhores comedias são de costumes: "Como se faria um de-



putado”, “Cahiu o ministerio” e “As doutoras”, sem considerar as que não conheço.

França Junior foi legitimo successor de Martins Penna de quem herdou processos e artificios para ridicularisar habitos e costumes da época. Póde-se affirmar que foi o Martins Penna da segunda metade do seculo XIX.

Os principaes e verdadeiros comediographos brasileiros foram Antonio José, Martins Penna, França Junior e Arthur Azevedo.

Nos folhetins humoristicos cultivou a graça com muita opportunidade e discrição, sempre a motejar dos habitos fluminenses, a proposito de scenas e typos, actos e costumes. Um baile ou um mássante, os jantares e os recitativos, as visitas e organisações ministeriaes, enterros, festas, namoros, tudo constituia motivo para desopilar o figado de seus leitores.

A acção de quasi todas as suas comedias desenvolve-se no Rio de Janeiro, exceptuando-se “Meia hora de cynismo” e “A Republica modelo”, cujos episodios se passam em S. Paulo. “Dous proveitos em um sacco”, “Em Petropolis” e “De Petropolis a Pariz”, referentes á poetica cidade fluminense. A opereta “Trunfo ás avessas” e a comedia de costumes “Como se fazia um deputado” exploram a vida na roça, como os folhetins ou scenas de romance que elle escreveu no “Globo Illustrado”.

Como folhetinista espirituoso, no genero humoristico, a explorar assumptos familiares, scenas do lar e typos triviaes, ainda não foi excedido. Nem Luiz Guimarães Junior, Arthur Azevedo, Urbano Duarte, Figueiredo Coimbra, João Luso (Armando Erse) e João Phoca (Baptista Coelho) foram mais apreciados do que elle.

Os seus folhetins ainda despertam atenção aos leitores.

Joaquim José da França Junior, filho de um senhor de igual nome e D. Marianna Ignacia Vitovi Garção da França, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 19 de Abril de 1838.

Estudou humanidades no collegio D. Pedro II onde se bachare'ou em lettras. Concluiu o curso de sciencias juridicas e sociaes na Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1862.

Dedicou-se á litteratura theatral, genero comedia, desde 1861, quando cursava o 4.º anno. Desempenhou em 1868 o cargo de secretario do governo provincial da Bahia e depois o de adjunto de promotor publico no Rio.

Foi um dos representantes do Brasil na exposição universal de Vienna d'Austria, de 1873, e escreveu um relatorio sobre a pintura e estatuaria, esboçando o quadro da evolução dessas artes na antiguidade e reunindo, em seguida, a apreciação sobre o contingente apresentado pelas nações européas.

O Brasil só figurou com duas te'as de Pedro Americo e uma de De Martino, expostas nos salões da Belgica e Hespanha.



No certamen universal despertou-se-lhe o gosto pela pintura, arte que cultivou nos ultimos annos da existencia, preferindo o genero *paysagem*.

Distinguiram-n'o com os titulos de cavalleiro da ordem da Rosa e da ordem austriaca de Francisco José.

Era curador geral da 2.<sup>a</sup> vara de orphãos da Capital Federal, quando falleceu, a 27 de Setembro de 1890, em Caldas onde se achava enfermo, em uso de banhos.

A Academia Brasileira de Letras está ultimamente preocupada em colligir as paginas esquecidas dos patronos e membros fallecidos. Deve, portanto, colleccionar os folhetins de França Junior e preparar uma edição definitiva de suas comedias, incluindo as que permanecem ineditas. Tendo em vista a escassez de nossa litteratura theatral, não se póde desprezar a contribuição do autor de "As doutoras", mesmo porque elle coadjuva a reconstituição de um longo periodo da nossa vida intima.

#### SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Como se apparellhou o escriptor — As primeiras producções do comedigrapho — Os entre-actos — As comedias de costumes — A vida fluminense — A vida da roça — O folhetinista espirituoso — A sua feição humoristica — O seu logar e a funcção por elle exercida no theatro nacional.



URBANO DUARTE

*(Fundador da cadeira n. 12. Nasceu em Lenções, Estados da Bahia, a 31 de Dezembro de 1855 e falleceu no Rio de Janeiro, a 10 de Novembro de 1902).*

## BIBLIOGRAPHIA

- 1 O ANJO DA VINGANÇA — drama em colaboração com Arthur Azevedo. Não sei se foi impresso. Foi representado pela primeira vez pela menina Gemma Cuniberti.
- 2 A PRINCEZA TREBIZONDA — opera burlesca em 3 actos — tradução com Azeredo Coutinho, musica de Offembach. — Foi representada pela primeira vez na Phenix Dramatica, em 1883.
- \* 3 O ESCRAVOCRATA — drama em 3 actos — em coll. com Arthur Azevedo — 89 pags.— Rio, Typ. A. Guimarães e C.<sup>a</sup>—1884.
- 4 OS GATUNOS — comedia em 1 acto— representada na Phenix Dramatica, em 1884.
- \* 5 EDUCAÇÃO MORAL DO SOLDADO — original de Carlos Corsi, traduzida e adaptada ás condições do exercito brasileiro, em coll. com A. E. Jacques Ourique e J. A. da Costa Mattos — 270 pags. — Rio, Imprensa Nacional, 1890.
- \* 6 HUMORISMOS (1.<sup>a</sup> serie) — por J. Guerra — 500 pags. Rio, Imprensa Nacional, 1894.

Escreveu em *O Globo*, orgam da Agencia Americana Telegraphica Rio, 1874-78 (15 vols. in-folio), redigido por Salvador de Mendonça, Quintino Bocayuva, etc. e mais tarde por Urbano Duarte; na *Revista Musical de Bellas Artes*, semanario artistico, Rio, 1879-1880; na *Revista da Phenix Dramatica*; no *Diario Popular* de S. Paulo, por muito tempo; *Revista Brasileira* (2.<sup>a</sup> phase): O naturalismo, vol. V, pag. 25, D. Quixote, vol. VII, pag. 59 (3.<sup>a</sup> phase): O riso, vol. VIII, pag. 81; no *Almanack da Gazeta de Noticias*, 1885: Onde está a felicidade? pag. 315; em *O Paiz*, onde escreveu os "Humorismos"; *Jornal do Commercia*, os folhetins "Sem rumo"; em *A Semana* de Valentim Magalhães: A gruta do inferno; no *Diario Mercantil*; *Gazetinha*; *Correio do Povo*; *Estado de S. Paulo*, etc.

Encontra-se o seu retrato na *Anthologia Brasileira* (7.a edição) de Eugenio Werneck e no *Diario Popular*.

## FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 Augusto de Lama — Discurso de recepção em o n. 8.º da Revista da Academia Brasileira de Letras.
- 2 Coelho Netto — A bico de penna, pag. 155.
- 3 José Verissimo — Revista Brasileira (3.<sup>a</sup> phase) tomo II pag. 127.
- 4 Afranio Peixoto — Poeira da estrada, pag. 186.
- 5 Sacramento Blake — Dicionario bibliographico.

Os livros que tem o signal (\*) fazem parte da minha colleção.



- 6 Victor Orban — Littérature brésilienne, pag. 154.
- 7 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira.
- 8 Pereira de Carvalho — Os membros da Academia em 1915.
- 9 Chichorro da Gama — Escorços litterarios.

#### NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Coelho Netto, em palavras compassivas de saudade, commentou em uma chronica, quando falleceu Urbano Duarte, a antonymia entre o genio concentrado e a faculdade de provocar o riso, do amor dos "Humorismos".

Era elle taciturno, physionomia fechada, pouco propenso ao riso; mas apreciava o estylo faceto, a esfusiada de pilherias e ditos espirituosos.

Para elle "a chronica deve ser um flagrante da vida".

"Eu tomo os meus burguezes nos dias communs, no trabalho ou na cadeira de balanço da sala de jantar, com as calças brancas e o paletot de alpaca ou em mangas de camisa, á fresca, enquanto esperam o jantar, ouvindo os seus canarios."

Contestava que o brasileiro fosse triste e adduzia argumentos para provar o contrario.

As suas producções litterarias limitaram-se a dous dramas, de collaboração com Arthur Azevedo, e uma comedia.

O primeiro drama — "O anjo da vingança" — foi representado, em varias cidades, pela menina Gemma Cuniberti, na lingua italiana, e por Julieta dos Santos, em lingua portugueza.

A representação do "Escravocrata", cujo titulo primitivo era "A familia Salazar", foi prohibida pelo Conservatorio Dramatico do Rio. Por esse motivo os autores imprimiram o drama, como um protesto e para que o publico o julgasse.

E' um brado de revolta contra a escravidão; "um trabalho audacioso de propaganda", como o qualificam os autores que contribuíram com o impulso para comprometter o equilibrio da nefanda instituição.

O drama não é inverosimil nem immoral, como o consideraram os censores, negando-lhe o *placet*. Amores illicitos de senhoras com escravos foram praticados, maxime nas condições do drama em que o marido ou senhor encarna um typo da peor especie.

Contribuem, para explicar o phenomeno, temperamento, educação, sentimentos e os horrores da propria instituição deshumana.

A peça é de intensidade dramatica e produziria o effeito desejado pelos autores, si fosse exhibida á luz da ribalta, na época em que foi escripta (1882).

A comedia "Os gatunos", segundo ouvi dizer, constituiu verdadeiro insuccesso que dissuadiu o autor de perseverar no genero.



A "Educação moral do soldado" não merece referencia em destaque, por se tratar de méra tradução.

Resta-me tratar dos "Humorismos", livro em que falta *humour*, mas sobram observação, chiste e naturalidade. E' destituído de valor litterario, escripto sem pretensões, em estylo descuidado e inçado de expressões chulas. Mas preenche o intuito do autor, pois faz rir pela graça e pela expontaneidade que encerra. E' um producto hybridó de Armand Sylvestre e Eduardo Garrido, mas não rivalisa com os "Folhetins" de França Junior.

Urbano Duarte é bahiano; foi companheiro de collegio de Ruy Barbosa. Nasceu em Lençóes, a 31-12-1855, fez os primeiros estudos na Bahia e, quando se transferiu para o Rio, matriculou-se na Escola Militar, onde fez o curso de artilharia, servindo no exercito desde 21 de Março de 1874, quando assentou praça, até fallecer no posto de major em que foi effectivado em 1893.

Desempenhou os cargos de preparador de chimica da Escola Superior de Guerra e professor da Escola Tactica.

Escreveu durante muitos annos em varios jornaes do Rio e de S. Paulo, distinguindo-se sempre como critico de costumes e typos da sociedade fluminense, na qualidade de continuador ou discipulo do seu patrono.

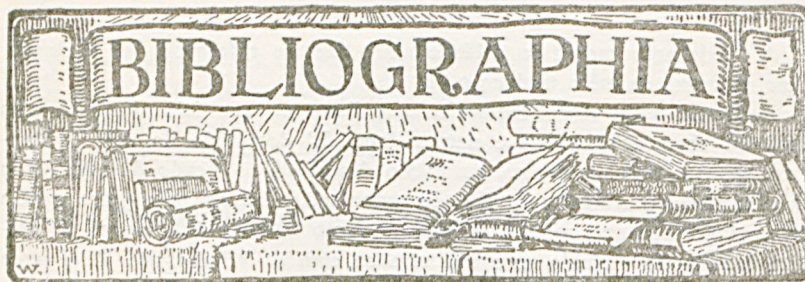
Quasi toda a sua obra, quiçá o melhor quinhão, está ainda olvidada nas columnas dos jornaes. Deve ser feita a collecta e classificação do que destinou a leitores de jornaes, para se enfeixar a sua produção em alguns volumes. Essa tarefa compete á Academia Brasileira de Letras, cujo programma encerra a missão de revolver archivos e bibliothecas, com o fim de perpetuar a memoria dos seus membros e prestar serviço á causa da litteratura brasileira. Dispõe agora de recursos para desempenhar essa missão; com um pouco de disposição e methodo, conseguirá muito.

#### SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Na Bahia — A sua carreira militar — O professor — Absorvido pelo jornalismo — A sua passagem pelo theatro — A graça, o espirito e a cha'ça — Humorismos de latino — Chronista ou folhetinista — Contraste entre o genio do autor e as suas produções — Fez rir por longos annos e chorou nos ultimos momentos.

ARTHUR MOTTA.





POR

BRENNO FERRAZ

**FOLHAS QUE FICAM** — *Nestor Victor* — Ed. de Leite Ribeiro & Maurillo — Rio — 1920.

A crítica é de hontem. Nasceu com o seculo de onde vimos, com o romantismo de que ainda somos os filhos. Nunca faltaram censores, é verdade. Conheceram-nos a arte e os costumes. Mas não é delles que se trata, si não de uma expressão moderna de tolerancia e de liberdade, de comprehensão e estudo, de analyse e disciplina. Expoente mais alto da intellectualidade, com entrada em todos os dominios e com jurisdicção sobre elles, analisa, comprehende, illumina, philtrando a essencia das coisas. Só podia, pois, apparecer com as grandes revoluções religiosas, politicas, sociaes e philosophicas de que surgiu a nossa era.

Assim, não admira a insignificancia da critica em nosso paiz. Com a morte de dois ou tres espiritos de escol que a escreveram com brilho, eis o seu campo quasi deserto. Um Nector Victor é raro, rarissimo com a sua ope-

rosidade, a sua penetração, a sua philosophia.

Critico, pensador. Não critica quem não pensa, não pensa quem não comprehende e não comprehende quem não se isenta. Da isenção ao pensamento, é esta uma obra una e consolidada.

O auctor tem os seus gostos e preferencias, as suas ideias asentes, o seu ideal de arte proprio. Não se absorve, entretanto, nessa selecção egoista, dictada pela identificação de seus themas comsigo mesmo. Se em principio condemna a ironia e o "humour", para elle elementos de destruição, o espirito da relatividade não lhe deixa obscurecer-se a visão.

Em sua grande desigualdade — uma phrase para um grande assumpto, paginas e paginas para outro sem tanta importancia — *Folhas que ficam* é um livro interessante e, mais que interessante, de valor. Nada menos que quatorze annos de literatura nacional alli se concentram em apreciações syntheticas, ponderadas e, sobretudo, honestas.



Demais, ha no fundo dessa obra uma grande e sabia philosophia, que não só a recommenda mas a impõe como construcção e edificação moral: — a philosophia da bondade.

**DISSERTAÇÃO** — *Noé de Azevedo* — Ed. Saraiva & C.\* — São Paulo.

O sr. dr. Noé de Azevedo reuniu em elegante volume varios trabalhos seus, nos quaes discute a creação de tribunaes especiaes para menores delinquentes, além de outros assumptos juridicos. A segunda parte é tomada pelas theses com as quaes se apresenta para doutoramento á Faculdade de Direito de São Paulo.

**O MAL DA VIDA** — *A. Austregesilo* — Ed. Livraria F. Alves — Rio — 1920.

O dr. A. Austregesilo, eminente medico brasileiro, que ha alguns annos se tornou o mais fecundo dos auctores nacionaes, edita mais um livro — **O mal da vida**. Pelo titulo se vê logo que não se vae ler sciencia, mas sim literatura. E essa convicção mais se firma quando se lê a epigraphie — “Ensaio de psychoterapia philosophica”.

Pois é verdade. Embora estes nomes sõem como prognosticos alarmantes para as mais perigosas intervenções chirurgicas, com tinir de ferros, pinças, laminas e tenazes, com gestos tentaculares de extranhos aparelhos e gritos, muitos gritos; embora seja

essa a expectativa, a realidade é outra. Pois não vêm que aquella assustadora psychoterapia não é mais que philosophica? Não se trata de extrahir miolos, remodelar craneos, nem estirpar caraminholas do cerebro alheio. Nada de cirurgia, nada de apparatus. Apenas, literatura — perdão! — philosophia psychoterapica...

**CLAROS E SOMBRAS** — *Gastão Penalva* — *Typ. Aurora*. — Rio 1920.

Em volume elegante, formato americano, publicou o sr. Gastão Penalva uma serie de suas chronicas, que são de leitura facil e agradável, qualidades essenciaes ao genero.

**UMA FIGURA HISTORICA** — *Costa Filho*—*Imp. Off.*— Aracajú — 120.

Neste folheto, que é uma prova de excellente esforço, quer material, como factura typographica, quer intellectual e moral como estudo nacional e preocupação de civismo, o sr. Costa Filho faz a biographia de Sebastião Gaspar de Almeida Botto, uma das figuras mais salientes da historia local do Sergipe.

**LA PETITE ET LE GRAND** — *Claudio de Souza* — Rio — 1920.

O illustre escriptor Claudio de Souza, um dos nossos mais operosos e applaudidos theatris-



tas, acaba de dar a publico a versão franceza de — *La Petite e le Grand*, phantasia theatral, que apparece em luxuosa edição, ornada de illustrações.

**CORAÇÃO E DEVER**—*Jorge Bahlis* — Rio Grande do Sul — 1920.

Eis aqui mais uma mostra do quanto as letras vão interessando os nossos meios regionaes. O sr. Jorge Bahlis, sem duvida um novo brasileiro dos muitos com que a nossa população estrangeira nos vae enriquecendo, envia-nos do Rio Grande do Sul a peça *Coração e dever*, drama em tres actos, de sua composição.

**TERRA A' VISTA**—*Eugenio de Castro* — *Typ. do "Jornal do Commercio"* — Rio — 1920.

O sr. Eugenio de Castro traz a publico, em bem afeiçoado volume, farta collectanea de artigos e chronicas, nos quaes se nota louvavel orientação nacional.

**EUGENIA E MEDICINA SOCIAL** — *Renato Kehl* — *Livraria Alves* — 1920.

Entre os livros que nos chegam ás centenas em tal profusão que nos torna penoso o mister simples do bibliographo, salienta-se este do dr. Renato Kehl. Collecção de artigos publicados na imprensa de São Paulo e da capital do paiz, trazem todos o cunho inconfundivel

do interesse e da utilidade social, coisa rara entre nós. E' que o distincto medico é um fervoroso crente no poder da sciencia e na educação social a que se vem dedicando incansavelmente.

Depois de nos ter dado varios estudos de eugenia, o dr. Kehl offerece ao publico nacional esclarecidas notas de medicina social e hygiene, além das de eugenia propriamente.

Trata-se de vulgarisação scientifica, genero pouco cultivado entre nós e porisso mesmo ainda mais importante e digno da attenção do leitor.

**PORTUGUÊS PRÁTICO**—*Marques da Cruz* — *Weiszflog Irmão* — S. Paulo — 1920.

Ha muito que se assignalam no Brasil os estudos do portuguez, em que nada temos que pedir á antiga metropole. Nesse balanço entre o que fazemos e o que nos mandam feito, não ha duvida que, se não se equilibram as partes, será porque é nossa a melhor... Precisaremos recordar os monumentaes trabalhos do Codigo Civil, com sua redacção, réplica e tréplica? Somos o melhor mercado da livraria classica. As preciosidades da bibliotheca vernacula — denunciam escriptores portuguezes — emigram para este lado do Atlantico.

E' natural. Lingua de emprestimo, estudamos a nossa para que bem possamos chamal-a assim. Cumpre-nos aprendel-a, refundil-a, forjal-a em bons mol-



des para que um dia não nos percamos em inextricavel vasconso.

E, se tão bem o estudamos, como o ensinamos? Melhor, decerto. Neste capitulo, corollario daquelle, os nossos progressos são extraordinarios. Para o calcular, supponha-se esta hypothese: — que seria de nossa lingua, se as nossas escolas se restringissem a grammaticas, leituras e compendios genuinamente portuguezes?...

O que ha de mais racional, methodico, pedagogico, emfim, é obra nossa e muito nossa. Prova disso é que, tendo aperfeiçoado os nossos trabalhos puramente grammaticaes, já passamos a uma phase mais adiantada, concebendo-os com certa largueza philosophica, aberta para o campo experimental, á forra do velho espirito livresco. A's excellentes grammaticas nacionaes juntam-se, dia a dia, estudos praticos, de incontestavel valor.

Este, da auctoria do sr. Marques da Cruz é um delles. Não se procurem, aqui, eruditissimas excavações, investigações sapientissimas e doutas dissertações. "Português Pratico" — como diz o titulo — limita-se a vulgarisar, para o uso quotidiano da massa, as noções elementares do bom falar vernaculo. Mas de que maneira o faz! Dotado de um grande senso pedagogico, o sr. Marques da Cruz tem no livro o que se quer em classe: — paciencia, vagar, methodo, meticulosidade. Professor assim é raro. Auctor assim, rarissimo. Detem-

se em cada particularidade, figura todos os casos, mostra todas as hypotheses e, exemplos sobre exemplos, esclarece as duvidas que occurram ao mais suspicaz dos estudantes. Todos os absurdos são previstos, para a competente lição. Com tudo isso o sr. Marques da Cruz revela um profundo conhecimento da gente que estuda e uma grande capacidade para lhes transmitir por escripto o ensino.

Seu livro, que não se destina ás escolas, compõe-se, entre outros capitulos, dos seguintes: — "Vicios da linguagem", "Collocação de pronomes", "Crase" e "Como se escrevem cartas" — os quaes lhe garantem a mais larga procura.

**ELEMENTOS DE PHILOSOPHIA SCIENTIFICA** — *Pierre F. Pécaut* — Ed. Garnier — Rio.

O sr. Benedicto Costa traduziu o compendio "Elementos de philosophia scientifica de Pierre F. Pécaut. Obra didactica, a nosso ver pecca pela base. Se se destina a estudantes de mathematicas e philosophia, que já devem ter consideravel desenvolvimento intellectual, ficam estas lições muito aquém de sua força e muito mais valeria substituil-a logo por uma das obras mestras. Senão, em caso de estudantes menos capazes, terá a virtude unica de afugental-os de uma vez para sempre de toda cogitação philosophica.

E' mesmo graças a taes compendios que a philosophia gosa

de tão má fama em rodas escolares... O quê! Philosophia! Aquella coisa arida, subtil, palavrosa?... Adeus, meu caro!

Pois não haverá meio de ensinar isso interessantemente? Ha, decerto. Encontra-o-ia um espirito menos fradesco e mais philosophico.

A traducção, em si, deixa a desejar. Obscura, impropria, muitas vezes, não é de se dar parabens aos que tenham de delectar-se-a.

**A VIDA E' ASSIM...** — José Sizenando — Ed. Leite Ribeiro & Maurillo — Rio — 1920.

O sr. José Sizenando, em uma serie de contos e chronicas, que acaba de dar a lume sob o titulo de *A vida é assim...* revela-se um espirito original e forte, de que muito temos que esperar. Capaz de pensar por si mesmo, de imaginar e de crear, deu-nos um livrinho marcado de individualidade. Sendo apenas um ensaio, como estréa que é, patenteia qualidades não vulgares, que o hão de fazer um perfeito contista.

Já na pagina de abertura, de pura analyse interior, o escriptor se mostra em toda a sua capacidade de percepção, sensibilidade e coordenação, reunindo impressões vivas e fortes com o seu character espontaneo, a sua crueza real. Esta é a feição do livro.

Em tudo, a nudez das coisas dictas sem reбуços surpreendendo-nos a cada momento... Mais um passo e o artista des-

cambaria. Em sua ancia de tudo exprimir com verdade, esquecer-se-ia, talvez, de que nem sempre a arte está em dizer, mas, ao contrario, em não dizer a seu tempo. Ha um espirito immanente, fóra da obra de arte, que é preciso respeitar e salientar, assim como na propria linguagem nua e crua urge estacar ante a vulgaridade, ao entestar ella conosco, mirando-nos com seu olhar idiota.

O sr. José Sizenando beirou o abysmo e, se não cahiu nelle, força é reconhecer que, ás vezes, foi um pouco além do permittido.

Aguardamos para breve os seus novos trabalhos.

**TUMULTO DA VIDA** — Adelino Magalhães — Typ. "Revista dos Tribunaes" — Rio — 1920.

Se o sr. Adelino de Magalhães soubesse escrever... teria feito um bello livro. Talento não lhe falta. Originalidade tem sobeja. Sabe observar, com uma visão pessoal, propria. Escreve, entretanto, lastimavelmente. Dirá elle que não sabe grammatica e que despreza tal coisa... Mas o seu caso não é de simples grammatica. E' o de se fazer entendido.

Pena, grande pena, porque, com tudo o que tem de mau assim, tem qualidades que lhe dariam nada menos que a tempera de um estylista.

Fizesse-se entender, tivesse ordem e clareza e seria, talvez, um grande escriptor. Sobretudo; fosse menos pulha nos assumptos...



**VIGILIAS.** — *Mario de Azevedo*  
*Weiszflog Irmãos.* — S. Paulo. —  
1920.

A alma das raças não morre. Não a desgastam seculos. Antes, retemperam-na os millennios. Quanto mais avançamos no tempo, certos de que nos despeiamos do passado, mais o passado em nós se faz sentir.

Neste seculo XX, que de quintentista existe no Brasil? Nada que nos fira a atenção. Aprofunde-se, porém, a analyse e que de curiosas revelações não nos serão feitas!

O nosso falar provinciano é o dos colonos de Martim Affonso.

Palavras e expressões correntes, muitas que empregamos hoje, sem nitida consciencia, são remanescentes da éra das navegações. A observação é uma das mais interessantes e valiosas, que vêm no *Dialecto Caipira*, de Amadeu Amaral.

Essa profunda caracterisação da lingua não subsistiria sem a do espirito. Temos ainda a mente impressa de reminiscencias medievas e antigas. O mar ainda nos impressiona fortemente como ao luso e ao phenicio.

Celtiberos, godos e arabes resurtem ainda em algum de nós, atravez de todos os desvios dos cruzamentos e das adaptações sociaes.

Não é aqui o logar de proval-o, nem offenderiamos o leitor suppondo-o ignorante de tão meudo troco de sciencia. Baste-nos uma verificação eloquente. No coração do continente, em Minas,

embalado ao rythmo dos bons classicos latinos, nunca alli desdenhados, surge um poeta, um bello poeta e o seu livro é todo um hymno ao velho mar, que um dia escachou nas praias brasílicas ao peso da civilisação de nossos primeiros avós.

Foi a visão subita do oceano que impressionou Mario de Azevedo? Ou foi o redespertar da alma da raça, simples e incoherivelmente, em toda hypothese?

Não duvidamos que sim.

Em Minas central ou na orla maritima, o caso psychologico seria o mesmo. O grande Vicente de Carvalho, pôde, desajudado do contraste, ser o emerito cantor praiano. Não admira que, com o contraste, alguém lhe siga a pista.

E segue. Eis, de Mario de Azevedo, o *Velho mar*:

Vi-o, um dia, gemer como um demente  
de encontro ás rochas e aos parceis do  
[porto;  
parecia um gigante semi-morto,  
estertorando num bramido ingente.

Eu contemplava aquelle quadro, absorto,  
á debil luz crepuscular do poente,  
vendo gemer o mar como um demente  
de encontro ás rochas e aos parceis do  
[porto...

O' grande mar, se na existencia inteira  
ha-de algemar-te a terra com seu pulso,  
seja o desprezo, ao menos, teu conforto.

Sacode, então, a velha cabelleira  
das tuas ondas, ó titan convulso,  
de encontro ás rochas e aos parceis do  
[porto...

São bons os mestres do novo  
poeta. Bons tambem são e não



podiam deixar de o ser, os seus versos.

**A PULSEIRA DE FERRO**—*Amadeu Amaral* — Collecção “*A novella nacional*” de Olegario Ribeiro & Cia. — S. Paulo — 1920.

A literatura em São Paulo é hoje uma coisa apreciavel, que se vê e se palpa, que se compra e se lê, que tem vida e vida propria, emfim. Meia duzia de nomes, na maioria novos e todos da terra, mais alguns attrahidos pelo meio, dão-lhe uma consistencia, uma vitalidade sem par em nossa historia e, no momento, sem exemplo no paiz.

Essa literatura vive: tem leitores, condição basica que a isenta de artificialismo e lhe garante a seriedade da existencia. As edições, entre nós, passaram do classico milhar para a prosa e, para o verso, excederam de muito o não menos classico meio milheiro. Contam-se pelos milhares e estamos á frente de uma tentativa para as dezenas de milhares.

Não admira. Com o numerosissimo publico satellite desta capital e com os elementos literarios do Estado e do paiz, que não fará a iniciativa? “*A novella nacional*”, dos srs. Olegario Ribeiro & Cia., que traz esse programma, entra, assim, victoriosa. A apresentação foi excelente. Amadeu Amaral, o forte poeta das “*Espumas*” e prosador, que tem todas as qualidades de

um diuturno labor jornalístico durante uma vintena de annos, abriu a pequena bibliotheca com a **Pulseira de ferro**, que é a revelação de um novo typo de escriptor de novellas e a promessa de um romancista de feição propria.

De facto, a impressão predominante, que nos deixa a leitura daquellas sessenta e poucas paginas, é a de um estylo marmoreo, trabalhado a fino labor, a serviço de profunda introspecção. A narração segue naturalmente, começando no principio para terminar no fim, só guardando a meio a chave para o fecho. Surge, porém, um incidente e são esses, apenas, os recursos de que se valeu o narrador para o effeito. O que o prende e apaixonna é a analyse, a frio, dos caracteres e das situações. Dotado de extraordinaria sensibilidade, detém-se nas ideias e não as abandona sem facetal-as pacientemente. Não é a acção quem crêa os typos. Mais que ella, é a situação. A rajada creadora não sopra alli, semi-barbara. As tempestades são interiores. A scena entre o vigario e Camacho é das mais fortes, uma das mais expressivas que já se escreveram. Que é ella' entretanto? E' lucta? E' surpresa? E' escandalo? E' somente, uma scena de grande naturalidade e significação. No correr da narração ha uma morte, mas essa mesma parece occorrer fóra de scena.

A novella se resume em poucas palavras. Tendo o vigario



adoptado uma criança engeitada á porta da igreja, a maledicencia dos parochianos lhe attribue a paternidade do pupillo. A alma bondosissima do padre, alvorçada em mil cuidados pelo infeliz, offerece margem abundante á boa carreira da intriga. Por fim, abandonada a parochia, tudo se esclarece, vindo a publico a esperteza do sacrista, que, em sua idiotice, pudera tramar a triste situação do parochio, afim de occultar a propria culpa.

Dahi resultam conclusões moraes varias, que o auctor não tirou, mas que o leitor, se ama philosophar um pouco lá com os seus botões, apprehende de golpe, facilmente.

Os tres ou quatro milheiros em que já anda a venda da *Pulseira de ferro* são o seu melhor elogio e a garantia do exito d'A novella nacional.

#### BELISCOS E PIPAROTES. —

*Epandro.* — São Paulo. — 1920.

Não ha duvida que o publico paulista se torna exigente. A nossa imprensa já não é a mesma de alguns annos atraz e, se o progresso não a revolucionou em nada, faz-se notar, entretanto, por signaes apreciaveis. O apparecimento de secções fixas nas nossas diversas folhas, inclusive as mais sisudas e conservadoras, secções que sob a dubia responsabilidade de um pseudonymo ou de uma inicial, são como a valvula de seguran-

ça, por onde reponta um calorzinho de individualismo e leviandade, tão indispensaveis na vida jornalistica — é symptomatico.

O publico progride e a imprensa o acompanha. A divisão do trabalho e, consequentemente, de responsabilidades começa a fazer-se. Ha muito quem pegue no Estado para vêr o que diz o P. das Coisas da Cidade; no *Correio*, para ler o Helios; no *Commercio*, para apreciar os trocadilhos do F., e no *Diario*, para rir com Epandro.

E' o principio da desagregação que se manifesta e um dia, talvez, nos levará á perfeição parisiense: — o jornal não existe, existem secções especiaes e collaboradores technicos para cada uma. Desapparece o reporter á moda velha, o noticiarista á antiga. Assim como o theatro e o sport são especialidades jornalisticas, tambem o são as sessões das Academias e Institutos, as reuniões mundanas e a politica. E', que, na verdade tanto é technico o chronista theatral como o medico que noticia os trabalhos da Academia das Sciencias, tanto o elegante reporter dos salões como o commentador politico...

Estamos longe dessa organização, mas caminhamos para ella. Pois Epandro no "*Diario Popular*" não é o technico da graça e da chalaça? E' dos genuinos. Tanto que tem as suas formulas promptas, um receitauario completo para todos os casos de desopi-



lação urgente de ingorgitados fígados. O dr. Carrapatoso, a d. Maricotinhas, o Beldroegas a d. Polycarpa, o Borrego, o Neco, o Jucota e o Trancoso estão sempre á mão para o effeito irresistivel. E' a technica.

E' pena, entretanto, que Epan-dro se tenha deixado absorver assim do "technicismo". Se tivesse mais discreção na escolha dos nomes e na intenção humoristica, mais gosto no torneio dos assumptos, tanto seria maior o seu successo quanto lucrariam as letras. Espirito atilado e fino, capaz de visão original e de execução habil, é abominavel que a imprensa o arraste para tanto mau gosto e tamanha ligeireza de arte. Neste seu volume, em que reuniu as suas chroniquetas diarias, ha boas mostras do humorista e do escriptor. Desapparecem, porém, no amontoado das outras, que não são para lisonja.

Ora, a nossa imprensa progride. O publico já exige. São Paulo se affirma como centro de cultura e letras. Epan-dro devia, pois, erguer o diapasão á altura daquella pagina modelar que é "Economia domestica", em que se reúnem todas as suas qualidades de humorista e theatrologo. Quem escreve um dialogo assim, que é um perfeito conto, desenvolvido com methodo, animado de interesse, espirito e finura, já não tem direito a descurar de si e do leitor, contentando-se com a gloria facil de jornalista em prejuizo da do auctor, que nada impede co-exista com aquella.

**ELOGIO DE AUGUSTO DOS ANJOS.** — *Orris Soares* — Parahyba do Norte. — 1920.

O sr. Orris Soares traçou o elogio funebre de Augusto dos Anjos, uma das mais fundadas esperanças das letras nacionaes, cedo frustrada pela morte. Poeta de verdade, capaz tanto de arroubos como de delicadezas, o auctor do "Eu", em má hora transviado para extranha concepção da poesia, logrou com isso as mais fervorosas admirações da mocidade do seu tempo. Este panegyrico é bastante significativo.

O que feriu o critico ?

Não foi a belleza nem a arte, de que o poeta nos deixou alguns bons especimens. Foram palavras, foram neologismos, foram barbaridades poeticas, que, infelizmente, inçam a obra de A. dos Anjos. O cosmopolitismo das monéras, "a vida phenomenica das Formas", "a aspereza orographica do mundo", as "concreções plasmicas", a "successividade dos segundos", o "rudimentarismo do desejo"—eis o que impressionou o sr. Orris Soares, que, sem duvida, tendo acabado de lér Haëckel e Büchner, Darwin e Spencer, estava mesmo nas melhores condições de receptividade, ao topar com aquellas reminiscencias de naturalismo scientifico metrificado. Não duvidamos que o poeta tenha sido profundo em tudo isso. E' possivel. Mas poeta e artista elle o foi alhures, não ahi.

O trabalho do sr. Orris Soares é, entretanto, louvavel, como ca-



paçidade de entusiasmo, e amor, coisas não desprezíveis entre nós. Lémol-o, porisso, com o mesmo sentimento de sympathia.

**BOSQUE ENCANTADO.** — *Antonio Abranches.* — Rio. — 1920.

O sr. Antonio Abranches publicou em folheto de algumas dezenas de paginas, as suas composições poeticas, nas quaes se nos apresenta como uma bella promessa. Na escolha do metro septissyllabo, em que vasou todos os seus trabalhos, revelou não só bom gosto como esclarecida comprehensão. Não ha na lingua versos mais bellos, de maior plasticidade e riqueza de rythmos, do que esse a que o povo consagrou a sua preferencia, elegendo-o depositario da sabedoria popular, das suas emoções e dos seus sentimentos.

Eis um bello exemplar dessa poesia:

Foi por aqui que passámos...  
Foi por alli que seguimos.  
Além foi que nos olhámos  
E me sorriste e sorrimos...

Percorro o bosque com agrado,  
Lembrando-me só de ti  
E do quanto te hei amado,  
Desde o dia em que te vi.

Faço uma curta paragem  
E começo a meditar,  
E a tua formosa imagem  
Surge e me ponho a chorar!

Dou uns passos e vou indo.  
Vejo agora uma paisagem

E a tua adorada imagem  
Continua-me seguindo.

Foi por aqui que passámos...  
Foi por alli que seguimos.  
Além foi que nos olhámos  
E me sorriste e sorrimos

**RIOS DE PERNAMBUCO.** — *Mario Mello.* — *Ed. da Impr. Industrial* — Recife. — 1920.

O sr. Mario Melo, conhecido escriptor pernambucano, muito dedicado a estudos nacionaes, apresentou ao 6.º Congresso de Geographia, reunido em Bello Horizonte, valiosa monographia sobre os rios de Pernambuco, a qual obteve a approvação da dou-ta assembléa, vindo a publico em volume de cento e poucas paginas, impressas na Imprensa Industrial do Recife.

Em forma de dictionario geographico, o auctor passa em revista todos os rios de seu Estado, dando de cada um informações precisas e summarias, com que prestou excellente serviço ao estudo do paiz.

\* \* \*

**O MAL METAPHYSICO.** — *Manuel Galvez.* — *Braz Lauria.* — Rio. — 1920.

Precedido de um interessante prefacio de Claudio de Souza acaba de apparecer a traducção brasileira deste magnifico romance argentino de Manoel Galvez, nome que já transpoz as fronteiras do seu paiz e ascende sempre a cada novo livro que subscreve.



E merece-o grandemente. Galvez é um verdadeiro romancista, dotado de todos os requisitos para a construção de uma obra grandiosa como o fez em França Zola. A Argentina actual, tanto da provincia como de Buenos-Aires, espelham-se em seus romances n'um relevo de impressionar. "La Maestra Normal", "O mal metaphysico" e "Nacha Regules" constituem um triptico de primeira ordem onde cada personagem é um typo desenvolvido logicamente no decurso da fabulação, de modo a accentuar caracteres que se nos gravam na imaginativa indelevelmente. Sua maneira de compor é singela e sobria, sem lacunas nem excesso, guardando sempre a justa medida de que resulta a impressão do "vivido". Seu estylo é o estylo classico dos grandes narradores — estylo que se não preoccupa consigo proprio e procura unicamente pintar. Neste romance o estudo versa sobre o meio literario argentino. Carlos Riga, um poeta puro, de generoso coração e nobilissimas qualidades moraes, nasceu deslocado do ambiente carthaginez das grandes metropoles do Novo Mundo. E' um inadaptado por força da vontade anemica. Soffre do "mal metaphysico, o mal dos sonhadores incuraveis, a doença da beleza, da contemplação". Visceralmente artista, sincero até ao absurdo, incapaz de accomodar sua penna ás exigencias do meio, teve a vida torturada, por mil padecimentos moraes, vegetou na miseria e pediu ao veneno alcoolico a

salvação. Acabou no hospital. Sempre á margem da vida, repellido pela sociedade dinheirosa, a engrenagem portenha esmagou-o...

Em torno desta vida de torturas gyram os demais personagens do romance, rapazes novos victimas tambem do mal metaphysico, mas habeis em accomodar os impulsos do senso esthetico com as realidades crúas da vida — e porisso victoriosos. Arrumavam-se, ao passo que Riga, pela sua intransigencia organica, cada vez mais se despenhava no precipicio. Estes personagens constituem uma gamma inteira de literatos dos mais variados matizes, reflectindo-se em cada um uma escola, uma tendencia esthetica, tal como as temos aqui. E isto impressiona o leitor brasileiro. E' extraordinaria a semelhança do ambiente portenho com o da capital paulista, cousa logica, aliás, dada a semelhança de formação ethnica das duas capitaes.

Quem conhecer o nosso meio literario poderá encarnar em Iturbide, Orloff, Viel, Salvatierra etc., typos muito nossos conhecidos, de modo a transformar o romance argentino em um romance perfeitamente paulistano. Ao proprio Riga tivemos-o aqui no maravilhoso poeta que tempos atrás poz termo á sua vida torturada.

Perfumam o romance, como flôr em sala, dois vultos de mulher, Zita, a menina da alta sociedade mas rica de coração e Nacha Regules, essa dolorosa flor do vicio tão bem descripta no ul-

timo romance de Galvez a que essa heroína dá o título.

Zita, irmã de Eduardo Iturbide, foi a grande paixão de Riga. O poeta amou-a como amam poetas, e foi isso a sua desgraça. Ella nos pincaros sociaes, elle na sarjeta, separava-os a muralha tremenda das convenções que só admittem no dinheiro um campo de igualdade. A scena em que Zita parte para a Europa a bordo do "Cap Ortegá" é profundamente emotiva, e a final, em que Zita, já noiva de outro, tem noticia da agonia do poeta num hospital, e comprehende a causa da sua perdição — um amor secreto — é magistral de simplicidade e finura psychologica.

Foi, pois, uma iniciativa feliz a do sr. Braz Lauria publicando o "Mal Metaphysico" e dando ensejo a que o nosso publico trave relações com um verdadeiro romancista sul-americano. Porque ha escriptores que escrevem romances, e escrevem-nos a capricho — sem conseguir demonstra-

rem-se "verdadeiros" romancistas. Entre nós, quantos! Galvez, porem, é um romancista completo. Sabe ver com verdade e sabe compôr com harmonia. Seus livros alliam o documento duma época e o documento psychologico á grande arte da ficção. Empolga assim o leitor á primeira pagina e condul-o irresistivelmente ao fim. Essa qualidade é a grande qualidade do romancista. Chega a ser, mesmo, a qualidade primordial. Sem ella, tenha o estylo que tiver, a profundeza que tiver, a arte que tiver, não conseguirá nunca a victoria das victorias: ser lido.

Outra cousa interessante deste livro é o decalque de typos que vivem ou viveram em carne e osso na capital portenha.

Adivinha-se isso. Aquelle Escribanos, não é Ingenieros? E Zeballos não está alli? E Lugones, é tantos outros? Isto nos faz imaginar o sabor que terá o livro para os conhecedores do ambiente argentino...

M. L.





#### CARTA PAULISTA

Que a Companhia Paulista está muito prospera, faz serviço impecavel, descortina longinquos horizontes, ninguem põe em duvida, por isso passarei levemente sobre estes pontos para revelar desde já aos leitores do "Correio" a sua historia interessantissima e cheia de ensinamentos á geração de hoje. Nasceu a hoje poderosa Companhia Paulista de Estradas de Ferro (o vulgo chama-lhe a Paulista "tout court") pequenina debil, minguada, como tudo que tem existencia organica: começou pela cellula e cresceu pelo desdobramento desta. Ha annos passados, allás já numerosos, conheci bastante intimamente um dos seus fundadores, o conselheiro Bernardo Gavião Peixoto, antiga influencia do partido liberal, presidente de muito descortino da provincia do Rio de Janeiro e parlamentar temido dos seus adversarios. Conversador ameno, quanto chistoso, era um encanto ouvil-o discorrer sobre as coisas do imperio, dizendo "desta Republica" tudo quanto Mafoma dissera do toucinho e outras coisas mais que lhe não passaram pela mente.

Contou-me o conselheiro (e o historiador fielmente o confirma) que, chegada a Estrada de Ferro Inglesa a Jundiahy, não ousou ir avante, achando que seria máo ne-

gocio levar os trilhos até Campinas, centro do patriciado paulistano. Uma lei provincial, não obstante, concedeu a garantia de 7 % e ainda outros favores ponderosos, porém o inglez, então mais intratavel do que hoje, cotou curto — "com tal garantia nem entrava em discussão". E' official.

Foram baldados os esforços do eminente financista — Visconde de Mauá — primitivo concessario de estrada de ferro de Santos a S. Paulo. As influencias paulistas intervieram; porém esforço vão. Foi nessa conjunctura que, governando a provincia de S. Paulo, o grande Saldanha Marinho tomou a peito levar a locomotiva — pregoeira do progresso, segundo então se dizia — até a cidade de Campinas, soccorrendo-se dos capitaes e energias puramente paulistas. O inglez deu de hombros com desprezível desdem. Saldanha Marinho, atarefado com a remessa de voluntarios (voluntarios á força, dizem ainda as más linguas) para a chacina do Paraguay, enfrentando uma opposição destemida, fez appello ao brio dos grandes de S. Paulo, e propoz-lhes treguas para as luctas politicas, concitando-os á obra de desafronta do amor proprio nacional melindrado. O conselheiro Gavião relatou-me o desdem com que Fox e outras magnatas delegados do capitalismo britanico receberam os brasileiros que se per-

mitiram fazer-lhes proposta de negocio. O proprio conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, em o seu relatorio á Assembleia provincial, a 2 de fevereiro de 1868, assim se exprime, deixando adivinhar veladamente o que se passara a proposito da projectada via-ferrea de Jundiáhy a Campinas. Diz o saudoso e grande brasileiro: "Estacar ante taes difficuldades, dando sem mais estudo como impossivel presentemente a obra, seria uma falta grave, que eu commetteria com offensa dos mais vitaes interesses da mesma provincia. Fiz o que me cumpria. Appellei para os paulistas.

Está, pois, formada a Companhia Paulista, que só depende da legalisação da sua existencia, e disto trato eu com esmero, folgando em communicar-vos que considero tal legalisação como facto consumado. E' a primeira Companhia Brasileira que, em ponto tão elevado, abstrae de capitaes estranhos e se liberta do jugo commercial estrangeiro. E mais nobre ainda é que, no meio de uma lucta politica, ingloria e caprichosa, unanime transparece um unico sentimento — accordo para o bem geral. Todos sem excepção lembraram-se só dos verdadeiros interesses da Provincia.

Honra, portanto, aos paulistas!

Em 1872, ás 3 horas e trinta minutos da tarde celebrava-se na cidade de Campinas o evento mais memoravel da orgulhosa urbe paulista: festejava-se a chegada do primeiro comboio ferro-viario dentro dos seus limites urbanos. Os grandes do Imperio, a primeira autoridade politico-administrativa da provincia, o l'ureado conselheiro da corôa Joaquim de Saldanha Marinho, o povo em transbordamento de enthusiasmo e curiosidade, durante tres dias seguidos viveram horas festivas, de que participaram tambem por deliberação dos seus senhores, os humil-

des autores da prosperidade campineira — os escravos.

Vale a pena ouvir e que uma testemunha do grande acontecimento — Quirino dos Santos — disse então pelas columnas da "Gazeta de Campinas":

"Contavam-se tres horas e meia, quando um estremecimento estranho veio electrizar em todos os sentidos aquella reunião enorme. O que se passou naquelle instante não se descreve — sonha-se, vê-se.

Espectaculo maravilhoso! Enthusiasmo assim não se prepara, nasce de si mesmo como a lava no seio dos vulcões para sobregar a face das montanhas e derramar o calor e o brilho pela atmospherá incendiada.

Duas locomotivas galhardamente enfeitadas com flores, fitas, laços e bandeiras, abriram caminho puxando 19 vagões em que vinham os dois grandes vultos do dia — Saldanha Marinho e Falcão Filho — o iniciador e o executor do pensamento concretisado na Companhia Paulista".

Não foram baldados os esforços indefesos de Saldanha Marinho e dos demais creadores benemeritos da primeira e unica via-ferrea nascida e realizada em toda a America do Sul com capitaes e direcção exclusivamente particulares, em epocha tão remota, em que as nações deste continente começavam apenas a ensaiar os seus primeiros passos no concerto dos povos civilisados.

João Paulista.

("Correio do Povo").

#### AS CONSEQUENCIAS DO URBANISMO

Uma das causas, senão uma das principaes, que mais influem na Capital da Republica, para tornar a vida cada vez mais difficil, cara e cheia de necessidades, é, não



existe a menor duvida — o Urbanismo, vicioso e improductivo, accumulando hostes enormissimas na cidade em detrimento dos centros ruraes que vivem ao abandono.

Ninguem faz idéa desse accumulamento de gente sobre gente no seu infecundo viver, adquirindo tudo, occasionando a carencia geral dos mantimentos e encarecendo a oferta dia a dia.

Não pôde realmente haver maior desastre economico no equilibrio das forças productoras de um paiz, do que esse que se dá entre nós, quando o grosso, o escól da sua população encontra-se nas cidades, agglomerada, sem nada absolutamente produzir e debatendo-se na angustiada vida das grandes populações industriaes, commerciaes e burocraticas.

Basta comprehender-se perfunctoriamente, que sem o florescimento da lavoura, sem a intensidade do trabalho rural, não pôde haver industria fecunda, nem commercio prospero — porque a producção agricola é o alicerce, é a base que mantêm todas as outras organizações sociaes em equilibrio estavel.

Dá-se depois o facto que o Urbanismo carioca é um dos mais desoladores do mundo: aqui ninguem quasi produz e se nós nos abstermos de sondar a zona propriamente urbana e visitarmos a suburbana e a rural, tudo é da mesma fórma lastimavel.

Ninguem planta e nem cria coussissima alguma, mesmo na zona rural, as hortas são rarissimas e a criação não passa, quando se faz, de meia duzia de gallinhas cheias de vermes e piolhos, para o consumo domestico, encerradas em um gallinheiro sem hygiene alguma.

A população da cidade se agglomera em casas de commodos abjectissimas, em barracões, em porões, em apartamentos escuros, sem a menor sombra de conforto e passando a "brisa".

Preferem, porém, ser miseraveis na cidade do que felizes no campo.

Mas nesse fojão se a população cresce e se avoluma dia a dia a um milhão e quinhentos mil habitantes, como se estima, as suas necessidades augmentam em proporções demasiadas, constituindo o exercito de consumidores que ahí se vê a pleitearem os meios de vida urbanos em uma extensão das mais trabalhosas e mortificantes, engrossando a caudalosa vaga grande massa improductiva.

Não sómente do exterior, como do norte, sul e centro do paiz as levadas de familias que aqui aportam, se deslumbram ante o Urbanismo carioca e aqui ficam á cata de uma occupação ou funcção que sómente não seja rural.

Os campos se encontram em abandono completo e no Rio de Janeiro ha carencia das cousas mais comestiveis á nossa variada alimentação.

O Rio de Janeiro é um vasto hospital de tuberculosos, consumptivos, fatigados, emmagrecidos, pallidos, deprimidos e estiolados pelo meio urbano. E' a Estatística Demographo-Sanitaria Official que o affirma com os seus algarismos eloquentes:

Tomemos á mão o Anuario Demographo-Sanitario de 1915 que accusa um obituario de 4.500 pessoas fallecidas de tísica, equivalente a 375 por mez, 93 por semana e a 13 por dia (!) devendo considerar-se que é isso sómente na zona urbana e suburbana e o que se dá á Saude Publica como casos notificados, que muitos são sonegados affim de evitar o constrangimento das familias e o expurgo sanitario.

Isso é o indice flagrante do depauperamento de um povo pelas fadigas extenuantes e consumptivas do Urbanismo.

Ninguem pôde affirmar que não existe essa plethora urbana, augmentando desproporcionalmente, porque a propria Estatística Demographo-Sanitaria Official accu-

sa que sómente no movimento da população de fevereiro de 1920 houve um excesso de 5.166 entradas sobre as saídas por via marítima e terrestre.

Segundo a mesma estatística, a população do Rio de Janeiro (Districto Federal) em 31 de dezembro de 1918 era de 886.453 habitantes.

Nasceram em 1919 30.455 crianças.

Houve um excesso de entradas sobre saídas por via marítima e terrestre de 93.936 pessoas perfazendo um total de 950.844.

A deduzir:

Total dos obitos ocorridos nas zonas urbanas e suburbanas em 1919, 24.300.

População do Districto Federal em 31 de dezembro de 1919 926.544.

Anno de 1920:

Janeiro — População em	
31 de dezembro de 1919	926.544
Nascimentos . . . . .	3.122
Excesso de entradas . . .	790
Somma . . . . .	930.456

A deduzir:

Obitos . . . . .	1.962
População urbana . . .	928.494
Fevereiro—População em	
21 de Janeiro de 1920 .	928.494
Nascimentos . . . . .	2.652
Excesso de entradas . . .	5.156
Somma . . . . .	936.302

A deduzir:

Obitos . . . . .	1.782
População . . . . .	934.520

E a progressão continua em março e abril com maior intensidade, tanto mais em situação alarmante quanto nós olhamos para a zona rural do Districto e vemos clamorosamente deshabitada e sem culturas, porque o urbanismo absorve todos os braços validos e despovoa os campos.

Quem sahe da zona urbana e penetra em qualquer parte da zona suburbana e rural e mesmo flu-

minense tem a impressão terrivel dessa desolação.

Não é possível que essa inversão fatidica continue; precisamos de leis que ponham termo a este estado de cousas, que prohibam esta perniciosissima aglomeração de seres á guiza de lagartas.

Rumo aos campos, ao trabalho, á riqueza e á saude. Propaguemos por todos os meios na cidade o anathema contra o urbanismo" fallido e estenuante que a empolga. Bebamos as lições dos povos civilizados e modernos que o profligam e o execram.

Precindindo de falar na Europa, que tem combatido por todas as formas o urbanismo, queremos sómente nos referir á America do Norte, onde se procura combater por todas as fórmulas o urbanismo, organizando pequenas lavouras ou "Basse-Cours", mesmo nos centros urbanos.

Em Nova York são innumeradas as hortas dependentes das escolas primarias especialmente adaptaveis ás areas congestionadas da grande cidade onde os terrenos são escasos.

E' tão acanhada a terra em alguns locais que se não póde oferecer as crianças áreas superiores a 10 ou 12 pés quadrados.

São muito limitadas como se vê taes áreas mas servem para demonstrar as possibilidades da horticultura de uma maneira adequada, dando gozo e prazer ás crianças que adquirem magnificos conhecimentos de trabalhos experimentaes ruraes.

Experiencias que se têm feito de 1/8 de área de terreno hortaliças no valor de 50 ou 100 dollars annuaes.

Calculando sómente a terça parte das crianças dos Estados Unidos ellas produziram 300.000.000 de dollars annuaes na "urbs".

A criação de aves e produção de ovos é uma occupação extraordinaria e rendosissima para senhoritas e donas de casa da cidade.



As aulas de cozinha são frequentadíssimas pelo escól das senhoritas cidadôas.

Até 1913 dos 203 collegios que conferiam grãos de bacharel, nenhum exigia a "arte-domestica", como o assumpto obrigatorio para a admissão.

Hoje 79 dessas instituições incluíram essa disciplina como obrigatoria e ha mais 10 que procuram incluí-la, se já não o fizeram.

Nas aulas de cozinha da cidade as alumnas aprendem a classificar os alimentos, a comprar nos mercados mantimentos a preparal-os em casa a servir as refeições e em curso complementar aprendem a preparar e fabricar os artigos alimentícios e conservas de legumes e fructas.

Os clubs de conservas se encontram por toda a parte com uma frequência extraordinaria, as directoras se incumbem de mandar instruir as familias ensinando-lhes a fabricação domestica dos productos bem como o seu acondicionamento em latas, frascos e caixinhas, fornecendo-lhes a preços módicos os aparelhamentos necessarios ao trabalho.

Os mesmos directores encarregam-se igualmente de vender no mercado esses productos de fabricação domestica, depois de minuciosamente fiscalizados.

E os clubs de Milho, de Fructas, de Flores — occupam uma multidão de associados, procurando-se de toda fórma transformar o urbanismo vicioso em occupações utilitarias e operosas, desurbanizando no enervante e dissoluto.

Mas a organização que combate mais o Urbanismo é o Club de Trabalhos Agricolas, onde existem mais de 150.000 moços e moças em verdadeira actividade e nenhum rapaz ou rapariga ali hoje trocaria o seu palminho de terra rural pelas grandes riquezas e opulencias da cidade.

E essa é que é a sabedoria do bom senso pratico. Sómente a vida dos campos é venturosa e viril,

cheia de encantos e attractivos naturaes.

Sigamos os antigos preceitos e as lições valiosas dos nossos antepassados nos sabios aphorismos, que nos legaram:

Semeia, cultiva e cria  
Que dia e noite terás alegria.

Planta flôres, cultiva a horta  
Dinheiro e fartura terás á porta.

Da saude queres o segredo.  
Dirige a agua, planta o arvoredado.

**Paschoal de Moraes.**

("Jornal do Brasil").

#### CAÇADORAS DE MARIDOS

Chegou a ser um logar commum fallar do retrocesso geral e espantoso da civilização mas para provar essa proposição corrente, recorrem os seus adeptos a exemplos materiaes, taes como: as devastações da guerra, a devastação de cidades illustres, logares consagrados de uma augusta e antiga cultura, o incendio de bibliothecas e museus com os seus thesouros insubstituiveis, a transformação de paizes florescentes em desertos sinistros, a abolição da liberdade de viajar e de residir onde se quizer, a desordem nos transportes terrestres e maritimos e das communicações postaes, telegraphicas e telephonicas, a escassez e falta total das coisas indispensaveis para a vida, dos alimentos mais communs e dos medicamentos mais usados, da roupa, do papel, do sabão, dos instrumentos scientificos; o rebaixamento da moral, o augmento geral dos crimes, o desapparecimento de todo o exemplo, de toda a consciencia professional no grande, médio ou pequeno commercio; a selvagem dureza da ganancia, o furor da especulação levada até ao banditismo, a degradação dos costumes e da acção social, a grosseria dos modos, a brutalidade da linguagem e das acções, a falta de toda a consideração nas relações entre homens e entre os sexos.



todos esses sentimentos saltam á vista.

Mas ha outro aspecto da vida, o aspecto intellectual, e nesse é habito esquecer de notar, de assignallar a quêda a grãos inferiores e a qual deve incluir-se no numero das devastações da guerra.

Sob o ponto de vista antropológico, a evolução dos homens define-se como uma ascensão do estado instinctivo ao estado racional. O animal segue os seus instinctos organicos hereditarios, e o homem obedece ás ordens ou conselhos de sua razão. Não deixa de ter impulsos instinctivos, mas aprendea a dominal-os, a sujeital-os á sua intelligencia. O gráo de civilização de um individuo e de um povo, mede-se por um termo médio entre a força desses dois elementos de toda a acção humana; quanto mais inhibido, modificado, dirrigido, sujeito pelo pensamento está o reflexo automatico tanto mais adeantados estão o homem e a civilização; quanto mais o instincto cego usurpa a preponderancia nos actos da vida e se subtraia á influencia da razão, tanto mais o ser humano desce das alturas da civilização ao nivel da animalidade, que foi o ponto de partida da sua carreira ascendente. Pois bem o que vemos agora é a victoria d instincto sobre a razão e, portanto, um regresso da civilização á animalidade.

A guerra não creou esta corrente retrograda mas reforçou-a, accelerou-a, generalizou-a singularmente. Por uma singular ironia, o movimento começou na mais alta esphera alcançada pelo desenvolvimento humano—na philosophia. O bom exito do systema do sr. Bergson é symptomatico neste sentido. O sr. Bergson poude chegar a ser o philosopho da moda; é porque ha um publico prompto para repellir a imposição sã da razão, para entregar-se aos seus instinctos elementares e que naturalmente acclamou o ponto superficial ao homem que arvorava

a sua decadencia em systema e a proclamava como uma superioridade, empregando para o seu desafio audaz o bom sentido da terminologia impressionante da sciencia philosophica. Destronar a razão, prégar o desperdicio do intellecto, collocar deliberadamente a intuição acima do pensamento claro, que é, senão preconizar a excellencia do impulso sobre o regulador, do instincto sobre o pensamento, do irracional sobre o homem, ou, para falar a linguagem biologica, dos centros ganglionarios, medulares, sympathicos sensorios medulares, sympathicos cerebraes, sobre a massa cinzenta de cerebro? Até que ponto esta lamentavel perversão haja tomado posse dos espiritos que se chamam mais cultos, pode-se comprovar mui recentemente. Em Paris triumphou na scena e ante a critica uma nova peça do sr. Curel, intitulada "A alma em ciumes". E' representada ante platéas repletas de um publico que não se pôde conter de entusiasmo, proclamando que é uma obra prima. Bate palmas a "Revue de Paris", publicando o drama, e assim, aquelles que não tiveram occasião de vel-o representar puderam lel-o.

Que é "alma em ciume"? E' a comprovação de que no fundo do amor ha o desejo sexual, diga-mol-o, com a brutalidade, ante o qual não retrocedeu o proprio sr. Curel: "estar enamorado é estar com ciume", o mesmo que na estacção do cio põe o bóde a berrar atrás da cabra e o faz travar para apossar-se della combates terriveis.

Prodigiosa revelação! Descoberta sublime! Era preciso evidentemente, ser um grande poeta e ao mesmo tempo um profundo pensador para encontrar isto: que a essencia intima, elementar da paixão que arrebatá os seres, que lança o homem aos pés da mulher e que precipita a mulher nos braços do homem é o appetite genesisico...

Já se sabia disso, antes do sr. Curel e da "Alma em ciume", mas



acreditava-se que, no curso da evolução, o desejo bestial se havia educado, sublimado, ennobrecido, que se tivesse associado com as mais altas funções intellectuaes, que houvesse posto em acção, como força motora, os mais subteis instrumentos do organismo humano, que houvesse feito soar todas as cordas da alma, habitualmente silenciosas, e que do instincto inconsciente de conservação tivesse chegado a ser a manifestação mais intensa, mais completa de todas as forças, cujo conjuncto constitue o caracter integral da pessoa. Imaginava-se que a transformação do macho que solicita a femea violentamente, em Romeu e Julietta, em Raphael pintando a Fornarina, em Miguel Angelo cantando a princeza Colonna, em Petrarcha dirigindo os seus hymnos a Laura, constituia um progresso; que o enamorado, idealizando a sua adorada, estimulado por ella para esforçar-se em suas actividades intellectuaes, artisticas, creadoras, capaz de todos os esforços, representava um typo mais avançado que o gorilla, fazendo a sua côrte de proposito não dissimulado á femea. Pois bem: todos estavamos enganados. O ciúme é superior ao extase poetico; ha que conquistar a companheira ou o companheiro á maneira dos animaes da selva, porque tudo o mais "é pura literatura".

O "Alma em ciúme" é a doutrina da intenção, isto é, do instincto, traduzida em acção dramatica. O sr. Curel fez bergsonismo sem o querer fazer, talvez sem o saber. Ensinou a seu modo com os seus recursos de poeta o regresso da civilização ao estado primitivo, ao homem da caverna, á idade da pedra lascada.

Isto é que está no ar que se respira. O escriptor seguiu a corrente, deixou-se levar. E esta tendência da época, á renegação systematica da civilização, ao culto do instincto á custa da razão, ao desprezo pueril do intellecto, encontram-a sob as fórmulas mais

imprevistas, nas modas femininas, isto para não citar outras.

A guerra matou na Europa sete milhões de jovens, na sua maior parte solteiros, quasi todos maridos futuros da sua geração. Já antes da guerra, o numero das jovens casadeiras ascendia em todo o velho continente ao dos pretendentes possiveis; agora a desproporção chegou a ser enorme. Bastará um só exemplo para fixar idéas. Na Inglaterra, as estatisticas indicavam como excedente de mulheres solteiras sobre homens solteiros um milhão, numero redondo; agora, essa proporção está calculada em dois milhões. Ah! estão dois milhões de moças, que possuem quanto é mister para serem felizes e o fazerem a tantos outros; que têm direito á felicidade e que aspiram a ella mas vêm, aterrorizadas, que as cifras implacaveis as condemnam a renunciar á vida integral, ao amor, á maternidade, finalmente. Naturalmente não se resignam; repellem tambem a alternativa de a procurar nas satisfações que se lhes devem, libertando-se das regras da moral corrente e burlando as exigencias da boa sociedade.

Em tal caso, ante tal situação, esforçam-se arduosamente em procurar esse raro phenomeno, essa phenix, o marido.

Para a caça ao marido, que o estado actual do mundo torna imperiosa, a joven emprega o processo que lhe suggere o instincto organico, primitivo, que a philosophia da intenção consagra e que a "Alma em ciúme" celebra. Usam toilettes que descobrem os seus encantos até onde é possível, entregam-se a bailes que as lançam nos braços de um homem.

Com que satisfação o sr. Curel deve contemplar um baile publico ou particular! O que vê nos bailes são jovens quasi nuas até á cintura, que mostram as pernas até aos joelhos ou mais ainda, que tocam com a sua pelle a do companheiro e que se agitam em movimentos



energicos mais ou menos rythmicos, tomando attitudes provocativas e adoptando posturas de languidez excitante e de ataque audaz; pulando, brincando e mantendo assim constantemente despertada a attenção do homem e seus nervos em tensão. Acaso a femea de um animal enciumado poderá proceder de outro modo?

Evidentemente, o seu instincto é infallivel; consegue inspirar a um companheiro de baile desejos violentos. E' preciso ter-se sido abandonado pela natureza para resistir á seducção de um corpo jovem, desnudado, perfumado, que se agita em contorsões suggestivas. Se vissemos sob o regimen da Arcadia classica, onde as driadas e as hemadriadas bailavam aos sons da flauta de um Egipan alegre, e na selva, onde o velho sabio da peça do sr. Curel observou tão utilmente os costumes candidamente realistas dos cervos e das cervas, ninguém duvidaria de que as jovens alcançassem plenamente o seu objectivo. O diabo é que não vivemos nem na selva virgem, nem na Arcadia antiga, e por isso o instincto das jovens falha completamente.

O matrimonio não é um acto reflexo, não é resposta immediata a uma excitação; é um acto social de grande alcance que se determina por outras considerações, que não apenas os appetites carnaes.

Certamente, não convém que o amor falte na alliança de dois jo-

vens que projectam associar as suas vidas. mas ao amor se juntam elementos que são subministrados, não pelo instincto, mas sim pela razão, e esta não se rende tão facilmente aos processos empregados agora pelas jovens que buscam marido.

O que o esposo quer encontrar não é uma bacchante nua; é um ser modesto, decente, contido, é uma joven bem educada, reservada, com cultura, que pense, que tenha o espirito aberto aos interesses superiores, que seja laboriosa, séria, capaz de abnegação e que inspire confiança. Nem a toilette, nem o tango, nem o "fox-trot" garantem essas qualidades.

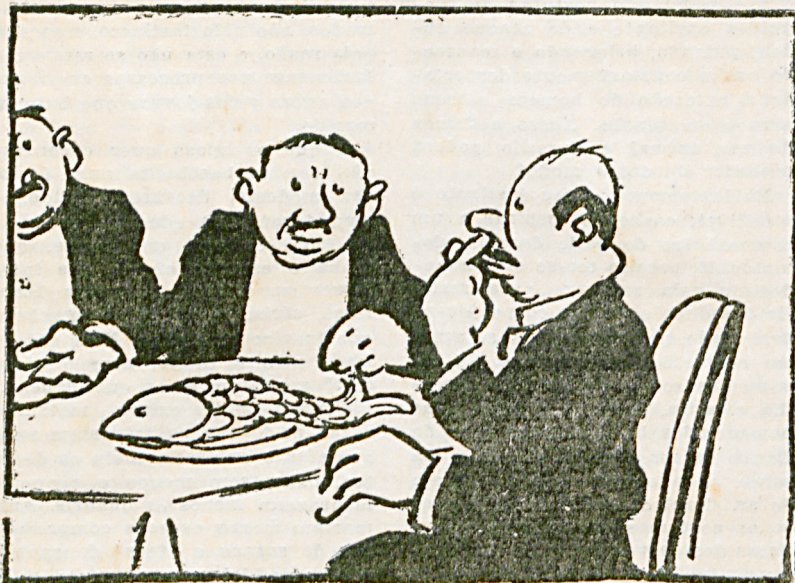
Teriam mais exitos matrimoniaes, as jovens, se baixassem mais as saias e subissem mais os decotes, dansassem menos o tango e meneassem menos os quadris. Animariam menos os seus companheiros de saraus e "tees" dansantes, mas attrahiriam e reteriam mais os homens recommendaveis. Por mais degradada que esteja hoje em dia a civilização, os costumes dos homens das cavernas têm pouca probabilidade de voltar. As jovens que sonham com a conquista do marido bom, obrarão prudentemente não se fiando no instincto e consultando, com criterio, a razão. Isso dará resultados mais salutaes do que caçar maridos que comem a isca e fogem da armadilha.

**Mex NORDAU.**



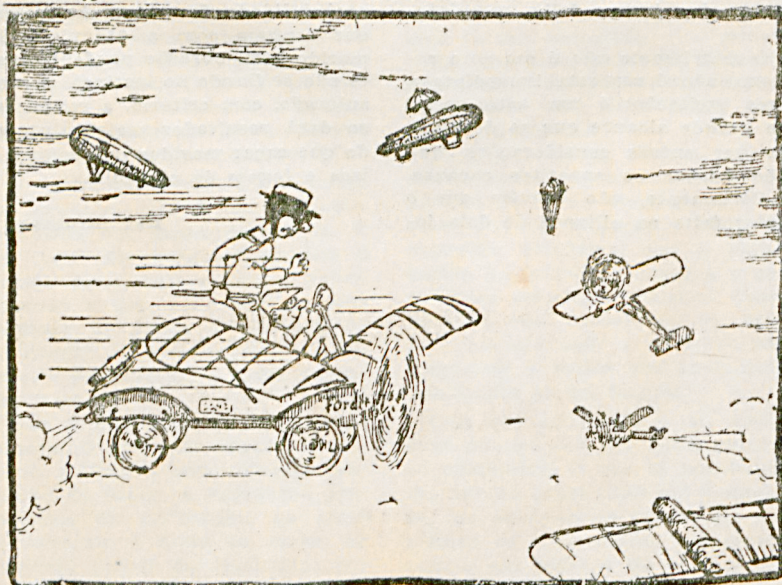
## CARICATURAS DO MEZ

BANQUETE NO TRIANON — PEIXE A' CAVOUR



— Pelo cheiro parece mesmo do tempo de Cavour...  
 Voltotino (*Pasq. Coloniale*).

## QUANDO OS "ALMOFADINHAS" VOAREM



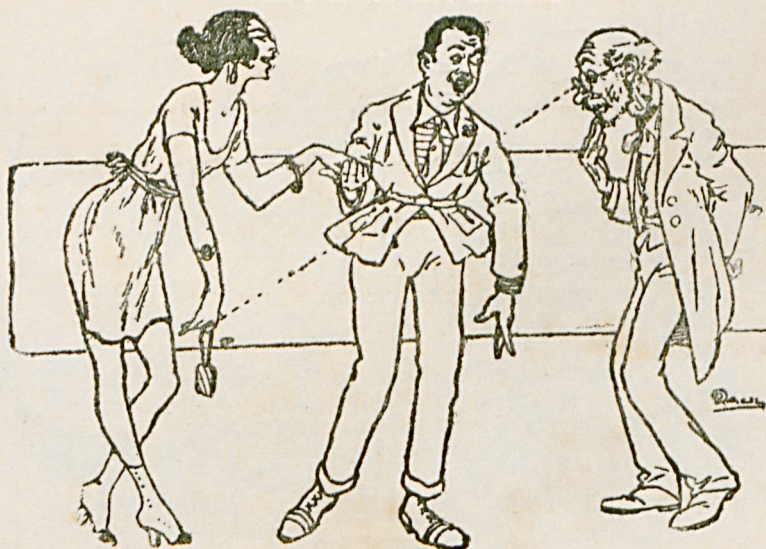
— Chispa p'ra traz ! Olha o aeroplano do alfaiate!!...  
 Santiago (*D. Quixote*).

OS CANDIDATOS VEM SURGINDO...



— E este “zinho” mais novo, também vai ser bacharel, d. Maricota?  
 — Este, quando crescer, diz que será aviador; e já prometeu concluir o  
 “raid” a Buenos Aires. Jefferson (*O Jornal*).

SORPRESAS DA MODA



— Safa! Como essa criança está crescida!  
 — Não é minha filha, vovô, é minha cara metade. Raul (*D. Quixote*)

## O "MARCHANTE" PROTESTA



— Mas antigamente um vestido assim custava 50 % mais barato.  
 — E', mais o senhor sabe, a carne augmentou...

Kalixto (*D. Quixote*).

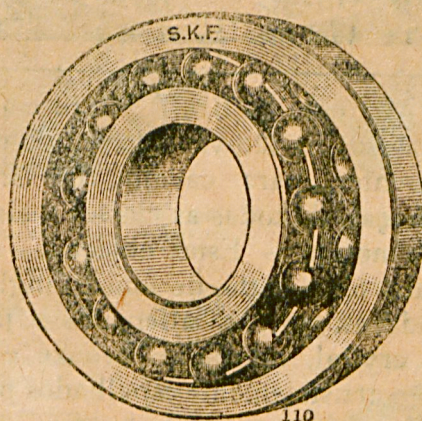
## O ESQUECIDO...



O Centenario á porta: — Terá morrido o dono desta casa?  
 Loureiro (*O Jornal*).

# SKF AUTO - COMPENSADOR

TENDO A PROSPERIDADE POR BASE A  
ECONOMIA, NADA MAIS JUSTO DO QUE  
LEMBRARMOS-LHES OS ROLAMENTOS **S.K.F.**



ELIMINANDO O ATTRITO EM SEUS MACHINISMOS  
OS **S.K.F.** EVITAM O DESPERDICIO DE ENERGIA  
E LUBRIFICANTES, CONTRIBUINDO PARA O  
:::: ENGRANDECIMENTO DE SUA INDUSTRIA ::::

PEÇAM INFORMAÇÕES À:

## COMPANHIA **S.K.F.** DO BRAZIL

RIO DE JANEIRO  
141, R. DA QUITANDA  
CAIXA, 1452

SÃO PAULO  
57-A R. SÃO BENTO  
CAIXA, 1745

# LOTERIA DE S. PAULO

Em 31 de Dezembro

## 200:000\$000

Por 9\$000

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM  
TODA A PARTE

ACIDO URICO - URICEMIA  
CYSTITES - BEXIGA-RINS  
RHEUMATISMO - CALCULOS  
AREIAS - PYELITES - UREMIA

ARTHRITISMO

# BI-URO

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE  
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00

## Na REVISTA DO BRASIL

ACHA-SE A' VENDA O NOVO ROMANCE DE  
CANTO E MELLO

**Reliquias da Memoria . . . . . 4\$000**

E TAMBEM OS SEUS LIVROS ANTERIORES:

**Bucolica . . . . . 1\$000**

**Alma em delirio . . . . . 4\$000**

**Mana Silveria . . . . . 4\$000**

PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM VIR ACOMPANHADOS DE  
MAIS 10 % PARA O PORTE

## REVISTA DO BRASIL

CAIXA, 2-B - S. PAULO

OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

Companhia Grande Manufactura de Fumos e Cigarros

"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO

# HOLMBERG, BECH & CIA.

---

---

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

== S. PAULO ==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.



## INDICADOR

### ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE' SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

### TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

### CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

### ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

**Livraria Drummond** Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

**ED. DRUMMOND & CIA.**

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

**BENTO LOEB**

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Sérvices en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

## A NOVELLA NACIONAL

Acaba de apparecer o primeiro volume desta interessantissima collecção, collaborada pelos mais notaveis novellistas nacionaes e publicada sob a-direcção de AMADEU AMARAL (da Academia Brasileira). Cada exemplar, artisticamente confeccionado, impresso em excellente papel e illustrado com varias gravuras, contém de 60 a 80 paginas em formato 16 1/2 por 12 1/2 centimetros e custa 1\$000. Pelo correio, registrado, 1\$200.

Já está á venda o primeiro volume:

**A PULSEIRA DE FERRO** — por AMADEU AMARAL (da Academia Brasileira), com illustrações de Ruy Ferreira.

A seguir:

**OS NEGROS** — por MONTEIRO LOBATO, o festejado auctor

A NOVELLA NACIONAL é série de pequenos livros, nos qual se mira o seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Para alcançar esse triplice objectivo, que se pode condensar no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS, pomos á disposição dos autores e do publico toda a nossa boa vontade, e pedimol-a igual, tanto a uns como ao outro.

Aos primeiros, como aos segundos, não serão indifferentes os beneficios que de iniciativas desta ordem poderão advir: maior divulgação da boa literatura e melhor educação literaria das massas populares. Para obter taes resultados, era preciso um intermediario: o editor que buscasse o meio de pôr o livro ao alcance de todos, evitando, porém, o grosseiro recurso ás edições mal compostas, mal impressas, sem resquicio de elegancia, sem traço de arte, não só porque o livro materialmente mal feito é livro que repugna a muita gente, como também porque se torna um detestavel agente de propagação do mau gosto entre aquelle que o toleram. Esse intermediario, nós pretendemos sel-o, e esta série de pequenas novellas é o nosso primeiro ensaio nesse caminho.

O TEXTO — Constará este, em cada volume, de uma curta novella, a cujo autor deixamos completa liberdade de concepção e execução, só exigindo que a obrinha possa entrar em toda parte sem o menor inconveniente.

OS AUTORES — Os autores serão, de preferencia, escripto-

res já vantajosamente conhecidos. Entretanto, não recusaremos a contribuição dos que ainda não alcançaram maior nomeada, e até dos inteiramente obscuros.

Se a obra tiver valor, se merecer entrar em concurso com as que disputam as boas graças do publico, nestes torneios flo-raes da intelligencia, não vemos porque não deva ser incluída na collecção. Ao contrario, teremos grande prazer, se pudermos cooperar para que se affirme alguma nova personalidade brilhante, para maior gloria das nossas letras. Nestas condições, estamos promptos a receber os originaes que nos quizerem confiar para exame.

O VOLUME — Constará cada um de 60 a 80 paginas, no formato de 16 1/2 por 12 1/2 centimetros, em bom papel, com illustrações de verdadeiros artistas, e não de pretensos artistas ou de curiosos.

ORDEM DA PUBLICAÇÃO — Apparecerá approximadamente, um volume por mez, o qual será exposto á venda, ao mesmo tempo, em todos os Estados.

O PREÇO — E' de dez tostões por volume, o mais barato possível, nas actuaes condições da industria typographica, com a carestia do papel e da mão de obra, e com a necessidade, tão essencial como qualquer outra, de retribuir, embora modestamente, mas devéras, o trabalho dos autores e illustradores.

Eis ahí clara e lealmente exposto o nosso programma, para todos quantos queiram trabalhar connosco, e para o publico a quem desejamos sinceramente servir e cujo favor impetramos.

OS EDITORES

**Pedidos á Soc. Editora Olegario Ribeiro**

**RUA DIREITA, 27 (2.º andar - Caixa Postal, 1172 - S. PAULO**

# MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechnico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES  
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

**J. Galberto de Oliveira**

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

**AS MACHINAS**

# **LIDGERWOOD**

**para Café, Mandioca, Assucar,  
Arroz, Milho, Fubá. -----**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

**GRANDE STOCK** de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

**Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.**

**CLING SURFACE** massa sem rival para conservação de correias.

**IMPORTAÇÃO DIRECTA** de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

---

**PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.**

**DIRIGIR-SE A'**

**Rua São Bento, 29-c - S. PAULO**

SEÇÃO DE OBRAS D' O ESTADO DE S. PAULO

